



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Conhecimento e Inclusão Social em Educação
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

**CURRÍCULO DA NUDEZ: RELAÇÕES DE PODER-SABER NA PRODUÇÃO DE
SEXUALIDADE E GÊNERO NAS PRÁTICAS CIBERCULTURAIS DE *NUDE
SELFIE***

Autora: Luíza Cristina Silva Silva

Orientadora: Profa. Dra. Shirlei Rezende Sales

Belo Horizonte
2018

Luíza Cristina Silva Silva

**CURRÍCULO DA NUDEZ: RELAÇÕES DE PODER-SABER NA PRODUÇÃO DE
SEXUALIDADE E GÊNERO NAS PRÁTICAS CIBERCULTURAIS DE *NUDE
SELFIE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG, linha de Pesquisa Currículos, Culturas e Diferença, sob a orientação da Profa. Dra. Shirlei Rezende Sales, para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Belo Horizonte
2018

S586c
T

Silva, Luíza Cristina Silva, 1991-
Currículo da nudez : relações de poder-saber na produção de sexualidade e gênero nas práticas ciberculturais de nude selfie / Luíza Cristina Silva. - Belo Horizonte, 2018.
135 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientador : Shirlei Rezende Sales.

Bibliografia : f. 127-133.

Apêndices: f. 134-135.

1. Educação -- Teses. 2. Educação sexual -- Teses. 3. Currículos -- Teses.
4. Sexo -- Teses. 5. Educação sexual -- Currículos -- Teses. 6. Nudismo --
Aspectos políticos -- Teses. 7. Educação -- Relações de gênero -- Teses.
8. Adolescentes -- Comportamento sexual -- Teses. 9. Comunicação de massa e
sexo -- Teses. 10. Redes sociais on-line -- Aspectos políticos -- Teses.
11. Erotismo -- Aspectos sociais -- Teses. 12. Fotografia erótica -- Aspectos
sociais -- Teses. 13. Cibercultura -- Teses.

I. Título. II. Sales, Shirlei Rezende, 1973-. III. Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 613.907

BANCA EXAMINADORA

Dissertação intitulada “Currículo da Nudez: relações de poder-saber na produção de sexualidade e gênero nas práticas ciberculturais de *nude selfie*”, defendida por Luíza Cristina Silva Silva, em 28 de fevereiro de 2018, e examinada pela banca composta pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Shirlei Rezende Sales - UFMG
Orientadora

Profa. Dra. Maria Paula Sibilia - UFF
Examinadora Externa

Profa. Dra. Renata Pereira Lima Aspis – UFMG
Examinadora Interna

Prof. Dr. Marlécio Maknamara da Silva Cunha – UFBA
Suplente

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha vó Terezinha Conceição de Silva que nasceu nas margens do rio Purus na Amazônia.

AGRADECIMENTOS

O segredo de um sentimento é aprender a respirar para fora
Susan Sontag

Agradeço à minha mãe por cada ato de amor, pelas palavras de força e determinação, por consolar meus choros de saudade durante esses oito anos longe dos seus braços. Agradeço pelo incentivo à leitura e por ter despertado em mim a vontade de estudar e a fome de conhecimento. Com você me sinto mais forte. És essencial na realização desta conquista.

Ao meu pai, pelo exemplo de luta diária no trabalho, pelo financiamento dos meus estudos em todos esses anos, pelo amor e pela inspiração. Agradeço ao meu irmão Gabriel pelo exemplo de cuidado e amorosidade com o próximo. Agradeço à minha irmã Catarina por existir. Aos meus avós, primas e primos, tios e tias.

Ao meu tio Francisco Silva (Bido), pela força ancestral que nos une! Por ter despertado o reconhecimento da negritude em minha vida e por proporcionar a força para enegrecer o que foi embranquecido.

Ao meu companheiro Wesley, por todo o amor cotidiano. Por dividir o lar comigo durante todos os dias em que me dediquei à escrita desta dissertação. Por deixar minha existência superiormente interessante através dos livros, conceitos, mundos, poesias, orixás, candomblé... e por me proporcionar tanto prazer!

Às minhas amigas poderosas, feministas, inteligentes, lindas e inspiradoras: Talita Aquino, Lívia Alcântara, Izabel Abreu, Savana Brito, Layza Queiroz, Thalita Rody, Kênia Araújo, Isabela Ladeira, Paula Viana, Érica Monteiro, Mariana Machado, Emily Ucceli (também pela tradução para o inglês dos muitos resumos que escrevi ao longo do mestrado), Raul Gondim, Ismael Silveira e Douglas Tomaz. E ao Bernardo, por possibilitar o lar doce lar em Belo Horizonte.

À minha orientadora Shirlei Sales, por me proporcionar tantos conhecimentos, por ter acreditado em mim, por me potencializar como profissional e por me inspirar muito. Agradeço imensamente pela leitura atenciosa nas inúmeras versões desta

dissertação, pelas sugestões e dicas preciosas. Sou especialmente grata pela coordenação exemplar do grupo de orientação e pela ética profissional.

Ao grupo de orientação, pelos olhares atenciosos e amorosos, pelas sugestões, pelo companheirismo da Luiza, Paula, Gabriel, Heloisa, Aline, Rafaela, Évely, Carla, Gislene e Marco Polo, vocês foram muito importantes na minha caminhada. Agradeço de maneira especial à Jéssica pela amizade, por toda atenção, pelo amor, pelo consolo das angústias, por me proporcionar confiança, por me ouvir e por responder minhas mensagens de forma tão linda e prestativa.

Ao Observatório da Juventude (OJ), por ser um projeto tão potencializador e transformador. Gratidão enorme por cada espaço formativo e por proporcionar encontros tão ricos e com pessoas tão maravilhosas que estão comprometidas com a luta social. Sinto-me muito orgulhosa de ter construído esse projeto com Romulo, Luisa, Pollyane, Symaira, Juliana, Juarez, Thais, Geraldo, Jaqueline, Licinia, Isabela, João Paulo, Ananda, Thais V., Bréscia, Oliver e Jorddana.

Ao GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas), pelas discussões tão formativas e pelas infinitas trocas enriquecedoras. Agradeço à Tayline, Camila, Maíra, Erika, Glaucia, João Paulo, Rhaissa, Gabriela, Laysnara e Heloisa.

Ao Lucas Brandão, pelas aulas de Yoga, que me proporcionaram paz, harmonia e bem-estar.

Às entidades que me guiam, protegem-me e abrem meus caminhos. Gratidão à rainha da floresta! Gratidão às caboclas da mata! Gratidão à rainha do mar, que cuida da minha cabeça, salve mamãe Yemonjá. Gratidão à minha mãe Oxum, Ora yê yê ô! Ao meu pai Oxóssi, Okê Arô. Gratidão à minha ancestralidade indígena e todos os seres de luz que me conduzem.

“Para ser absolutamente único você precisa ser muitos,
e isto não é uma metáfora”

Donna Haraway

RESUMO

A prática de capturar e compartilhar a própria nudez a partir do autorretrato nu contribui para que o corpo, a sexualidade, o gênero e a nudez integrem a rede mundial de computadores e outros artefatos digitais. Na prática do *nude selfie*, milhares de usuárias/os exibem autorretratos nus nas redes sociais digitais. Essa multiplicidade de corpos nus expostos, publicados e compartilhados constitui relações de poder contemporâneas e formas de fabricar modos de vivência da sexualidade e do gênero de maneira amalgamada com as tecnologias digitais. Nesse viés, o presente trabalho teve por objetivo investigar os modos de atuação do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura. Nesta investigação, o currículo da nudez foi pesquisado por meio da netnografia de três grupos secretos na rede social *Facebook*. Os grupos secretos existem com intuito principal de trocar, publicar e brincar com autorretratos nus. Foram realizadas também entrevistas *online* com dez participantes dos grupos, para complementar e aprofundar a produção das informações. A análise desta pesquisa foi elaborada sob a perspectiva pós-crítica e os principais conceitos utilizados são: currículo como artefato cultural que está em múltiplos espaços e se desdobrando em diferentes pedagogias (PARAÍSO, 2010); gênero como “o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2014, p. 253) e sexualidade como um dispositivo histórico constituído por relações de poder (FOUCAULT, 2014). O argumento desenvolvido nesta dissertação é o de que o currículo da nudez é constituído por relações de poder-saber em torno do gênero e da sexualidade, que atuam prescrevendo formas adequadas, seguras e prazerosas de existência. Tais prescrições curriculares operam tanto na reiteração das normas sociais quanto na sua denúncia e transgressão. Nesse sentido, pelo menos duas posições de sujeito são produzidas nessas relações travadas no currículo: ciborgue e *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essas posições são marcadas pela íntima conexão com as tecnologias digitais e pela transgressão dos imperativos morais. Ciborgues são ensinadas a serem *fruta-de-sermos-nós-mesmas* que frutificam o prazer, a autoestima e a ação política a partir do autorretrato nu e, assim, produzem práticas dissidentes às normas de gênero e de sexualidade.

Palavras-chave: Currículo. Sexualidade. Gênero. Ciborgue. Posição de Sujeito.

ABSTRACT

The practice of capturing and sharing one's nudity from naked self-portrait contributes to the body, sexuality, gender, and nudity integrating the worldwide network of computers and other digital artifacts. In the practice of self-nude thousands of users display naked self-portraits on digital social networks. This multiplicity of exposed nude bodies published and shared constitute contemporary power relations and ways of fabricating ways of experiencing sexuality and gender in a manner amalgamated with digital technologies. The present text aims to investigate the ways in which the curriculum of nudity works in the production of sexuality and gender relations in cyberculture. In this investigation, the nudity curriculum was researched through the netnography of three secret groups on the social network Facebook. Secret groups exist with the main purpose of exchanging, publishing and playing with naked self-portraits. Online interviews with ten participants of the groups were also carried out to complement and deepen the information production. The analysis of this research was elaborated from a post-critical perspective and the main concepts used are: curriculum as a cultural artifact that is in multiple spaces and unfolding in different pedagogies (PARAÍSO, 2010); gender as "the mechanism by which the notions of masculine and feminine are produced and naturalized, but gender may well be the apparatus by which these terms can be deconstructed and denatured" (BUTLER, 2014, p.253) and sexuality as a historical device constituted by relations of power (FOUCAULT, 2014). The argument developed in this dissertation is that the nudity curriculum consists of power-knowledge relations around gender and sexuality, which act by prescribing adequate, safe and pleasurable forms of existence. Such curricular prescriptions operate both in reiterating social norms and in denouncing and transgressing them. In this sense, at least two positions of subject are produced in these relations locked in the curriculum: cyborg and fruits-of-being-ourselves. These positions are marked by the intimate connection with digital technologies and the transgression of moral imperatives. Cyborgs are taught to be fruit-of-themselves-ones that fruition pleasure, self-esteem and political action from naked self-portrait and thus produce dissident practices to gender norms and sexuality.

Keywords: Curriculum. Sexuality. Genre. Cyborg. Subject position.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo para criar um grupo no Facebook	48
Figura 2 - Grupo Teste	49
Figura 3 - Descrição, TAGS, Locais dos Grupos Facebook	49
Figura 4 - Cultura do Estupro	55
Figura 5 - Dados sobre vazamento de autorretrato nu.....	59
Figura 6 - Fragmento do Guia Sensual de Segurança Digital	60
Figura 7 - Liga Pontos	62
Figura 8 - Homens e Mulheres Trocando <i>Nude Selfie</i>	65
Figura 9 - Homem Mandando <i>Nude Selfie</i>	67
Figura 10 - Privilégio.....	69
Figura 11 - Denúncia sobre Amamentação em Espaços Públicos.....	71
Figura 12 - <i>Nudes</i> enviados no Grupo	79
Figura 13 - Respeita as mina!	81
Figura 14 - Autorretrato e Corpo Subversivo.....	83
Figura 15 - Este corpo é meu!	86
Figura 16 - Amar o corpo	88
Figura 17 - "Nosso corpo como ele é"	88
Figura 18 - Acordar Feliz	89
Figura 19 - Amar-se e render boas fotos	89
Figura 20 - "Amor com nós mesmas"	89
Figura 21 - "Gosto do meu corpo negro"	91
Figura 22 - Anatomia do Autoprazer.....	92
Figura 23 - Ética do <i>Nude</i>	97
Figura 24 - Ética do <i>Nude</i> – segundo comentário	99
Figura 25 - Diferença de <i>Nude Selfie</i>	101
Figura 26 - Autorretrato e <i>Crush</i>	102
Figura 27 - Bem lá no fundo, quem sou eu?.....	104
Figura 28 - Brincadeira e <i>Nude</i>	106
Figura 29 - Brincadeira do Pontinho	108
Figura 30 - Não sou homo mas quero!	109
Figura 31 - Chuva de <i>Nudes</i>	110
Figura 32 - <i>Nudes</i> de Niver	111
Figura 33 - <i>Nudes</i> de Gratidão.....	112
Figura 34 - Dá uma chance para os apps	113
Figura 35 - Como agir no <i>Tinder</i> ?	115
Figura 36 - Eu como mulher negra.....	116
Figura 37 - Segurança.....	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 PROCESSOS DE CRIAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: O CURRÍCULO DA NUDEZ NA REDE PRODUTIVA DA SEXUALIDADE E DO GÊNERO NA CIBERCULTURA.....	23
2.1 Currículo da Nudez.....	25
2.2 Dispositivo da Sexualidade.....	28
2.3 Performatividade de Gênero.....	31
2.4 Tecnologias Digitais: constituindo ciborgues no ciberespaço e na cibercultura.....	35
2.5 Criações Metodológicas	38
2.6 Procedimentos Metodológicos.....	46
3 O CURRÍCULO DA NUDEZ NA CRIAÇÃO DE PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA QUE DENUNCIAM RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE SEXUALIDADE E GÊNERO NA CIBERCULTURA	53
3.1 Denúncias do currículo da nudez na criação de práticas de resistência.....	54
3.2 Regimes de corporeidade nas relações de sexualidade e gênero no currículo da nudez	64
4 “ <i>AQUELE TESÃO REPENTINO POR SI MESMA</i> ”: O CURRÍCULO DA NUDEZ NA PRODUÇÃO DE RELAÇÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO NA CIBERCULTURA	73
4.1 As <i>Frutas-de-sermos-nós-mesmas</i> e a transgressão dos imperativos morais no currículo da nudez	75
4.2 A <i>Fruta-de-sermos-nós-mesmas</i> e o corpo político no currículo da nudez.....	81
4.3 As práticas das <i>Frutas-de-sermos-nós-mesmas</i> sobre si na produção de uma arte de existir: autoestima, prazer e amor por si mesma.....	87

5 <i>CRUSH</i> , AFETOS E CHUVA DE <i>NUDES</i> : O CURRÍCULO DA NUDEZ NA PRODUÇÃO DAS SEXUALIDADES NA CIBERCULTURA	94
5.1 “Crush é para quem eu mando <i>nudes</i>”: sexualidades e afetividades no currículo da nudez.....	97
5.2 <i>Nude selfie</i> para diversão e segurança: dissidência à heteronormatividade nas redes seguras de envio de autorretrato nu	103
5.3 Afetividade e Segurança: os aplicativos móveis na produção de relações de sexualidade no currículo da nudez	113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA SEXUAL CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	127
APÊNDICES	134

PREFÁCIO

Híbridos, quimeras, ficções, fronteiras, encruzilhadas, mosaicos, trânsito, corpos moventes, fissuras, ambiguidades, experimentos, entre-lugares. Cambiar, desenraizar, cruzar, embaralhar, resistir. Ciborgue. Aqui, apresento as criaturas que emergem do currículo da nudez. Essas carregam os discursos que as constituem como a força viva da sua própria existência. Ciborgues refazem o já feito, repetem ditos, mobilizam aparatos sociais e estão comprometidas com a desobediência. Estão empenhadas em mudar o mundo, romper fronteiras, instaurar confusões. A confusão ciborgue encontra-se no embaralhar de binarismos históricos entre organismo e máquina, homossexual e heterossexual, mente e corpo, físico e não físico, natural e artificial, feminino e masculino, ficção e realidade, ativa e passiva, primitivo e civilizado. Ciborgues são tanto naturais quanto fabricadas. Portanto, os sujeitos produzidos no currículo da nudez constituem transgressões perigosas, fusões potentes, múltiplas possibilidades de existência.

No currículo da nudez, ciborgues elaboram um trabalho político que está comprometido com a resistência às assimetrias de poder. Elas denunciam, também nas redes sociais, atos de violência, abusos e relações não consensuais. Atribuem visibilidade às violências que sofreram ou foram praticadas a partir da divulgação não consensual de autorretratos nus. Ciborgues transgridem, estão na contracorrente e na linha de frente do confronto político. Essas criaturas não se deixam fixar aos ditames da sociedade, produzem seus próprios modos de vida, suas formas singulares de desobedecer e nadar contra o fluxo que subtrai a vida. Estão comprometidas com as reinvenções que objetivam o fim de todas as assimetrias de poder que enfraquecem a vida dos sujeitos. Ciborgues são muitas, o pessoal e o coletivo ao mesmo tempo em um mar de diferença. São seres que ultrapassam a si mesmos.

Ciborgues são descritas com o artigo “a”, nesta dissertação, que na língua portuguesa é um artigo feminino. No entanto, essa escolha gramatical não determina o gênero ciborgue. Até porque ciborgues são sujeitos pós-gênero, ou seja, são seres que não se fixam entre o polo fictício feminino ou masculino. Ciborgues elaboram um trabalho político em que as polaridades são transformadas em ambiguidade que confunde e ultrapassa os dois lados do gênero. São criaturas em constante

transformação que não se deixam fixar pelas normas sociais, estão em trânsito, estão desenraizadas e vivem a transgressão ao criar a própria existência.

Ciborgues também são seres cujas emoções, sentimentos e sensações são produzidos em consonância com a vibração, o toque ou o barulho que o *smartphone* aciona. O corpo-máquina-digital-ciborgue é capaz de produzir infinitas sensações como fascínio, dor, tesão, ciúmes, vontades e desejos, muitos desejos, até de pessoas que se transformam em *crush*. O corpo se funde na interação com *smartphone*, resultando em uma criatura própria do período histórico contemporâneo, de intensa conexão mundial de diferentes artefatos digitais. No currículo da nudez as ciborgues produzem sexualidade e gênero de maneira híbrida com a tecnologia. Os seus *smartphones* se transformam em espelhos digitais capazes de fotografar autorretratos por ângulos do corpo nunca antes vistos por elas. Assim, o espelho digital produz não apenas um reflexo, mas uma múltipla produção de si e das relações sociais que se materializam em fotos e vídeos no *smartphone*. Ainda, possibilita a difusão das imagens por transmissores e receptores de informação em “tempo real”. Sendo assim, autorretratos nus são capturados cotidianamente e publicados em diferentes aplicativos, sites, grupos nas redes sociais.

Ciborgues são ensinadas a serem também *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, no currículo da nudez. Isso significa que podem assumir de maneira provisória, fluida e transitória a posição estético-política: *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essa configura-se como uma produção discursiva do sujeito no currículo, que disponibiliza modos de ser caracterizados pela prática de saborear seus próprios corpos como frutas a partir de autorretratos nus em *smartphones*. As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* apresentam também a dimensão da sexualidade e do gênero nas análises discursivas desta dissertação. Isso porque, além de ciborgues, ao se autofotografarem nuas com *smartphones*, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* elaboram um trabalho sobre si mesmas que produzem amor e autoprazer.

No currículo da nudez, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* se sentem lindas, gostosas, libidinosas e safadas ao divulgarem autorretratos nus nas redes sociais. Elas interditam o padrão estético normativo de corpos magros, brancos, malhados e acionam ditos de amor ao próprio corpo e ao de outras mulheres. As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* transgridem a heteronormatividade e criam trocas de intensidades e experimentações afetivas e sexuais de maneira plural, de modo que os desejos, prazeres e práticas dissidem da heterossexualidade compulsória. Vaidade, autoestima, beleza,

nude selfie, crush, nudez, feminismo, sexualidade, política, corpo, namoro a si mesma são dimensões das produções discursivas dos modos de existência *fruta-de-sermos-nós-mesmas*.

1 INTRODUÇÃO

Eu não acho que a internet é uma parte da nossa vida, acho que ela é a nossa vida. E os *likes* hoje em dia e o nível de aceitação da internet está pau a pau com o nível de aceitação da sua família, amigos (...) O celular é tão importante para mim quanto o meu braço!

Nátaly Neri – Youtuber do Canal Afros e Afins¹

Os ditos acima se somam às análises que esta dissertação desenvolve no que tange às relações sociais em fusão com as tecnologias digitais. A afirmação evidencia características da sociedade contemporânea globalizada marcada pelo intenso uso dessas tecnologias. Dizer que a internet “é a nossa vida”, que os *likes* afetam a “aceitação” social e que “o celular é tão importante” quanto o próprio braço mostra a produção dos modos de ser sujeito e a modificação, na contemporaneidade, de fatores políticos, sociais e culturais que constituem modos de existência. O processo de fusão do *smartphone* ao corpo no nível de se tornar tão importante quanto um membro dele mostra que tecnologias, corpo e modos de existência se produzem em uma relação amalgamada.

A força das tecnologias digitais na produção de modos de vida está na potência de compartilhar dados na forma de dígitos, em conjunto com a integração de processadores em rede de alta velocidade (MARTINO, 2014). Nesse sentido, surge a internet, em um contexto de guerra, como parte de uma rede de operações militares norte-americanas durante os anos 1950 e 1960. Em 1991, pesquisadores europeus desenvolveram a “World Wide Web”, criando páginas e sites (MARTINO, 2014). Assim, criou-se uma “teia de conexões descentralizadas que veio a se tornar internet” (MARTINO, 2014, p. 12). No Brasil, é por volta de 1994 e 1995 que a rede começa a ganhar espaço em universidades e empresas. Nos anos 2000, surgiu a Web 2.0, uma plataforma dinâmica, que apresenta elevado grau de interatividade, produção e uso de conteúdos pelos/as usuários/as.

A Web 2.0 é uma plataforma em constante transformação. Tudo isso, “em oposição ao caráter ‘fixo’ da Web 1.0, que operava ao redor, sobretudo, de ‘páginas’

¹ Vídeo postado no dia 8 de novembro de 2017, de título “Nossa Vida com a Internet”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pGCp-4L9oCI>. Acesso em: 16 de novembro de 2017

como elementos relativamente estáveis” (MARTINO, 2014, p. 13). Nos anos 2000, a compra de computadores torna-se mais acessível para uma pequena parcela da população, e a partir de 2005 a internet passa a fazer cada vez mais parte do cotidiano. Dessa maneira, o cotidiano é vivido na relação intensa com as tecnologias digitais e sujeitos fundem-se em uma amálgama social, pesquisada e analisada nesta dissertação. Assim, desenvolveu-se como objeto de estudo a produção das relações de sexualidade e gênero na cibercultura. Para isso, foi necessário compreender as tecnologias digitais na interface com as relações de sexualidade e gênero. A prática contemporânea do *nude selfie*, ou seja, o autorretrato nu, mostrou-se um potente ponto de partida para iniciar a investigação. Trata-se de uma prática recente que tem tido presença marcante nas relações sociais contemporâneas, principalmente com o uso cada vez mais extensivo e intensivo dos *smartphones*, além do maior acesso à internet.

O *nude selfie* é uma prática, fruto das relações tecnológicas e sociais próprias da primeira década do século XXI. Mas como acontecia a produção das relações de sexualidade nas tecnologias digitais antes da prática do *nude selfie*? Segundo relato do pesquisador Luiz Felipe Zago (2015), que estudou a sociabilidade entre homens gays nas mídias digitais, em fins do século XX no Brasil existiam poucas *webcams* ou câmeras fotográficas digitais. Os celulares apenas realizavam ligações telefônicas e poucos mandavam e recebiam mensagem de texto. Os aparelhos não tinham câmeras fotográficas e filmadoras acopladas. “Nem se imaginava que os celulares pudessem acessar a internet remotamente, como é a nossa realidade hoje” (ZAGO, 2015, p. 155). Para o pesquisador, o corpo é digitalizado com os primeiros *scanners*, em que as antigas fotografias de papel eram escaneadas e enviadas por e-mail.

Ainda assim era muito difícil de visualizar qualquer imagem, pois a qualidade das conexões era muito baixa, a transmissão de dados era parca e cada fotografia às vezes demorava 5 minutos para abrir completamente. Esperávamos cada linha de pixels ser baixada para poder, finalmente, ver o corpo daquele com quem teclávamos. (ZAGO, 2015, p. 155)

Diferentemente das fotos digitalizadas por *scanners* e compartilhadas no passado, hoje, a troca de autorretratos nus e a publicação desses no ciberespaço são cotidianas para uma parcela da população brasileira. Segundo dados da Folha UOL, em outubro de 2015, entre a população de 16 a 30 anos, 33% dos homens e 16% das mulheres afirmaram que trocam autorretrato nu. Essa prática de capturar a própria nudez se tornou popular muito em decorrência da popularização do *smartphone*. Hoje,

para ter acesso aos inúmeros aplicativos eletrônicos, por exemplo, é necessário ter um “celular inteligente” (SIBILIA, 2016, p. 21). Esse artefato digital se tornou um “equipamento básico de quase toda a população mundial” a partir da primeira década do século XXI (SIBILIA, 2016, p. 21). Ou seja, é relativamente recente a possibilidade de acessar aplicativos, redes sociais, *e-mails* em tempo praticamente integral e isso ocasionou mudanças nas relações de sexualidade e gênero.

Essas transformações sociais estão em intrínseca relação com as tecnologias digitais. Por exemplo, a proliferação de autorretratos na cibercultura ocorre principalmente porque o *smartphone* tem acoplado ao seu sistema operacional a câmera fotográfica digital. De acordo com Sibilía (2016), para além dessa câmera já existente, surgiu por volta de 2013 no Brasil a câmera fotográfica frontal. Desse modo, surge outra possibilidade de captura de imagens: a fotografia de si mesmo, o *selfie*. Com o *selfie* é possível fazer vídeos e fotos de forma imediata e publicar nas redes sociais no mesmo instante. Essa proliferação de fotos, vídeos e autorretratos no ciberespaço abarca também o corpo e a sexualidade, o que envolve o *nude selfie*.

Nesse sentido, o *nude selfie* contribui para que o corpo, a sexualidade e a nudez passem a integrar a rede mundial de computadores e outros artefatos digitais (*smartphones, tablets, ipads*). Milhares de usuárias/os enviam autorretratos nus para grupos secretos no *Facebook*², nos grupos específicos de *nude selfie* no *Whatsapp*³, em mensagens privadas nas redes sociais digitais, vídeos instantâneos no *Instagram*⁴ e por inúmeras outras possibilidades. Essa multiplicidade de corpos nus exibidos nas redes sociais digitais forjam as relações de poder contemporâneas, assim como as relações de poder também constituem a prática do *nude selfie*. Dessa maneira, os modos de vivência da sexualidade e do gênero são produzidos de maneira amalgamada com as tecnologias digitais em meio às relações de poder.

Diante desse contexto de múltiplas conexões, tive como cerne da trama de criação desta dissertação o objetivo de analisar os modos de atuação do currículo da nudez nas relações de sexualidade e gênero na cibercultura. A vontade de investigar essas relações é fruto da minha trajetória militante – por meio da construção e atuação no Grupo de Diversidade Sexual e de Gênero da Universidade Federal de Viçosa,

²*Facebook* é uma rede social digital criada em 2004 nos Estados Unidos.

³*Whatsapp* é um aplicativo de mensagens instantâneas no *smartphone*. Criado em 2009 nos Estados Unidos.

⁴*Instagram* é uma rede social de compartilhamento de fotos e pequenos vídeos. Surgiu em 2010 nos Estados Unidos. Um dos seus cofundadores é brasileiro.

Primavera nos Dentes⁵–, a partir da qual foi possível elaborar os questionamentos, inquietações e ações políticas que, na época (2011 – 2015), centravam-se na contestação da heteronormatividade na Universidade Federal de Viçosa (UFV). A investigação das relações de sexualidade e gênero também fizeram parte da minha trajetória acadêmica no curso de geografia da UFV, em que escrevi uma monografia de conclusão do bacharelado, de título: “Tecnologias Políticas do Gênero e da Sexualidade no Espaço Escolar: Grafias atuantes no espaço da Escola Estadual Alice Loureiro em Viçosa – MG”. Nesse trabalho, investiguei as grafias, grifos e escritos que as/os estudantes desenhavam em paredes, banheiros e carteiras da escola no que tange às relações de sexualidade e gênero (SILVA, 2016). As inquietações sobre as tecnologias digitais, cibercultura e currículo se tornaram presentes a partir da minha inserção no mestrado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Principalmente, a partir do encontro com discussões, debates e estudos no GECC (Grupos de Estudos e Pesquisas em Currículo e Culturas), no Observatório da Juventude da UFMG e no grupo de orientação coletiva.

A partir dos encontros teóricos no campo dos estudos em educação, optei por analisar a ação do currículo da nudez na produção das relações de sexualidade e gênero na cibercultura sob a ótica do viés pós-crítico. Nomeio de currículo da nudez as produções discursivas de três grupos secretos do *Facebook* destinados ao compartilhamento de *nude selfie*. Isso foi feito por meio da concepção de currículo como um artefato cultural que produz sistemas de significados sociais (PARAÍSO, 2007; SILVA; 2015). Essa perspectiva apresenta uma noção ampliada de currículo que não se restringe ao espaço escolar. Assim, esse artefato está em múltiplos espaços na construção de práticas, vivências e sujeitos de determinado tipo (PARAÍSO, 2010). Por isso, o currículo na perspectiva pós-crítica desestabiliza a noção de que o conhecimento é construído apenas na sala de aula. Nesse sentido, foi possível analisar o currículo da nudez a partir do entendimento de que, na cibercultura, produzem-se modos desejáveis de ser sujeito, disponibilizam-se modos de ser a partir de verdades autorizadas e saberes fabricados por relações de poder.

⁵ Primavera nos Dentes é um grupo de diversidade sexual e de gênero da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O coletivo surgiu em 2008, quando um grupo de estudantes se organizou para a construção de espaços de debate sobre a vivência estudantil em torno das práticas de sexualidades não heteronormativas. O grupo construiu em 2012 o Fórum de Políticas de Gênero e Sexualidade da UFV, em que foram deliberadas políticas de assistência estudantil para pessoas LGBTQI na universidade, assim como a Semana de Arte LGBT em 2011.

No desenvolvimento deste trabalho, as relações de poder para Michel Foucault (2008a; 2014a; 2014b; 2017) perpassaram todas as criações analíticas. Nessa concepção, o poder “designa relações entre ‘parceiros’ (...) em um conjunto de ações que se induzem e se correspondem umas às outras” (FOUCAULT, 2014b, p. 129). Por isso, o poder não é uma propriedade de classe ou de alguém em particular e, sim, uma estratégia que se estabelece nas relações sociais. O poder age sobre um campo de possibilidades de ações e está sempre em movimento no conjunto de correlações de forças. No currículo da nudez, produz as relações sociais, fabrica sujeitos de determinado tipo, constrói um campo autorizado do saber e é constituído por estratégias, técnicas e tecnologias. E essas relações de poder são produzidas discursivamente.

O discurso é um conceito imprescindível nas análises do currículo da nudez. A noção de discurso, a partir de Foucault (2008b), possibilitou o entendimento histórico das condições de emergência das coisas ditas. Dessa maneira, foi possível interrogar e analisar as lutas históricas da produção de sentido e do sistema de significação social a partir de um campo de discursividades, pois um discurso aparece sempre sob condições específicas de tempo e espaço (FISCHER, 2013). Sendo assim, o discurso forma e produz aquilo que nomeia.

Assim, o discurso, além de ser construído por condições históricas de emergência, por um conjunto de saberes e formas de veridicção, também produz sujeitos de certo tipo. O currículo da nudez fabrica pelo menos dois tipos de sujeito: ciborgue e *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essas posições serão apresentadas em suas minúcias nos três capítulos analíticos desta dissertação. Mas vale ressaltar aqui que posições de sujeito são posições discursivas que produzem o sujeito, atribuem-lhe um lugar e uma série de práticas específicas em um campo de discursividade (FOUCAULT, 2008b).

Diante dessa perspectiva teórica e com a finalidade de responder ao problema de pesquisa, realizei uma netnografia em três grupos secretos no *Facebook*, que existiam com o intuito principal de trocar autorretrato nu, conversar sobre experiências sexuais, prazeres e desejos. Vídeos, *memes*, comentários, publicações, brincadeiras foram analisados a partir de uma noção consensual de que algumas informações não poderiam ser publicadas, mesmo sendo preciosas para as análises. O consenso sobre o uso das informações na pesquisa foi construído com autorização dos três grupos pesquisados diante de negociações como a garantia do anonimato, o recorte de informações de fácil

identificação e a não divulgação de autorretratos nus. Nesse sentido, a pergunta problema foi analisada a partir dos ditos disponíveis com foco na discussão das relações de poder-saber de sexualidade e gênero no currículo da nudez.

Assim sendo, atribuí nomes fictícios para cada grupo. O maior deles chamo de *Somente Libidinosas* e apresenta mais de quatorze mil usuárias do *Facebook* em todo o Brasil. O segundo, que nomeei de *Gostosuras*, é o que apresenta três mil usuárias, com predomínio do estado de Minas Gerais nas discussões. Ao terceiro atribuo o nome de *As Minas*, com mais de oito mil usuárias de todo o Brasil, sem predomínio de uma região ou estado, com a especificidade de ser movimentado também pelos relatos de experiência, desabafos e denúncias de estupro e outros abusos sexuais. Os três não permitem a entrada de homens cisgêneros⁶, a partir do entendimento de que os grupos têm objetivos de partilha e fortalecimento entre mulheres cisgêneras, pessoas trans⁷ e não-binárias⁸. Estive atenta também às discussões, que mostram práticas e vivências de sexualidades não-hegemônicas, que dissidem da heteronormatividade.

Para explorar informações em seus pormenores e também para registrar informações específicas que os grupos não disponibilizam, realizei conversas *online* com dez colaboradoras dos três grupos. Elas são caracterizadas como tendo no mínimo dezoito anos (fato explícito no documento de consentimento livre e esclarecido, assinado por cada uma delas) e no máximo vinte e nove. Todas afirmaram ser do contexto urbano e acessar a internet sempre que podem pelo *smartphone* e *notebook*. Quatro delas disseram que são negras, três afirmaram que são pardas e as outras três, brancas. Todas se classificaram como de classe média e residentes no estado de Minas Gerais. Quanto à profissão, quatro são estudantes de graduação, uma é professora de inglês, três são estudantes de mestrado, uma estudante de doutorado e uma é vendedora.

A partir das análises, esta dissertação desenvolve o argumento geral de que o currículo da nudez é constituído por relações de poder-saber em torno da sexualidade e do gênero, que atuam prescrevendo formas adequadas, seguras e prazerosas de existência. Tais prescrições curriculares operam tanto na reiteração das normas sociais quanto na sua denúncia e transgressão. Nesse sentido, pelo menos duas posições de

⁶ Cisgêneros são pessoas que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento e ao longo da vida.

⁷ Trans é uma noção guarda-chuva que expressa diferentes modos de existência, como transgênero, travesti. Esse termo será desenvolvido no referencial teórico.

⁸ Sujeitos não binários não se encaixam no padrão binário do gênero, assim, não são exclusivamente, totalmente e sempre mulheres e nem exclusivamente homens. São sujeitos que habitam as fronteiras de gênero. Será desenvolvido no referencial teórico.

sujeito são produzidas nessas relações travadas no currículo: ciborgues e *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essas posições são marcadas pela íntima conexão com as tecnologias digitais e pela transgressão dos imperativos morais. Ciborgues são ensinadas a serem também *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, que frutificam o prazer, a autoestima e a política a partir do autorretrato nu e, assim, produzem práticas dissidentes às normas de sexualidade e gênero.

Este argumento geral perpassa toda a dissertação, que está organizada da seguinte forma: primeiramente o prefácio, logo em seguida esta introdução, depois o segundo capítulo – *Processos de Criação Teórico-Metodológica: o currículo da nudez na rede produtiva da sexualidade e do gênero na cibercultura*–, em que apresento os principais conceitos desenvolvidos, como: currículo da nudez, dispositivo da sexualidade, performatividade de gênero, tecnologias digitais, cibercultura, ciberespaço e ciborgue. Nesse capítulo, apresento também a metodologia em que articulei netnografia com a análise do discurso de inspiração foucaultiana. Por fim, explico os procedimentos metodológicos em seus pormenores, pertinentes a cada passo percorrido ao longo da trajetória metodológica.

No terceiro capítulo – *O currículo da nudez na criação de práticas de resistência que denunciam relações assimétricas de sexualidade e gênero na cibercultura*–, são analisadas as práticas de resistência produzidas por ciborgues frente aos casos de violência em relação a vazamentos de autorretratos nus na cibercultura. Esse capítulo tem como argumento que o currículo da nudez denuncia práticas assimétricas de sexualidade e gênero e, assim, resiste às normas sociais e ao regime de corporeidade.

O quarto capítulo – *“AQUELE TESÃO REPENTINO POR SI MESMA”*: *Currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura* – tem como argumento que o currículo da nudez constitui a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, que transgride os imperativos morais e produz prazer, autoestima, amor por si e ação política, a partir do autorretrato nu. A posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas* é caracterizada pelo “autoprazer”, o namoro consigo mesma, o prazer de se sentir uma fruta saborosa. Isso acontece por meio das técnicas de si que objetivam transformar a si própria. *Fruta-de-sermos-nós-mesmas* tem também a marca de contestar relações sexuais não consensuais, relações conjugais violentas e relações assimétricas de poder entre os gêneros. Essas contestações produzem reivindicações “estético-políticas” que

questionam assimetrias de poder, promovem ditos do discurso feminista e exibem o corpo nu com palavras de luta para a transformação social.

No quinto capítulo – *Crush, afetos e chuva de nudes: o currículo da nudez na produção das sexualidades na cibercultura* –, o argumento desenvolvido é de que o currículo da nudez produz a posição de sujeito ciborgue, caracterizada pela prática de fotografar-se nua e compartilhar seus *nudes* com *crushes* por meio de aplicativos digitais. No currículo da nudez, acionam-se brincadeiras que dissidem da heterossexualidade compulsória nas redes sociais e constroem redes seguras de compartilhamento de *nude selfie*. Assim, são produzidos os modos autorizados de ação ao fotografar e enviar o autorretrato nu a partir da relação consigo mesma e da relação com *crushes*. São também analisadas as relações produtivas da sexualidade e do gênero no currículo da nudez, a partir das brincadeiras propostas nos grupos pesquisados. E, por fim, como são fabricadas redes de segurança para envio de autorretrato nu e relações afetivas e sexuais construídas no currículo da nudez.

Por último, apresento as considerações finais no capítulo - *Reflexões sobre política sexual contemporânea*, em que discuto o contexto político brasileiro no qual a dissertação foi escrita e a associação do currículo da nudez com a resistência a discursos reacionários.

2 PROCESSOS DE CRIAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: O CURRÍCULO DA NUDEZ NA REDE PRODUTIVA DA SEXUALIDADE E DO GÊNERO NA CIBERCULTURA

Sabe, ontem acordei colorida. Assim, porque vi uma porção de coisas sempre vistas e nunca vistas, amei o movimento da vida, sabe como é, um dia a gente tem olhos para ver

Este trecho de carta de “O Grito”, publicado no dia 9 de março de 1968 pela escritora Clarice Lispector, é o mote inicial para apresentar o processo de criação do percurso que coloriu e proporcionou os olhos para ver e, assim, colocar em movimento os conceitos para as análises desta dissertação. A criação teórico-metodológica pode ser associada com o processo de colorir na perspectiva da produção de informações que possibilitaram os olhos para ver os modos de atuação do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura. O colorir das análises e da metodologia possibilitaram discutir as “porções de coisas sempre vistas e nunca vistas”, sempre com o foco na investigação da produção de sexualidade e gênero do currículo da

nudez. Desse modo, esse capítulo apresenta a trama e as forças que deram forma à pesquisa. Assim, tudo que passa por essas linhas são invenções que não pretendem revelar verdades únicas, mas mostrar que “as forças dão formas às criações” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 47).

Para explicar o processo de tecer a trama da criação investigativa, apresento a seguir os conceitos que são imprescindíveis neste trabalho. O primeiro é o de currículo, que é nomeado nesta dissertação como currículo da nudez e está sustentado a partir da perspectiva pós-crítica. Sendo assim, compreendo-o como um artefato cultural que tem um caráter positivo e produtivo nas relações de poder. Além disso, está em diferentes espaços, desdobrando-se em diferentes pedagogias (PARAÍSO, 2010) para além do espaço escolar. O currículo apresentado a seguir foi analisado com base na perspectiva produtiva do poder, que compreende que ele envolve a criação de sistemas de significação cultural.

O currículo da nudez aqui analisado estabelece relações com a sexualidade e com o gênero. Assim sendo, no segundo tópico deste capítulo, explico o dispositivo da sexualidade segundo Michel Foucault (2014a). Nesse viés, a sexualidade é compreendida como produzida discursivamente no contexto das relações de poder. Assim, o autor a concebe como uma organização histórica específica do poder, da vivência dos prazeres, da afetividade, da disposição do corpo. No terceiro tópico, apresento o conceito de performatividade de gênero segundo Judith Butler (2013a). O colorido desse conceito na criação teórica da dissertação apresentou a potência de desestabilização da noção essencialista do gênero, ao mostrar que este é algo que se faz cotidianamente e não algo que se possui. Desse modo, Butler (2013a) trouxe os olhos para ver o gênero enquanto uma produção performativa.

E ainda, o currículo da nudez e suas produções de sexualidade e gênero são analisadas no ciberespaço, constituído pelas relações ciberculturais. Assim, a cibercultura proporcionou a investigação de um terreno fértil para analisar os modos de atuação do currículo da nudez nas relações de sexualidade e gênero. Autorretratos nus são publicados cotidianamente nas redes sociais, em aplicativos e sites específicos, disponibilizando no ciberespaço informações sobre os modos contemporâneos de vivenciar as relações de sexualidade. Assim, no quarto tópico deste capítulo, explico o conceito de tecnologias, cibercultura, ciberespaço e também os conceitos de ciborgue como uma produção do sujeito enquanto um híbrido tecnocultural.

Após apresentar esses conceitos, explico, no segundo momento, o percurso metodológico. Assim, no quarto tópico do capítulo, mostro a perspectiva epistemológica das escolhas metodológicas, ou seja, a perspectiva teórica pós-crítica sobre a etnografia e a análise do discurso de inspiração foucaultiana. No quinto e último tópico do capítulo, explico, em minúcias, os procedimentos metodológicos utilizados. Tudo isso possibilitou a elaboração do argumento de que o currículo da nudez é constituído por relações de poder-saber em torno do gênero e da sexualidade, que atuam prescrevendo formas adequadas, seguras e prazerosas de existência. Tais prescrições curriculares operam tanto na reiteração das normas sociais quanto na sua denúncia e transgressão.

2.1 Currículo da Nudez

De acordo com a perspectiva pós-crítica, o currículo é um artefato cultural que produz modos de existência (PARAÍSO, 2007). É a partir dessa perspectiva que o compreendo, nesta dissertação, como “um discurso que ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, nos constitui como sujeitos” (SILVA, 1996, p. 195). Nesse sentido, a perspectiva pós-crítica tem mostrado que o currículo constitui sujeitos, produz relações de poder e saber e possibilita também que algumas verdades sejam autorizadas (TADEU; CORAZZA; 2003). Por esse viés, a análise do currículo da nudez segue a abordagem teórica de uma noção ampliada de currículo, ou seja, em que este está para além de um catálogo de disciplinas e conteúdos.

Nesse sentido, a análise do currículo da nudez está embasada conceitualmente pela noção de “currículo cultural” (GREEN; BIGUM, 1995), que “envolve a construção de significados e valores culturais” (SILVA, 2015, p. 55) e produz modos de ver, ser e compreender o mundo. O que nomeei de currículo da nudez se constitui dos ditos, discursividades, relações de poder-saber e regimes de verdade dos grupos secretos do *Facebook: Somente Libidinosas, Gostosuras e As Minas*. Esse currículo constrói sistemas de significação cultural que produzem “sentidos, práticas e sujeitos de determinado tipo” (PARAÍSO, 2007, p. 24). Nele, a cibercultura apresenta centralidade na produção de modos de vida. E, embora não se trate de um currículo escolar, é caracterizado também por ensinar “modos de ser, pensar, estar e agir” (PARAÍSO, 2007, p. 24). Por esse viés, as tecnologias digitais tornam “cada vez mais problemática as separações e distinções entre conhecimento cotidiano, o conhecimento de massa e o conhecimento escolar” (SILVA, 2015, p. 141). Sendo assim, o currículo da nudez

problematiza as fronteiras entre essas formas de conhecimento. A perspectiva pós-crítica “vê tanto a indústria cultural quanto o currículo propriamente escolar como artefatos culturais”, ou seja, “sistemas de significação implicados na produção de [...] subjetividades” (SILVA, 2015, p. 142).

Desse modo, o currículo da nudez fabrica determinados modos de ser, sentir e viver, e divulga certos discursos que são autorizados como verdadeiros e legítimos. Suscita saberes sobre o corpo, o gênero e a sexualidade, constituídos por relações de poder que estão em constante disputa e transformação. O currículo apresenta uma discursividade histórica que produz os objetos de que fala (FOUCAULT, 2008b). Ele é constituído por um conjunto estratégico de técnicas e tecnologias de poder que, ao serem acionadas, produzem saberes, verdades e sujeitos de determinados tipos.

Os saberes que constituem um currículo são produzidos a partir da discursividade histórica própria do contexto social em que emerge. São criações e interpretações culturais elaboradas a partir dos sistemas de significações sociais do currículo. Nessa perspectiva, esses saberes são analisados no que autorizam, legitimam, deslegitimam, incluem e refutam. Relações de saber e poder estão intrinsecamente relacionadas, para Foucault, não há relações de poder sem a constituição de saberes, assim como não há saber que não produza relações de poder (FOUCAULT, 2010a). Sendo assim, o currículo da nudez é constituído por relações de poder que o sustentam e o constituem.

O poder “é um modo de ação de alguns sobre alguns outros” (FOUCAULT, 2014b, p. 132). Ele “existe em ato” (ibidem), é correlação de força, é estratégia e não uma propriedade de classe. “É um conjunto de ações sobre ações possíveis” e, nesse mecanismo, “ele incita, ele induz, ele desvia, ele facilita ou torna mais difícil” (FOUCAULT, 2014b, p. 133). Isso porque o poder “é menos da ordem do enfrentamento entre dois adversários” (ibidem) e mais sobre “estruturar o campo de ação eventual dos outros” (ibidem). A partir desse entendimento, o currículo da nudez é analisado em termos produtivos do poder, investigando os motivos de algo ser nele aceito ou não, os saberes que nele circulam e as verdades ali fabricadas.

Segundo Tadeu e Corazza (2003), o currículo também é constituído por verdades autorizadas. Nessa perspectiva teórica, a verdade é uma “ficção, invenção, criação” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 35). Não há essência ou substância verdadeira no currículo da nudez, mas, sim, uma relação produtiva de invenção do regime de verdade. “Não há nenhuma verdade a ser descoberta ou revelada porque a única verdade

é aquela que nós criamos” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 40). Dessa forma, analisar os modos de atuação do currículo da nudez na produção de sexualidades e gênero acarreta “analisar seus conhecimentos, linguagens, formas de raciocínio” (CORAZZA, 2001, p. 57), que estão vinculados às relações de poder. Na análise do currículo da nudez, importa “o papel produtivo que [ele] exerce nas práticas sociais” e “na produção de verdades” (PARAÍSO, 2007, p. 68).

Essa relação produtiva do currículo se inscreve no comportamento dos sujeitos, nos seus modos de ser. No viés pós-crítico, os sujeitos não são dados *a priori*. Assim sendo, essa perspectiva nega qualquer associação à essência ou substância dos sujeitos. Isso porque, no entendimento do currículo como artefato cultural, investigam-se exatamente os modos pelos quais os sujeitos são constituídos. Na investigação do currículo da nudez, duas produções do sujeito são analisadas: ciborgue e a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essas posições de sujeito são fabricações de modos específicos de existência que surgem como próprios do contexto histórico contemporâneo de intensa conexão com as tecnologias digitais. Desse modo, se produz “um sujeito de um discurso” que se trata de uma “posição que alguém assume” a partir de uma discursividade (FOUCAULT, 2008b, p.86). Assim, os sujeitos são constantemente incitados a serem de certos modos em uma rede produtiva do poder.

No currículo da nudez, a produção da ciborgue e da *fruta-de-sermos-nós-mesmas* envolve relações produtivas do poder voltadas à “constituição dos modos de ser sujeito a partir de práticas de si” (FOUCAULT, 2010b, p. 42). Assim, técnicas de si são produtivas nesse currículo de modo a criar determinadas afirmações sobre si mesmo, seus modos de vida, desejos e prazeres. Desse modo, os sujeitos são “capazes de tomar a si próprios como sujeitos de sua própria ação” (ROSE, 2001a, p. 143). “tais como: compreender a si mesmos; falar a si mesmos; colocar a si mesmo em ação; julgar a si mesmos” (ROSE, 2001a, p. 145). Os sujeitos se relacionam consigo mesmos de modo a produzir o conhecimento de si, o controle de si e o cuidado de si (ROSE, 2001b). Toda essa produção se dá a partir das relações entre saberes e poderes no currículo da nudez.

Nesse sentido, o currículo está em permanente transformação porque é um “território contestado” (SILVA, 2015), ou seja, está em constante processo de luta, conflito, disputa em torno dos significados culturais. Assim, o currículo não é apenas do meio pelo qual as relações sociais são expressas, pois o currículo produz, incita e está ativo no processo produtivo das relações sociais. Com isso, seus conflitos propiciam questionamentos e possibilidades de transformação. Ao acionar estratégias, técnicas e

tecnologias de poder, o currículo da nudez disponibiliza discursivamente modos de ser que contestam as relações normativas do gênero e da sexualidade, que saboreiam seus corpos como frutas a partir do autorretrato nu e que também produzem a si mesmas como sujeitos de certo tipo de desejo. Portanto, a noção pós-crítica de currículo possibilitou os “olhos para ver”, assim como diz o trecho da carta na crônica de Clarice Lispector na epígrafe deste capítulo. A perspectiva pós-crítica coloriu e possibilitou a análise do currículo da nudez, e assim foi possível investigar o “movimento da vida”.

E, para continuar colorindo, produzindo sentido e proporcionando “olhos para ver”, tornou-se necessário utilizar o dispositivo da sexualidade, segundo Michel Foucault. Assim, o currículo da nudez é analisado, nesta dissertação, na relação produtiva das sexualidades contemporâneas, logo, o conceito de sexualidade é imprescindível neste referencial teórico. Partindo desse pressuposto, teço a seguir o arcabouço teórico que concebe a sexualidade enquanto um dispositivo histórico.

2.2 Dispositivo da Sexualidade

“Os olhos para ver” as relações de sexualidade desta dissertação advêm de uma perspectiva histórica que nega que a sexualidade, tal qual é produzida nas relações sociais contemporâneas, seja uma questão inata aos sujeitos. Pelo contrário, o conceito de dispositivo da sexualidade, segundo Foucault (2014a), discute os modos de fabricação das relações de sexualidade. Para explicar essa produção no ocidente, ele afirma que a partir do século XIX surgem “conjuntos estratégicos que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo” (FOUCAULT, 2014a, p. 113). Nesse sentido, a rede de poder do dispositivo da sexualidade compõe a “estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos” (FOUCAULT, 2014a, p. 15). Assim, o dispositivo da sexualidade é constituído por redes de saber, poder e verdades a respeito dos sujeitos e os modos de incitar o desejo e o prazer.

No campo das relações históricas do saber a respeito da sexualidade, o autor explica que, a partir do século XIX, na Europa, um campo estratégico da racionalidade política anexou às práticas sexuais a produção da *scientia sexualis*, ou seja, a ciência da sexualidade. Assim, “determinadas estratégias e tecnologias de poder” estavam “articuladas na constituição de discursos ‘científicos’” (LOURO, 2009, p. 86) sobre as práticas sexuais. Nesse viés histórico, “ao final do século XIX, serão homens, médicos e também filósofos, moralistas e pensadores (das grandes nações da Europa) que vão

fazer as mais importantes ‘descobertas’ e definições” (LOURO, 2009, p. 88) sobre as práticas sexuais e sobre os corpos de homens e mulheres. Por isso, a partir do respaldo do “discurso científico”, as “descobertas” se forjaram como verdades autorizadas. Assim, produzem-se verdades sobre “os sujeitos e as práticas que são bons ou que são maus, integrados ou desintegrados, produtivos ou prejudiciais para o conjunto da sociedade” (LOURO, 2009, p. 86).

A partir da *scientia sexualis*, a prática sexual, classificada como sadia ou patológica, ficou atrelada à verdade sobre os sujeitos. Assim, a partir do século XIX, tornar-se sujeito de sexualidade está associado à verdade sobre si como sujeito sexuado (FOUCAULT, 2014a). Dessa forma, a verdade sobre os sujeitos está nas práticas sexuais, “é no sexo que se devem procurar as verdades mais secretas e profundas dos indivíduos; que é nele que se pode melhor descobrir quem ele é, e aquilo que o determina” (FOUCAULT, 2014a, p. 85). Sendo assim, no dispositivo da sexualidade está presente o “desejo do sexo – desejo de tê-lo, de acender a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade” (FOUCAULT, 2014a, p. 170).

Assim, surge o que na contemporaneidade está na ordem discursiva como a identidade lésbica, homossexual, bissexual. Nesse viés, a ciência da sexualidade se torna um campo consolidado de racionalidade de poder e saber através não só do discurso científico como também do psicológico, jurídico, educativo e religioso. Com isso, as relações de poder produziram uma obstinada avidez na “vontade de verdade” sobre o sexo e sobre o que cada pessoa faz da sua prática sexual. Sobre isso, Foucault (2017, p. 84) diz que na ciência da sexualidade o “sexo esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes do seu eu, as formas de sua relação com a realidade. No fundo do sexo, a verdade” (FOUCAULT, 2017, p. 84).

Na constituição da verdade sobre a sexualidade dos sujeitos, é importante saber como cada um exerce suas práticas sexuais, incita os prazeres, produz desejos. A forma como cada sujeito vivencia essa série de práticas sexuais é incorporada a uma obstinada investigação para descobrir o que cada pessoa é verdadeiramente a partir dos seus prazeres, corporeidades, vontades. Isso no intuito de classificar a sexualidade, hierarquizar e, se necessário, corrigi-la. É nesse contexto que se produz a homossexualidade como a classificação e a verdade sobre quem vivencia práticas afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo (LOURO, 2009). Nesse viés, o sujeito homossexual é classificado como aquele que exerce práticas desviantes e patológicas e,

dessa forma, é aquele sujeito que precisa de correção. Mas Louro (2009, p. 89) explica que, “tendo sido nomeado o homossexual e a homossexualidade, ou seja, o sujeito e a prática desviante, tornava-se necessário nomear também o sujeito e a prática que lhes havia servido como referência”. Cria-se, desse modo, a heterossexualidade como a prática a ser naturalizada, autorizada e legitimada como sadia e normal.

Nesse sentido, surge o par “heterossexualidade/homossexualidade (e heterossexual, e homossexual), como oposição fundamental, decisiva e definidora de práticas e sujeitos” (LOURO, 2009, p. 89). Esse processo emerge no século XIX e perdura no contexto social contemporâneo. No entanto, as normas são questionadas, embaralhadas e reinventadas. No currículo da nudez, ciborgues contestam as normas sociais da sexualidade e produzem suas práticas sexuais de modo híbrido com as tecnologias digitais através do autorretrato nu. Assim, no currículo, os discursos sobre a sexualidade estão em disputas constantes, de modo que os sujeitos reinventam-se a si próprios através de práticas que subvertem o par binário heterossexual e homossexual. *As frutas-de-sermos-nós-mesmas*, portanto, produzem condutas de sexualidade muito características, como amar e namorar a si mesmas, através de práticas que denominam de “autoprazer”.

Nesse viés, as relações de sexualidade “valorizaram” o corpo “como objeto de saber e como elemento nas relações de poder” (FOUCAULT, 2014a, p. 117). O corpo nu é fotografado e publicado nas redes sociais, incitando, estimulando e produzindo prazeres e maneiras de vivenciar as práticas sexuais em fusão com as tecnologias digitais. A sexualidade produzida no currículo da nudez perpassa por todo um jogo do “saber do prazer, prazer do saber o prazer, prazer-saber;” (FOUCAULT, 2014a, p. 85). A relação prazer e saber explicita o caráter produtivo do dispositivo da sexualidade, assim, esta é “muito mais complexa e sobretudo, mais positiva do que o efeito excludente de uma ‘proibição’” (FOUCAULT, 2014a, p. 99).

As relações de sexualidade são incitadas, induzidas, positivadas por relações de poder. Nesse viés, o dispositivo da sexualidade é “uma rede de prazeres e trocas corporais discursivamente construída e altamente regulada, produzida através de proibições e sanções, que bem literalmente, dão forma e direção ao prazer e à sensação” (BUTLER, 2013b, p. 98). Para além disso, a sexualidade pode ser reinventada para extrapolar os limites da regulação e da proibição, assim, a sexualidade é plural, múltipla e deslizante. Foucault (2014b) afirma que “só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres” (FOUCAULT, 2014b, p.134), pois essas relações pressupõem

a liberdade, caso contrário, não há relações de poder e, sim, de violência. Nas palavras do autor: “não é possível me atribuir a ideia de que o poder é um sistema de dominação que controla tudo e não deixa nenhum espaço para a liberdade” (FOUCAULT, 2014b, p. 132). Dessa maneira, o dispositivo da sexualidade é constituído também por forças inventivas de criação de práticas sexuais e prazeres que embaralham, resistem ao par binário homossexual e heterossexual e estão além da coerção e da proibição.

No currículo da nudez, as prescrições são constituídas também por relações de poder que atuam na denúncia e na transgressão da norma social não só das relações de sexualidade como também das relações de gênero. Sexualidade e gênero possibilitam que as análises mostrem os pontos de contato do poder nas relações sociais para que as coisas nunca antes vistas possam, agora, ser vistas e, assim, reinventadas. “Os olhos para ver” essas relações terão consolidação teórica da performatividade de gênero de Judith Butler (2013a). Sexualidade e gênero são conceitos correlatos, mas diferentes. Segundo Louro (2009, p. 91), “temos de reconhecer que sexualidade e gênero estão profundamente articulados”. A seguir, explico o conceito de performatividade de gênero, segundo a filósofa Judith Butler (2013a).

2.3 Performatividade de Gênero

“É menino!” “É menina!”. Antes mesmo do nascimento, já acontece a nomeação dos corpos como femininos ou como masculinos. A classificação entre os dois polos tem como base características físicas que são compreendidas como “diferenças fundamentais às quais se atribui importantes significados culturais” (LOURO, 2017, posição no kindle 836-841). Os significados culturais são constituídos por uma série de discursos, técnicas e estratégias de poder que objetivam produzir esse corpo como feminino ou masculino. Para isso, este tópico terá como objetivo explicar conceitualmente a noção do gênero fabricado. Nesse sentido, Butler (2013a) afirma que gênero é um processo, uma construção sem origem e nem fim, um constante vir a ser que se faz por uma reiteração de atos. Gênero é “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2013a, p. 59). Dessa forma, a autora nega qualquer possibilidade de essência ou substância inata aos seres, pois, segundo ela, “não há nenhuma ‘essência’ que o gênero expresse ou exteriorize” (BUTLER, 2013a, p. 199).

Para fazer do bebê um corpo masculino ou feminino, é necessário um investimento discursivo que produz aquilo que nomeia. Esse investimento é contínuo e incessante, pois o gênero não é construído de uma só vez. Acontece por um processo longo e constante feito por artefatos culturais, discursos, atos performativos e tecnologias de poder (BUTLER, 2013a; LOURO, 2017). Portanto, o gênero é produzido por uma sequência repetida e incessante de atos que pretendem produzir sujeitos femininos ou masculinos e esse processo de reiteração precisa funcionar durante toda a vida do sujeito. Isso porque as relações sociais e os sujeitos estão em constante construção. Diante disso, para Butler (2013a, p. 199), “os vários atos de gênero criam a ideia de gênero”. Assim, os atos pretendem produzir uma “sedimentação das normas de gênero” que objetiva garantir sujeitos de determinado tipo. Mas esse processo não acontece de forma harmoniosa ou estável, pelo contrário, é feito de imprevisibilidade e provisoriedade (LOURO, 2017). Por isso, o gênero não é fabricado por um só ato, ou só de uma vez ao enunciar “é menina” ou “é menino”. O processo acontece a partir de muitos atos repetidos (LOURO, 2017). Para Butler (2013a), os atos são performativos a partir de discursos que produzem efeitos de verdade que fazem existir aquilo que nomeiam (SALIH, 2012).

Mas o que seria a performatividade de gênero? Uma distinção importante para a compreensão do conceito é de que performatividade é distinta de performance, pois performance pressupõe um ator ou atriz por trás do ato. “Enquanto a performance supõe um sujeito preexistente, a performatividade contesta a própria noção de sujeito” (SALIH, 2012, p. 90). A performatividade nega qualquer feito por trás de algo ou de alguém. Nega ainda qualquer identidade ou essência, já que “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra” (BUTLER, 2013a, p. 48). Dessa maneira, “atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2013a, p. 195). Assim sendo, “palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero” (BUTLER, 2013a, p. 195). Assim, gênero é algo que se faz e não algo que se possui (LOURO, 2017).

Por esse viés, não existe uma origem e, sim, fabricações de gênero. O que se afirma de “gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos” (BUTLER, 2013a, p. 195). Para a autora, essa produção que essencializa o

gênero acontece discursivamente. Os efeitos desse discurso objetivam “regular” e produzir a fantasia de um “núcleo interno organizador de gênero” (ibidem). E essa regulação é sustentada por atos performativos. Mas, para Butler (2013a), esse gênero “cristalizado” é uma fantasia, isso porque é produzido “como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2013a, p. 195). Os gestos, modos, atuações, atos performativos de gênero são produzidos pelo discurso e se passam como verdade natural e essencial de cada ser. Atos performativos são incessantemente repetidos durante toda a vida dos sujeitos. É uma “repetição estilizada de atos”, gestos, modos de ser (BUTLER, 2013a, p. 199) politicamente regulados.

A regulação acontece em conformidade com as “normas de gênero da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2013a, p. 38), ou seja, em conformidade com a “matriz de inteligibilidade cultural” (ibidem, p. 39) que pressupõe uma relação linear e coerente entre “sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2013a, p. 28). Dessa maneira, produzem-se “gêneros inteligíveis”, sexualidades autorizadas e pessoas em conformidade com o padrão reconhecível. Um exemplo dessa coerência de elementos é uma pessoa com pênis que se reconhece como homem e apresenta uma prática sexual estritamente heterossexual. Assim, “a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo” (BUTLER, 2013a, p. 24) é extremamente vigiada. Essa vigilância se dá em todos os componentes da matriz, assim, tanto o sexo, quanto o gênero, orientação sexual, corpo e prática sexual são vigiados para que os sujeitos permaneçam nos territórios inteligíveis que foram designados culturalmente ao nascer. Essa matriz de inteligibilidade é reiterada e vigiada continuamente pela mídia, igreja, escolas, leis e discursos científicos (LOURO, 2017).

O currículo da nudez é constituído também por saberes, verdades autorizadas e relações de poder que atuam na reiteração da matriz de inteligibilidade cultural prescrevendo formas adequadas de vivenciar práticas sexuais e produzindo a heterossexualidade como o único modo adequado e permitido da vivência da sexualidade. Por outro lado, o currículo da nudez é também constituído por mecanismos discursivos do poder que rompem essa matriz e mostram que a cada ato performativo é possível agir diferente das prescrições normativas e reguladoras. Assim, a repetição de atos é a “reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente”, mas é também a possibilidade de “uma nova experiência” (RODRIGUES, 2012, p. 152) performativa. Assim, a performatividade de gênero apresenta a possibilidade de diferentes configurações de gênero “fora das estruturas restritivas de dominação”

(BUTLER, 2013a, p. 201). Portanto, gênero para Butler (2014, p. 253) é o “mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados”.

Assim, o currículo da nudez tem como característica a insurgência da ruptura, da fissura e do atravessamento das fronteiras do inteligível. Pois, apesar de todo investimento discursivo das instituições para assegurar a coerência entre sexo, gênero, orientação sexual, desejo, corpo e práticas sexuais, alguns sujeitos rompem com a matriz e se arriscam na desobediência. Um exemplo de ruptura com a matriz da inteligibilidade cultural são as pessoas trans, ou seja, pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram designadas ao nascer e apresentam um arranjo não linear entre sexo e gênero. Para Butler (2013a, p.108), “transexuais afirmam amiúde uma descontinuidade radical entre prazeres sexuais e partes corporais”. Nesse sentido, uma pessoa trans “zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade de gênero” (BUTLER, 2013a, p. 195). A autora explica que a dissidência à matriz compulsória do sexo/gênero/desejo desconstrói a conexão naturalizada e essencializada pela norma de que um sexo pressupõe um gênero de certo tipo.

As dissidências à matriz de inteligibilidade cultural são produtivas e múltiplas e não são apenas as pessoas trans que desafiam e desconstroem naturalizações biologizantes da relação sexo e gênero. Pessoas não binárias inscrevem em seus corpos marcas dos dois gêneros. Confundem a norma ao produzir um corpo que não está comprometido com os territórios inteligíveis do gênero. Essas pessoas fazem composições em seus corpos, nos modos de existência, nas práticas de si que extrapolam os dois polos binários masculino e feminino. Esses sujeitos apostam na ambiguidade e confundem a norma social a partir de uma construção estético-política própria e singular. Desse modo, se produz um campo de possibilidades e inspirações de vida fora da matriz de inteligibilidade cultural.

Todo esse potencial de subversão, criação e ruptura da norma, que cria modos de vida singulares e múltiplos, tem como característica histórica contemporânea a íntima conexão com as tecnologias digitais. Especificamente no currículo da nudez, o processo da fabricação de sexualidade e gênero tem a internet como um importante artefato cultural. Por isso, as tecnologias digitais, a cibercultura, o ciberespaço, ciborgue são conceitos importantes que serão explicados no tópico a seguir. Para isso, continuo o

referencial teórico trazendo a perspectiva conceitual da dimensão das tecnologias digitais como artefato cultural que produz modos de existência, multiplica sistemas de significação culturais e produz sujeitos amalgamados.

2.4 Tecnologias Digitais: constituindo ciborgues no ciberespaço e na cibercultura

As relações sociais contemporâneas estão intimamente ligadas às tecnologias digitais, tão fortemente relacionadas ao ponto de ser um desafio compreender uma sem a outra. Além de possibilitar diferentes vivências sociais e conexões múltiplas, as tecnologias digitais também produzem modos de viver e compreender o mundo e as relações. Sales (2010, p. 17) explica que a tecnologia digital é um “acontecimento que invadiu o nosso cotidiano e mudou o nosso modo de pensar o mundo e de nos relacionarmos com ele”. Diante das transformações teorizadas por Sales (2010), o currículo da nudez foi estudado, nesta dissertação, como um componente constitutivo da cibercultura, pois o *nude selfie* é uma prática realizada com as tecnologias digitais e acontece no ciberespaço.

Para elucidar o fenômeno das tecnologias na sociedade, Zago (2015, p. 151) afirma: “para cada período histórico existem tecnologias – máquinas, aparatos técnicos – que são produto de uma organização histórica, política e cultural e das relações de poder que aí se exercem”. Dessa forma, “as tecnologias são inventadas para desempenhar funções que a sociedade de algum modo solicita e para as quais carece das ferramentas adequadas” (SIBILIA, 2016, p. 25), assim, as tecnologias são o resultado de processos históricos de suas amálgamas sociais com os sujeitos. Na pesquisa, sigo o aporte teórico de Lévy (1999), que compreende as tecnologias como constitutivas das relações sociais e propõe que, “em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensar que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (LÉVY, 1999, p. 22).

Assim sendo, a sociedade contemporânea é transformada pelas tecnologias digitais e pela relação dos sujeitos com essas tecnologias. Essa relação provoca mudanças nas formas de vivenciar as práticas amorosas, afetivas e sexuais. A troca de *nude selfie* é uma das evidências dessa transformação. No entanto, essa simbiose entre as tecnologias digitais e os sujeitos não está concluída, pelo contrário, é processual e está em intensa modificação. Assim, para cada período histórico, existem tecnologias

que são produtoras e produto de relações sociais e de poder próprias daquele tempo e espaço.

No âmbito do currículo da nudez, o espaço em questão é o ciberespaço. Segundo Lévy (1999, p.17), o “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”. Esse espaço “especifica não apenas a infra-estrutura [sic] material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga” (LÉVY, 1999, p.17). O ciberespaço consiste, pois, no espaço de fluxo das informações (LEMOS, 2001) que surge da interconexão da rede de computadores, que na atualidade inclui outras tecnologias digitais além do computador, como *tablets*, *ipads* e *smartphones*, todos interconectados pela *Web*. Martino (2014, p. 29), inspirado em Lévy, diz que as características do ciberespaço são a “arquitetura aberta” e a “capacidade de crescer indefinidamente”; troca e fluxo de informações e conexões que são criadas e desfeitas em intensidade constante – e toda a fluidez do ciberespaço desenvolve-se junto com a cibercultura.

Cibercultura, de acordo com Lévy (1999, p. 17), é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Segundo Sales (2010, p. 34), “a cibercultura, vivida e produzida no ciberespaço, inventa novas formas de existência a partir das múltiplas conexões com as tecnologias digitais”. Para Lemos (2010), a cibercultura é a junção da vida social, dispositivos eletrônicos e redes telemáticas. Para Lévy (1999), ela não possui centro ou linha diretriz, ou seja, não pode ser controlada por um único emissor. “Trata-se de um fluxo de ideias, práticas, representações, texto e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador – ou dispositivo semelhante” (MARTINO, 2014, p. 27). A cibercultura e o ciberespaço atuam de forma “onipresente” (LEMOS, 2005) na sociabilidade contemporânea. O fato de a cibercultura não poder ser controlada por um único polo emissor ficou enfático a partir da “Web 2.0”.

A “Web 2.0” é a possibilidade do/a usuário/a alterar o conteúdo disponível na rede mundial de computadores. Assim, o/a usuário/a pode ser o polo emissor de informações disponíveis no ciberespaço. Com a “Web 2.0”, surgem os blogs, redes sociais e sites de informação colaborativa. Sibilia (2016) afirma que a mudança no polo emissor de informação tem por objetivo potencializar a produção de informação pelas próprias pessoas. Assim, os sujeitos se convertem na “personalidade do momento”, trazendo a vida “privada” para a cena pública no ciberespaço (SIBILIA, 2016).

A transformação dos modos de existência com as tecnologias digitais produz ciborgues, que são “híbridos tecnoculturais, que operam o próprio pensamento e conduzem suas ações numa constituição simbiótica com as tecnologias” (SALES, 2010, p. 243). Donna Haraway, em seu texto *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, explica esse conceito. Segundo ela, “ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também criatura de ficção” (2016, p. 36). Ciborgue é a constituição das subjetividades contemporâneas e tem como estratégia as fronteiras transgredidas, fusões e possibilidades.

Opto por operar com o conceito de ciborgue segundo Haraway (2016), por compreender a potencialidade da hibridização, não só na relação entre tecnologias digitais e sujeitos, como também entre natureza e cultura. “Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode ser mais o objeto de apropriação ou incorporação pela outra” (HARAWAY, 2016, p. 39). Ciborgue advém de uma linguagem política, pois questiona as fronteiras postas no pensamento binário, como por exemplo: “as dicotomias entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado”, que “estão, todas, ideologicamente em questão” (HARAWAY, 2016, p. 63).

O hibridismo ciborgue “é uma matéria de ficção e também de experiência vivida” (HARAWAY, 2016, p. 36). Esses seres vivem em mundos naturais e artificiais, a potência do ciborgue reside nesse entremeio, é o híbrido do que anteriormente estava separado e oposto por dicotomias. Assim, o contexto social das ciborgues é ambíguo, múltiplo, sem origem ou fim. Nesse processo de hibridização e ciborguização da existência, outras formas de viver são produzidas e, diante disso, faz-se necessário entender as relações contemporâneas que ciborgues constroem no âmbito da sexualidade e do gênero. É importante ressaltar que “ciborgue é uma criatura do mundo pós-gênero” (HARAWAY, 2016, p. 38), é uma criatura que não está comprometida com nenhuma “totalidade orgânica” ou “bissexualidade” (HARAWAY, 2016). Ciborgues, no que tange ao gênero e à sexualidade, utilizam as biotecnologias e a cibernética e acoplam ao corpo próteses auditivas, visuais, assim como modificam órgãos com a faloplastia⁹, vaginoplastia¹⁰, tomam testosterona, progesterona, estrógeno, passando de

⁹ Procedimento cirúrgico de reconstituição e constituição da anatomia peniana.

¹⁰ Procedimento cirúrgico de reconstituição e constituição da anatomia vulvo-vaginal. Disponível em: <http://www.dreduardocabral.com.br/vaginoplastia/>. Acesso em: 17/08/2016.

um corpo denominado feminino ao masculino e vice versa, além de publicarem suas produções por meio do *nude selfie* nas redes sociais digitais, produzindo o currículo da nudez.

Esses são os conceitos que foram imprescindíveis nas análises do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura. Os conceitos possibilitaram olhos para ver, como diz o trecho da crônica de Clarice Lispector no início do capítulo, a relação produtiva do poder no currículo que nomeei de currículo da nudez. Através desses conceitos, pude ver as coisas “sempre vistas e nunca vistas” em um processo dinâmico dos “olhos para ver” a produtividade das relações sociais que estão em constante transformação. A partir dessa dinâmica, foi importante compor uma metodologia apropriada para a questão-problema da dissertação. Assim, a seguir explico a metodologia e os procedimentos metodológicos.

2.5 Criações Metodológicas

Metodologia de pesquisa é compreendida, nesta dissertação, como um modo de formular questões, perguntar e interrogar que está articulado com um conjunto de procedimentos (PARAÍSO; MEYER, 2012). Nesta pesquisa, a perspectiva adotada segue a teoria pós-crítica de currículo, de acordo com o viés pós-estruturalista. Na teoria pós-crítica, é necessário construir uma aproximação “daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações” (MEYER, PARAÍSO, 2012, p. 17). Assim sendo, o caminho percorrido para a realização desta dissertação teve características próprias e autênticas, com “gana de viver” e “abertura às transformações do próprio pensamento” (FISCHER, 2007, p. 40). Tudo isso com o objetivo de investigar os modos de atuação do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura.

Nesse sentido, os caminhos próprios desta pesquisa englobaram os métodos da netnografia e da análise do discurso de inspiração foucaultiana. A partir dessas escolhas, compreendo que “toda produção de conhecimento [...] se dá a partir de uma tomada de posições que nos implica politicamente” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 150). Desse modo, foi necessário refletir permanentemente sobre as escolhas adotadas ao longo do caminho percorrido na investigação. Nesse viés, não estabeleci “metas pré-fixadas”, com “regras prontas” de modo prescritivo (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Mas me

orientei no percurso da pesquisa de acordo com as demandas do processo, “dando primado ao caminho que [foi] sendo traçado” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 30). Portanto, não busquei um caminho linear para atingir um fim imaginado anteriormente, mas estive atenta ao processo da investigação.

Nesta pesquisa, “não há uma coleta de dados, mas, desde início, uma produção dos dados da pesquisa” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 33). Essa mudança não é apenas para “evitar um vocabulário tradicional”, mas para evidenciar as escolhas políticas e conceituais da perspectiva pós-estruturalista de pesquisa. A produção das informações da pesquisa se fez de modo inventivo e de acordo com o problema em questão. Para investigar a produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura, na perspectiva pós-crítica, foi necessária a compreensão de que essa pesquisa emerge em um “tempo que gostamos de chamar de ‘pós-moderno’” (PARAÍSO, 2012, p. 26). Pós-moderno porque “produz descontinuidades com muitas das crias, criações e criaturas da modernidade” (PARAÍSO, 2012, p. 26).

Na pós-modernidade, as tecnologias digitais são artefatos culturais de intensa fusão com a produção dos modos de vida, desejos, anseios e prazeres. Para Sales (2012, p. 111), “o tempo presente é composto por elementos diversos, advindos de diferentes matrizes, em que a cibercultura produzida no ciberespaço exerce papel importante na constituição de modos de existência”. A partir desse entendimento, escolhi como um dos componentes metodológicos da pesquisa a netnografia. Advinda da etnografia, a netnografia também pode ser denominada de “etnografia da e na internet” e “etnografia virtual”, “etnografia digital”. Neste trabalho, a opção é pelo termo netnografia. Segundo Noveli (2010, p. 115), “o termo netnografia, como a própria denominação demonstra, obviamente mantém relação com o método etnográfico, intuitivamente, por tentar estudar grupos ou culturas, no caso da netnografia, grupos ou culturas *online*”.

De acordo com Kozinets, “a netnografia é uma abordagem da pesquisa online de observação participante” (2014, p. 72). Para Amaral, Natal e Viana (2008), a netnografia é uma “metodologia para estudos na internet”. Nesse viés, é um método interpretativo que investiga o comportamento cultural de comunidades *online* (KOZINETS, 2014). Essa metodologia é realizada considerando as características sociais e culturais do ciberespaço. Assim, “a netnografia é uma das possíveis respostas qualitativas para pesquisas mediadas por computador” (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008, p. 34). Essas possíveis respostas estão centradas na investigação no ciberespaço,

mas a netnografia parte da compreensão de que “as interações nesse espaço [ciberespaço] afetam os comportamentos fora dele” (NOVELI, 2010, p. 114).

Nesse sentido, nesta pesquisa foi realizada a investigação netnográfica de práticas ciberculturais nos grupos do *Facebook*. Segundo Evangelista (2016, p. 29), o *Facebook* pode ser considerado um “texto cultural produzido pelas postagens que se desenham na linha do tempo”. Essa rede social produz narrativas, estabelece relações, vincula enunciações e, assim, constitui-se “como o próprio discurso” (ibidem). No *Facebook*, as informações adquirem um caráter fluido, tudo está em processo e em transformação. Sendo assim, foi analisado “o que é efetivamente dito na internet” (SALES, 2012, p. 120). De acordo com Leal (2017, p. 39), a dimensão pós-estruturalista da netnografia “refere-se à produção de informações que prima pelos discursos e pelas práticas linguísticas” que emergiram especificamente no ciberespaço. Para produzir as informações sobre os ditos nos grupos do *Facebook*, foi necessário lançar mão também da observação participante.

A observação participante é o envolvimento e a imersão no campo selecionado para investigação, ficando atenta ao comportamento das ciborgues, à linguagem utilizada no ciberespaço, às práticas dos grupos do *Facebook* e aos códigos sociais acionados na cibercultura (KOZINETS, 2014). Ao tratar-se da metodologia netnográfica, o espaço de investigação foi o ciberespaço e as ferramentas utilizadas foram próprias da cibercultura, ou seja, a observação participante não ocorreu face a face e não necessitou de transporte físico para a realização da pesquisa. Assim, envolveu a captura de imagens, frases e vídeos. Para Sales (2012, p. 115), a observação participante “possibilita a apreensão da linguagem, dos sentidos construídos, das relações de poder existentes”.

Na observação participante da netnografia pós-estruturalista, é importante ressaltar as especificidades da linguagem no ciberespaço. Assim, estive atenta aos símbolos ciberculturais constituintes do currículo da nudez, como *emojis*, *hashtags*, *memes* e o “internetês”. De acordo com Sales (2012, p. 117), a linguagem está constituída de elementos da cibercultura, como o “internetês”, que agrega tanto estratégias de “codificação para garantir a privacidade” quanto estratégias para “agilizar a comunicação”. As emoções são expressas por meio de *emojis*, “ícones que tentam traduzir expressões e sentimentos como riso, vergonha, ciúmes, amor” (SALES, 2012, p. 117). As *hashtags* são palavras-chaves antecedidas por cerquilha (#), usadas para agrupar assuntos e conteúdos compartilhados na cibercultura. Os *memes* são “imagens,

frases, fotomontagens, vídeos, referindo-se ao fenômeno de ‘viralização’ de uma informação” (EVANGELISTA, 2016, p. 43). Esses diferentes símbolos da cibercultura desenvolveram “a criação e a invenção de novas linguagens” que misturam “diversificados elementos gráficos, fonéticos, estéticos” (SALES, 2012, p. 118). A partir desse entendimento, estive atenta ao uso desses símbolos pelas ciborgues nos três grupos pesquisados.

Para compreender as invenções da linguagem na cibercultura, tornou-se necessário entender as ferramentas de curtir, comentar, compartilhar e mensagens *inbox*, próprias do funcionamento do *Facebook*. A ferramenta curtir é utilizada para alguém demonstrar que gostou de uma publicação. Além do curtir, há o “amei” (emoji coração), “haha” (emoji risada), “uau” (emoji surpresa), “triste” (emoji com lágrima) e “grr”(emoji raiva). Essas opções são muito utilizadas para demonstrar emoções nos grupos investigados. A opção de comentar possibilita a postagem de um texto referente ao conteúdo de certa publicação. E a ferramenta compartilhar permite a replicação de um conteúdo. O compartilhar é muito utilizado nos grupos, principalmente publicações de modo públicas de páginas ou perfis pessoais. Ao compartilhar uma publicação no grupo do *Facebook*, as participantes podem discutir e comentar sobre o conteúdo de maneira restrita. Por fim, as mensagens *inbox* são a ferramenta da rede social que possibilita conversas reservadas, disponíveis para uma pessoa ou um grupo determinado. Compreender o funcionamento dessas ferramentas possibilitou o entendimento específico “dos discursos produzidos e veiculados no Facebook” em conjunto com “símbolos diversos que fazem parte do mundo cibernético” (EVANGELISTA, 2016, p. 42).

Para produzir essas informações, foi necessário lançar mão da observação participante. Essa etapa refere-se à observação de diferentes práticas de comunicação e interações no ciberespaço. Produção de informações em netnografia significa comunicar-se com membros de uma cultura ou comunidade *online*. O procedimento de análise e produção das informações envolve a utilização de recursos das tecnologias digitais, como as capturas de tela, criação de arquivos eletrônicos, textos baixados na comunidade e entrevistas *online*. A produção das informações na netnografia abarca o exame minucioso do material produzido no ciberespaço, assim como o detalhamento do material em suas partes constituintes, comparando-as de diversas formas.

Outro elemento importante é a ética na pesquisa netnográfica, que exige uma atenção da pesquisadora para saber compreender o uso consensual de informações e,

ainda, discernir as informações que são públicas e as que são privadas no ciberespaço. O caminho eticamente recomendado para netnógrafas/os é a exposição dos interesses científicos para o grupo em que a pesquisa será realizada, pedindo a permissão necessária para o uso das informações contidas nas postagens e nas conversas nos grupos e fóruns. Ainda, é preciso garantir confiabilidade e anonimato das informantes (KOZINETS, 2014). Após análise das informações produzidas, Kozinets (2014) recomenda a checagem com a comunidade pesquisada. No caso da presente investigação, a checagem da informação foi realizada durante a produção dos dados netnográficos. Esse processo também ocorreu através do que chamei entrevista *online* colaborativa.

A entrevista *online* colaborativa é uma ferramenta metodológica constitutiva da netnografia. Essa ferramenta foi utilizada para atender as especificidades do problema de pesquisa proposto e não apenas para a checagem das informações dos grupos. Além disso, foi imprescindível para ampliar a compreensão dos fenômenos analisados a partir da colaboração das próprias participantes. Assim, elas produziram informações sobre as relações de sexualidade e gênero na cibercultura a partir de conversas sobre nudez, *nude selfie*, modos de se fotografar, dentre outros assuntos. Utilizei a entrevista *online* colaborativa como um instrumento que possibilitou a investigação minuciosa e pormenorizada de algumas questões importantes para a pesquisa.

Para essa entrevista, elaborei um roteiro¹¹ constituído por eixos temáticos que foram importantes para o direcionamento de cada conversa. Assim, dialogávamos sobre os temas que estavam no roteiro e também sobre assuntos, postagens e comentários que estavam sendo produzidos nos grupos. Sobre entrevista, Teixeira (2006, s/p) explica que as respostas são “invenções de si e do outro”, que são “revividos” e “resignificados” [sic] no decorrer do diálogo. Nesse sentido, estive atenta ao modo que as participantes elaboravam os relatos sobre si mesmas e como atribuíam significados às relações de sexualidade e gênero. Busquei nas conversas saber como elas percebiam suas vivências no ciberespaço no que tange às relações de sexualidade e de gênero, buscando detalhes a partir da caracterização de acontecimentos e fatos. Procurei compreender os sentidos que construíam de si mesmas, das outras e das relações sociais.

Nas entrevistas, não segui o esquema pergunta e resposta, isso possibilitou que elas falassem de maneira mais livre sobre gênero, sexualidade, nudez e autorretrato nu.

¹¹ O roteiro está disposto no apêndice desta dissertação.

Por se tratar de uma pesquisa sobre nudez, a busca por informações específicas se deu de maneira que propiciasse acolhimento sobre os assuntos abordados. Como prenuncia Teixeira (2006, s/p), foi preciso “interrogar sem invadir”, “solicitar sem violentar, tendo em vista os princípios éticos da pesquisa social”. Por isso, nas entrevistas, busquei estabelecer trocas respeitadas em um processo que se estabeleceu “como algum campo de trocas” (TEIXEIRA, 2006, s/p). Nesse viés, a entrevista *online* colaborativa constituiu a metodologia desta pesquisa por ser imprescindível na compreensão dos modos de atuação do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura.

Ainda, para compreender a produção do campo discursivo de poder e saber que constitui o currículo da nudez, foi necessário utilizar a análise do discurso de inspiração foucaultiana. A força analítica dessa perspectiva de criação das informações parte da compreensão de que “não se pode falar qualquer coisa em qualquer época” (FISCHER, 2001, p. 221). Desse modo, essa abordagem metodológica trouxe a possibilidade de perguntar: “por que isso é dito aqui, desse modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente?” (FISCHER, 2001, p. 205). Assim, nesta pesquisa, a análise do discurso interroga sobre as invenções, sobre as condições de possibilidade para que um discurso apareça em um contexto histórico-social específico. Nesse viés, é possível criar informações sobre os modos de produzir sujeitos, saberes autorizados, verdades e subjetividades próprias da micropolítica na qual os discursos emergem.

Os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008b, p. 55). Assim, existem “práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ no discurso” (FISCHER, 2013, p. 151). A prática viva no discurso “veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 2014a, p. 110). Desse modo, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta” (FOUCAULT, 2010b, p. 9). O discurso é produtivo, positivo e está em disputa constante, apresentando regularidades e irregularidades. Nesse sentido, é constituído por um “jogo complexo e instável em que pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2014a, p. 110).

O discurso é uma “luta”, uma “batalha” “e não um ‘reflexo’ ou ‘expressão’ de algo” (FISCHER, 2013, p. 125). Assim, ele é instável e está em constante transformação. Nesse sentido, “pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder”

(FOUCAULT, 2014a, p. 110). “O discurso sempre se” produz “em razão das relações de poder” (FISCHER, 2001, p. 199). Desse modo, a/o analista do discurso precisa “investigar como, através de mecanismos de poder e saber, são formuladas, perpetuadas e transformadas as políticas de verdade” (RIBAS, 2016, p.131).

Os discursos são constituídos por relações de poder, eles apresentam uma “vontade que os conduz” (FOUCAULT, 2014a, p. 13) que “produz uma transformação técnica dos sujeitos” (FISCHER, 2007, p. 47). Além disso, possuem “regularidades intrínsecas” (FISCHER, 2001, p. 200) e “intenção estratégica que os sustenta” (FOUCAULT, 2014a, p. 13), constituídas por técnicas, tecnologias, estratégias de poder. Essas regularidades se impõem àqueles que falam a partir de um campo discursivo (FOUCAULT, 2008b). Por isso, estive atenta ao caráter produtivo da discursividade contemporânea sob “as formas de racionalidade que nossa sociedade veio construindo” e que, nesse processo, “os sujeitos tomaram para si mesmos” (FISCHER, 2013, p. 150), de modo a se produzir como sujeitos de discursos.

Ainda, para Foucault (2008b), o discurso é prática, assim, na análise do discurso “é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível das palavras, das coisas ditas” (FISCHER, 2001, p.198). Dessa forma, “é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso” (ibidem) e compreender que “não há nada por trás das cortinas” (ibidem). Assim, é importante interrogar o discurso no nível dos “elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto” (FOUCAULT, 2014a, p. 30). Foucault (2014a) ressalta que “não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz”, a/o analista do discurso precisa saber “determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar” (FOUCAULT, 2014a, p. 30).

Então, na análise do discurso, foi necessário interrogar os discursos em dois níveis, um da “produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporcionam)” e o segundo da “interrogação estratégica (que conjuntura e que correlação de forças tornam necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos)” (FOUCAULT, 2014a, p. 111). Nesse sentido, um campo de discursividade é produzido por estratégias e técnicas que estão intrínsecas a uma racionalidade do poder. Por isso, foi importante estar atenta aos “mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de poder” (FOUCAULT, 2014a, p. 30). A relação produtiva do discurso se

“exerce nas práticas sociais, na produção de verdades” (PARAÍSO, 2007, p. 68) e na constituição de sujeitos de certo tipo.

O discurso produz sujeito e “posições que tornam possíveis nomeá-lo, categorizá-lo, atribuir-lhe uma função, restringir e incentivar suas práticas, seus discursos e suas ações” (PARAÍSO, 2007, p. 68). Isso não significa compreendê-lo como único, linear, compacto e fixo, mas, sim, como um sujeito constituído a partir das “diferentes posições discursivas que vai ocupando em vários momentos” (MEIRELES, 2017, p. 35). Além disso, “o sujeito do discurso não é uma pessoa, alguém que diz alguma coisa; trata-se de uma posição que alguém assume, diante de um certo discurso” (FISCHER, 2013, p. 134). Assim, a ciborgue e a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* são produções discursivas do sujeito pelo próprio discurso. Ademais, essa produção do sujeito de certo tipo no currículo da nudez se dá de modo múltiplo e cheio de possibilidades, assim, a posição de sujeito é provisória. Por isso, foi preciso interrogar o discurso também sobre o “lugar de onde fala”, “a fonte de discurso” do sujeito, e sobre as ações concretas como “sujeito incitador e produtor de saberes” (FISCHER, 2001, p. 208).

Assim sendo, discursividades históricas apresentam uma “positividade concreta” (FISCHER, 2013, p. 55) que constitui “sujeitos de verdades”. Esses não se cansam de “buscar discursos verdadeiros” (FISCHER, 2013, p. 40) que os produzam a partir da “incitação a voltar-se para si mesmo” (p. 47). Isso é a positividade concreta da produção de si mesmo “que se apodera cada vez mais de uma suposta verdade do sujeito” (FISCHER, 2007, p. 57). Todo esse processo de práticas de si é constituído por lutas, resistências e reinvenções. Assim, a produção do sujeito por ele mesmo é um lugar de “afirmação de si” (FISCHER, 2007, p. 59) também como a possibilidade de se reinventar e existir de outro modo.

Para analisar as lutas travadas no e pelo discurso, foi preciso estar atenta para não “imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado” (FOUCAULT, 2014a, p. 110). Estive atenta à “multiplicidade de elementos discursivos”, descrevendo “que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT, 2014a, p. 30). Isso porque a multiplicidade de discursos pode “entrar em estratégias diferentes” (FOUCAULT, 2014a, p. 110). Assim, um campo discursivo apresenta regularidades, irregularidades, não linearidade de uma teia de significações múltiplas, tudo isso intrínseco às relações de poder e saber.

Portanto, ao produzir esta dissertação de acordo com a análise do discurso, estive atenta àquilo que o “discurso produz e objetiva” e à noção de que este “nos impele a sonhar, a pensar, a fazer e a ser” (PARAÍSO, 2007, p. 23). Inspirada em Paraíso (2007), interoguei-me: quais discursos sobre nudez, corpo, gênero, sexualidade, *nude selfie*, cibercultura o currículo da nudez produz e faz circular? Quais mecanismos, técnicas e estratégias de poder são acionadas nesse currículo? Quais as práticas discursivas que aparecem no currículo da nudez? Assim, estive atenta ao que estava dito e aos efeitos produtivos do discurso nesse currículo. Os ditos analisados estão nos textos, *memes*, vídeos, imagens, fotos, *gifs*¹². A produção de informações da pesquisa corresponde a uma análise específica dos grupos pesquisados e a um período histórico delimitado.

Ao extrair, recortar e me apropriar dos recursos utilizados em cada estratégia metodológica, criei meu próprio modo de realizar a pesquisa. Isso porque cada problema científico apresenta seus próprios modos de realização metodológica. Assim, o processo foi laborioso, precisei repensar estratégias, criar o meu próprio modo de agrupar e desorganizar as informações produzidas para depois reorganizá-las. Assim, nada foi fácil, linear e progressivo. No entanto, os percalços se transformaram em motor de força de criação para a realização de uma pesquisa viva.

2.6 Procedimentos Metodológicos

Neste tópico, explicarei os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa. Os procedimentos, assim como a perspectiva metodológica, foram escolhidos de acordo com a questão-problema da investigação: quais os modos de atuação do currículo da nudez na produção de relações de sexualidade e gênero na cibercultura? Nesse sentido, esses procedimentos estiveram associados às especificidades da cibercultura e do ciberespaço. Para compreender essas especificidades, foi importante conhecer os modos de funcionamento dos grupos privados na rede social *Facebook*. E compreender como a comunicação se estabelecia nos grupos através não só de texto como também de vídeos, imagens, fotos, *memes*, arquivos de áudio, músicas (EVANGELISTA, 2016).

¹² “GIF (*Graphics Interchange Format*, que se pode traduzir como ‘formato para intercâmbio de gráficos’) é um formato de imagem de mapa de bits muito usado na world wide web, quer para imagens fixas, quer para animações”. GIFs animados são compostos de várias imagens do formato GIF, compactadas em um só arquivo. Essa variante é utilizada para compactar objetos em jogos eletrônicos, para usar como *emoticon* em mensageiros instantâneos e para enfeitar sites na Internet. Em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>. Acesso em: 07 de outubro de 2017.

O *Facebook* apresenta três possibilidades de configuração de privacidade em grupos na rede social: grupos públicos, fechados e secretos. Os grupos públicos são abertos, qualquer usuário/o pode entrar e ver as publicações, comentários e curtidas. Os grupos fechados são visualizados por qualquer usuário/o no sistema de busca da rede social e qualquer um pode solicitar entrada ou ser adicionado por um dos membros. Mas o conteúdo só fica disponível para membros. Os grupos secretos, como os investigados nesta dissertação, são ocultos, ou seja, não ficam disponíveis no sistema de busca da rede social. Só pode tornar-se membro quem for adicionado ou convidado. Ainda, somente participantes conseguem ter acesso ao conteúdo e às informações de outras participantes que também estão no grupo. Segundo informações da rede social, o “padrão da comunidade” continua valendo mesmo em grupos secretos e um desses padrões é a proibição de divulgação de imagens de nudez. No entanto, nos três grupos investigados, *Somente Libidinosas*, *Gostosuras* e *As Minas*, contrariando a política de uso do *Facebook*, são postados quase de hora em hora autorretratos nus, imagens de nudez e vídeos de práticas sexuais. Algumas postagens são denunciadas pelas próprias participantes, as publicações são censuradas e, em alguns casos, as usuárias sofrem sanções da rede social. Mas a maioria das publicações não são denunciadas, o que torna possível a existência dos grupos com objetivo de troca de autorretrato nu no *Facebook*.

Para compreender o funcionamento dos grupos, simulei a criação de um grupo teste:

Figura 1 - Processo para criar um grupo no *Facebook*

Criar novo grupo

Os grupos são ótimos para fazer coisas e manter contato apenas com as pessoas que deseja. Compartilhe fotos e vídeos, tenha conversas, faça planos e muito mais.

Dê um nome ao seu grupo

Teste

Adicione algumas pessoas

Digite nomes ou endereços de email...

Selecione o nível de privacidade [Saiba mais sobre privacidade de grupos](#)

- Grupo secreto**
Somente membros podem encontrar o grupo e ver as publicações.
- Grupo público**
Qualquer pessoa pode ver o grupo, seus membros e suas publicações.
- Grupo fechado**
Qualquer pessoa pode encontrar o grupo e ver quem está nele. Somente membros podem ver as publicações.
- Grupo secreto**
Somente membros podem encontrar o grupo e ver as publicações.

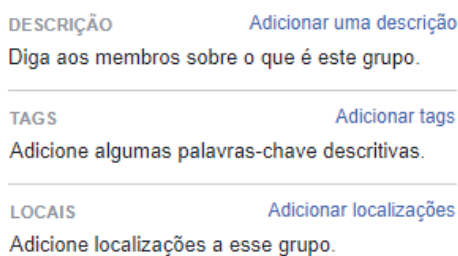
Fonte: <https://www.facebook.com/groups/>

Desse modo, ao atribuir um nome, adicionar as participantes e selecionar o nível de privacidade, a rede social direciona um próximo passo em que é necessário escolher um *emoji* para caracterizar o grupo. Em seguida este é criado, com opção de escolher também a imagem que irá personalizá-lo. Ao lado esquerdo, ficam disponíveis as opções: sobre o grupo; discussão; membros; eventos e também o sistema de busca próprio. Na parte da direita, fica a descrição, abaixo ficam as *tags*, ou seja, palavras-chave sobre a descrição do grupo, e também a opção de localização. A rede social também oferece diferentes opções de notificação acerca das publicações no grupo, em que é possível receber alertas de todas as postagens, ou apenas da postagem de amigos (usuários que estão conectados a partir de uma solicitação de amizade), ou ainda a opção de não receber notificações.

Figura 2 - Grupo Teste



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/>

Figura 3 - Descrição, TAGS, Locais dos Grupos *Facebook*

Fonte: <https://www.facebook.com/groups/>

Sendo assim, para compreender o funcionamento dos grupos secretos, desenvolvi critérios de escolha a partir de uma investigação exploratória. Nessa primeira etapa de pesquisa exploratória, estive à espreita das potencialidades que os ditos acionados nos grupos apresentavam para se compreender a produção das relações de sexualidade e gênero na cibercultura. Um dos critérios de escolha era que, na descrição, estivesse explícito o foco do grupo em relação a postagens sobre sexualidade e troca de autorretrato nu. Outro critério de escolha era o foco do grupo em sexualidades “não-hegemônicas”, ou seja, práticas dissidentes à norma heterossexual e com a presença exclusiva de mulheres, sujeitos não-binários e pessoas trans. Vale ressaltar que, antes de iniciar esta pesquisa de mestrado, eu participava desses grupos, assim, já estava inserida e não precisei me preocupar com o processo de entrada. O fato de já participar desses espaços foi um passo importante, mas na mesma medida foi desafiador, pois com a pesquisa precisei acionar um olhar de estranhamento em relação à dinâmica do grupo,

às discussões e participantes, para conseguir perceber questões que antes não eram analíticas.

Após a pesquisa exploratória, selecionei os três grupos que tinham como objetivo principal discutir sexualidade, gênero, corpo e prazer. Para cada um deles atribuí nomes fictícios, tais como *Somente Libidinosas*, *Gostosuras e As Minas*. Assim, o currículo que nomeei de currículo da nudez é constituído dos ditos, discursos e relações de poder desses três grupos. Uma característica importante deles é que apresentam moderadoras. A moderação é composta por usuárias que são designadas para gerir, organizar e zelar pelo grupo. Nos grupos secretos que não permitem a entrada de homens cisgênero, como os pesquisados nesta dissertação, a moderação tem o papel crucial de checar possíveis perfis falsos, banir publicações ofensivas e preconceituosas e promover os objetivos de cada grupo. Portanto, as moderadoras gerenciam o que pode ser publicado, de acordo com as regras estabelecidas por todas as participantes.

Ao selecionar esses três grupos e compreender as potencialidades deles para responder o problema de pesquisa desta dissertação, também se tornou necessário apresentar-me como pesquisadora. Desse modo, fiz uma publicação em cada grupo explicando a proposta da investigação e perguntando se elas aprovavam a realização da pesquisa naquele espaço. Na publicação, expliquei que nenhum autorretrato nu seria publicado, nem os nomes ou informações que tornem possível uma identificação. Expliquei que trabalharia com informações que não as identificassem. No grupo *Somente Libidinosas*, uma das ressalvas feitas à minha pesquisa era sobre os desabafos ou relatos de experiência. As integrantes solicitaram que eles não fossem publicados na íntegra, sugeriram a possibilidade de cortar trechos das histórias e, por vezes, fundir duas histórias diferentes em uma só. No *Gostosuras*, minha publicação teve poucos comentários, fato que tornou necessária uma conversa com as moderadoras do grupo, que também ressaltaram o sigilo de algumas informações e interditaram a publicação de qualquer foto. O grupo *As Minas* foi o último em que fiz a solicitação de pesquisa, de modo que, na publicação, já incorporei todas as recomendações dos grupos anteriores. Provavelmente por isso não ocorreu nenhum comentário com ressalvas quanto à realização da pesquisa.

Depois de apresentar-me como pesquisadora e explicar os objetivos da investigação, realizei uma segunda publicação em cada grupo perguntando se elas gostariam de ser “colaboradoras” da pesquisa. Isso significava que elas seriam

entrevistadas de forma *online* por mim e que manteríamos contato por um tempo para que eu ouvisse as percepções delas sobre gênero, sexualidade, autorretrato nu, corpo e prazer e também sobre algumas publicações específicas dos grupos. No total, mantive contato com dez integrantes, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, seguindo os procedimentos éticos da pesquisa. Pela efemeridade do ciberespaço, não mantive contato com elas por muito tempo. Foram apenas alguns dias de trocas de informações, percepções e opiniões. Nas entrevistas *online*, segui um roteiro com eixos temáticos sem um elenco de perguntas estruturado.

Durante esse processo, realizei a observação participante. Acionei algumas ferramentas disponíveis na plataforma da rede social *Facebook* para receber as notificações quando uma publicação era postada e também coloquei em destaque no meu *feed* de notícias as publicações dos grupos pesquisados. Assim, estive atenta de maneira intensa, pois recebia as notificações também através do meu *smartphone*. Durante seis meses (setembro de 2016 até março de 2017), estive imersa nos três grupos pesquisados, lendo cada publicação e fazendo capturas de tela, tanto pelo *smartphone* quanto pelo computador, das postagens em que via as potencialidades de criação analítica a partir do problema de pesquisa proposto. Realizei capturas de tela também de postagens de modo público que ocorriam no *Facebook* e que apareciam no meu *feed* de notícias.

Por conseguinte, categorizei mais de duas mil capturas de tela que havia realizado. Agrupei essas imagens em vinte categorias, são elas: fortalecimento de mulheres; amor próprio; autoestima; superação; tecnologias; arte; *memes*; trans; questões raciais; brincadeiras; aplicativos; corpos escritos; movimento feminista; denúncias; ação política, subversão; manda nudes; sexualidade; ciborgue; tecnologias. Junto com as imagens capturadas e agrupadas em cada uma das vinte categorias, também inseri meus comentários em cada pasta. Esse processo foi importante para pensar na organização de cada capítulo analítico e em como essas categorias também se relacionavam umas com as outras. A categorização não teve um papel de restringir ou limitar e, sim, de organizar as imagens, vídeos, *memes*, relatos e comentários. Além disso, serviu para multiplicar as forças da pesquisa a fim de, depois, analisar as categorias. As conversas com as ciborgues colaboradoras também foram organizadas da mesma forma. Os comentários delas sobre algumas publicações dos grupos foram agrupados junto aos meus.

Os procedimentos metodológicos, no que concernem à análise do discurso de inspiração foucaultiana, foram imprescindíveis no processo de compreensão da constituição de saberes, relações de poder, discursos, domínio dos objetos e da multiplicidade de táticas produtivas (FOUCAULT, 2011) no currículo investigado. Desse modo, essa linha teórica da análise do discurso possibilitou a busca por produções, incitações e positivities do poder, ou seja, o olhar para aquilo que se afirma mais do que se proíbe. Por isso, busquei perceber as diferentes formas que o poder estrategicamente assume na produção de saberes e verdades autorizadas, assim como procurei perceber as instabilidade do currículo, ou seja, os inúmeros pontos de luta, escapatórias e resistências das relações de poder.

Nesse sentido, procurei perceber as singularidades dos acontecimentos, espreitando os sentimentos, desejos e paixões divulgados no currículo da nudez. Nesse processo, fiquei atenta às microrrelações, ou seja, pequenas astúcias, minuciosas táticas do poder. E todo esse processo teve como cerne a compreensão das condições históricas, geográficas e culturais para que os acontecimentos, ditos e resistências fossem possíveis de emergir nesse currículo. Portanto, investiguei o que o currículo divulga, que tipo de sujeito é demandado e produzido, quais as verdades autorizadas, quais saberes e relações de poder constituídas. Assim, durante o processo de observação netnográfica e análise do discurso de inspiração foucaultiana, foi possível a construção argumentativa desta dissertação.

Um procedimento também imprescindível para a realização desta pesquisa foram as reuniões coletivas de orientação que aconteceram quinzenalmente ao longo de todo o trabalho. Essas reuniões foram compostas pela orientadora e por estudantes de mestrado, doutorado e graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua dinâmica era constituída por um trabalho colaborativo por meio de comentários, elogios, sugestões e análises que aprimoraram, fortaleceram e lapidaram a presente dissertação. O processo de realização desta pesquisa não aconteceu de maneira linear. Vivi os percalços de cada procedimento, principalmente a responsabilidade de lidar com um assunto muito delicado como a nudez. Mas o trabalho se sustentou por princípios éticos e por uma compreensão teórica das relações de sexualidade e gênero que, junto aos procedimentos e experiências afetivas explicitadas até então, foram fatores que proporcionaram o suporte necessário para a análise das informações que poderiam e deveriam ser consideradas.

3 O CURRÍCULO DA NUDEZ NA CRIAÇÃO DE PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA QUE DENUNCIAM RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE SEXUALIDADE E GÊNERO NA CIBERCULTURA

A violência contra as mulheres é uma prática abusiva e criminosa que evidencia as relações assimétricas e desiguais de poder entre os gêneros. Segundo dados do Atlas da Violência do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹³, treze mulheres são assassinadas por dia no Brasil. “A taxa de homicídio entre as mulheres apresentou crescimento de 11,6 entre os anos de 2004 e 2014” (p. 26). Ainda, a violência contra a mulher não acontece apenas em situações de homicídio, essa violência também ocorre em casos de assédios nas ruas com comentários desrespeitosos, por exemplo. Segundo pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência em 2016. Essa pesquisa mostra que 22% das brasileiras sofreram violência verbal em 2016, um total de 12 milhões de mulheres¹⁴.

Além do assassinato e do assédio nas ruas, outro tipo de violação são os crimes de exibição não consensual de imagens contendo nudez de mulheres. Por exemplo, no mês de novembro do ano de 2013, em Parnaíba, no Piauí, uma jovem de 16 anos cometeu suicídio após um vídeo no qual ela fazia sexo ter se tornado público nas redes sociais digitais¹⁵. No mesmo mês do ano de 2013, na cidade de Veranópolis, no Rio Grande do Sul, outra jovem também de 16 anos cometeu suicídio após fotos em que ela aparecia com os seios à mostra terem sido divulgadas por seu ex-namorado.

Os dados apresentados e os casos relatados mostram que a violência contra a mulher é uma questão que exige resolução política urgente na sociedade brasileira. Com o intuito de criar uma legislação sobre esses atos, elaborou-se o projeto de lei nº 5555/13¹⁶ que altera a Lei Maria da Penha (nº 11.340 – 7 de agosto de 2006), criando mecanismos para o combate a condutas ofensivas contra as mulheres na internet e em outros meios de propagação da informação. O projeto de lei foi aprovado na Câmara dos Deputados no dia 21 de fevereiro de 2017. No atual momento, essa proposta segue para ser aprovada no Senado Federal Brasileiro. Até então, as condutas violentas contra

¹³ Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30411. Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

¹⁴Dados disponíveis em: <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contras-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 11 de agosto de 2017.

¹⁵ Para saber mais sobre o caso: <https://oglobo.globo.com/brasil/adolescente-se-mata-apos-ter-video-de-sexo-com-um-casal-divulgado-na-internet-10782350>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

¹⁶ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=576366>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

mulheres na internet não apresentavam jurisprudência no Brasil, o que ocasionava a impossibilidade de responsabilização para quem divulgasse imagens íntimas, autorretratos nus e vídeos sem consentimento.

Para a antropóloga Maria Filomena Gregori (2010, p. 28), o crime “implica a tipificação de abusos, a definição das circunstâncias envolvidas no conflito e a resolução, destes, em âmbito jurídico”. Já a violência, para a antropóloga, implica o reconhecimento social, e não apenas legal, de que certos atos são abusivos e envolvem “processos interativos atravessados por posições desiguais de poder”. Vale ressaltar que o discurso jurídico criminal reproduz assimetrias de poder, não podendo se configurar como um campo neutro.

Na primeira seção deste capítulo, o currículo da nudez é discutido quanto à produção de denúncias contra assimetrias de gênero em torno da exibição da nudez na cibercultura. Para isso, será explicitado como as denúncias sobre relações assimétricas de sexualidade e gênero produzem práticas de resistência que constituem esse currículo. A resistência insurge nessas relações de poder porque nomeia, torna visível e combate práticas violentas. Neste capítulo, as denúncias mostram violências que foram praticadas a partir da divulgação não consensual de autorretratos nus nas redes sociais.

Na segunda seção, o conceito de regime de corporeidade é acionado para analisar as denúncias das ciborgues em relação ao poder assimétrico de gênero que produz modos específicos de exibição do corpo nu na cibercultura. A análise é construída nos modos distintos de efeito de significação social da nudez entre os gêneros. Diante dessa perspectiva analítica do capítulo, argumento que o currículo da nudez denuncia práticas assimétricas de sexualidade e gênero e, assim, resiste a certas normas sociais e ao regime de corporeidade.

3.1 Denúncias do currículo da nudez na criação de práticas de resistência

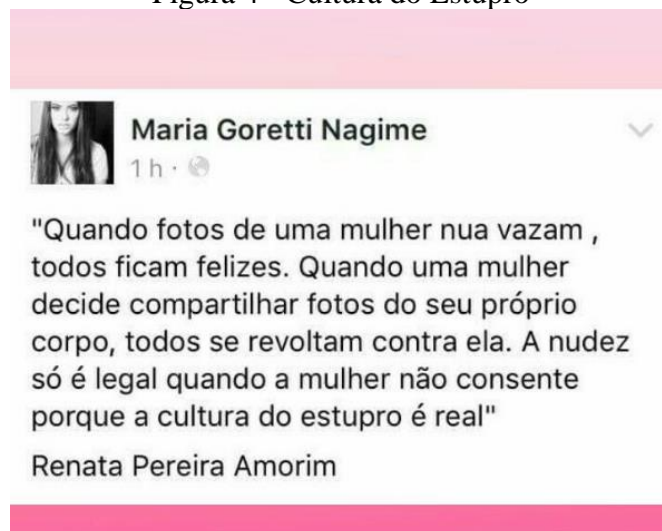
Este primeiro tópico pretende analisar como o currículo da nudez é produzido a partir das denúncias sobre violências ocasionadas pela exibição de nudez consentida e não consentida de mulheres na cibercultura. As denúncias e relatos publicados nas redes sociais digitais são compreendidos, neste capítulo, como resistências que constituem a criação de outros modos de existência, ou seja, modos de “re-existir”. Resistência, para Foucault (2008a), são atos de criação de modos de vida que procuram “escapar da conduta dos outros”, são a recusa aos “valores apresentados pela sociedade” (p. 257).

Resistir é a possibilidade de criar, inventar, mudar e fazer diferente, produzindo assim outras reinvenções de vida que buscam a “insubmissão” (FOUCAULT, 2017). Resistências são “revoltas específicas de conduta”, de “querer ser conduzido de outro modo” (FOUCAULT, 2008a, p.157).

“Onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2014b, p. 138), isso porque, para Foucault (2014b, p.133), o poder se constitui nas relações sociais, no processo de “um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras”. “O poder é um jogo estratégico” (FOUCAULT, 2017, p. 284) de produção de possibilidades de ações. Desse modo, poder e resistências não estão dissociados e “não há relações de poder sem resistência, sem escapatória, ou fuga, ou reviravolta eventual” (FOUCAULT, 2014b, p. 138). Assim, “pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder” (FOUCAULT, 2014a, p. 104).

Neste capítulo, argumento que o currículo da nudez é constituído por práticas de resistência que acontecem de modo específico na desestabilização das normas sociais de gênero e de sexualidade. As ciborgues criam outras possibilidades de compreender a si, o mundo e a nudez a partir das denúncias que realizam. Como na denúncia a seguir, publicada na rede social *Facebook*:

Figura 4 - Cultura do Estupro



Fonte: Postagem pública no *Facebook* [27/12/2016]

A publicação acima foi compartilhada no grupo *Somente Libidinosas* e é uma postagem de modo pública realizada em uma página do *Facebook*. Assim, o dito não é das ciborgues participantes do grupo, mas foi compartilhado por uma delas. Desse modo, a publicação produz o currículo da nudez ao denunciar a “cultura do estupro”.

Para isso, a autora divulga a técnica de distinção entre publicações consentidas e não consentidas de nudez das mulheres na cibercultura. Os ditos de “todos ficam felizes” ou “todos se revoltam contra ela” fazem referência ao discurso machista que reafirma a norma social de gênero, de modo a produzir assimetria de poder. Para isso, esse discurso aciona estratégias de poder que colocam em prática as ações que provocam violências em relação às mulheres, sua nudez e maneiras de viver sua sexualidade.

No caso, a publicação fala da “cultura do estupro” em relação à nudez das mulheres, acionando a distinção entre a nudez publicada nas redes sociais de maneira consentida e a nudez publicada de forma não consentida. De acordo com o dicionário *online* Michaelis¹⁷, o significado de consentimento está relacionado ao “ato ou efeito de consentir, permissão, licença” ou “decisão favorável quanto à solicitação ou pedido; aprovação, anuência, aquiescência”. Sendo assim, a publicação de nudez consentida é aquela em que a pessoa foi favorável, permitiu ou ela mesma publicou a sua foto nua. De acordo com a análise do currículo da nudez, a posição de sujeito ciborgue é produzida quando a publicação da nudez é realizada pela própria pessoa exposta na fotografia. Essa posição de sujeito é produzida, portanto, a partir da intensa conexão dos indivíduos com as tecnologias digitais. Nesse caso, ciborgues são também produzidas na relação que estabelecem com a denúncia de fotos divulgadas de maneira não consensual na cibercultura. Assim, essa posição de sujeito tem como característica constitutiva o questionamento, a denúncia e a transgressão das normas sociais, tendo o ciberespaço como campo principal de atuação. Na figura 4, a publicação da nudez consentida, ou seja, autoexposta nas redes sociais digitais é uma prática divulgada como legítima. No entanto, de acordo com a denúncia analisada neste tópico, quando a nudez autoexposta é de mulheres, o discurso machista é acionado para desqualificá-la no âmbito moral e social.

O currículo da nudez, nesta publicação, aciona a “cultura do estupro” para denunciar a violência contra as mulheres, falando especificamente sobre os efeitos violentos do discurso machista em relação à sua nudez. A cultura para, Stuart Hall (1997, p.1), envolve “sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros”. Dessa forma, a cultura é constitutiva das relações sociais, porque dá

¹⁷ Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=consentimento>
Acessado em 4 de maio de 2017.

“sentido às nossas ações” e permite “interpretar significativamente as ações alheias” (HALL, 1997, p.1). Assim, as ações, práticas, linguagens e modos de vida são operantes culturalmente porque são dotados de códigos culturais que “significam as coisas”, codificam, organizam e regulam. Dessa forma, a denúncia da publicação aponta para a “cultura do estupro” como um sistema de códigos sociais que são significados de forma a autorizar o estupro e outras violências em relação às mulheres.

Cultura do estupro é uma noção cunhada por feministas estadunidenses da década de 60 do século XX e, no Brasil, é muito utilizada por movimentos sociais que questionam a culpabilização das mulheres vítimas de agressão sexual (ROST; VIEIRA, 2015, p. 267). A cultura do estupro divulgada no currículo da nudez é entendida como o sistema de significados que regula as práticas sociais de modo a autorizar práticas de violência sexual. É a criação de regras sociais que torna inteligível o discurso que culpa a pessoa que sofreu violência sexual. Na figura 4, o currículo da nudez denuncia o discurso machista que, a partir de fotos de mulheres nuas, provoca ações de violência e depreciação moral, ditas na publicação com o “todos se revoltam contra ela”.

O ato de violência de “todos se revoltam contra ela”, quando a nudez é autoexposta, atinge todos os âmbitos sociais. Dessa forma, nesse caso da nudez consentida, é produzida a posição ciborgue também como estratégia da produção de sujeito que desestabiliza e combate o discurso machista. A ciborgue rompe com a regulação normativa de gênero que prescreve que o corpo nu de mulheres não pode ser mostrado. Esse modo de existência produzido pelo currículo resiste aos imperativos dos discursos morais e divulga fotos nuas mesmo prevendo que “todos se” revoltarão “contra ela”.

Em contraste com a nudez consentida e autoexposta, existe a divulgação da nudez de maneira não consentida. Esta é um crime, como foi dito no início do capítulo. O currículo da nudez denuncia que o crime de publicação não consensual de fotos de nudez é uma prática autorizada pelo discurso machista. Isso ocorre nos ditos de “todos ficam felizes” quando esse tipo de crime acontece. A denúncia apresentada, na figura 4, pode ser compreendida como uma prática de resistência, porque desestabiliza os atos que tentam reafirmar a dominação e subjugação de corpos nus de mulheres.

Ainda, a nudez autoexposta de mulheres também pode se constituir como um modo de resistência ao discurso que divulga que o corpo nu de mulheres não pode ser exposto. Diante dos códigos de significação da “cultura do estupro”, ao se publicar o autorretrato nu, é possível prever as condutas morais e violentas que serão suscitadas

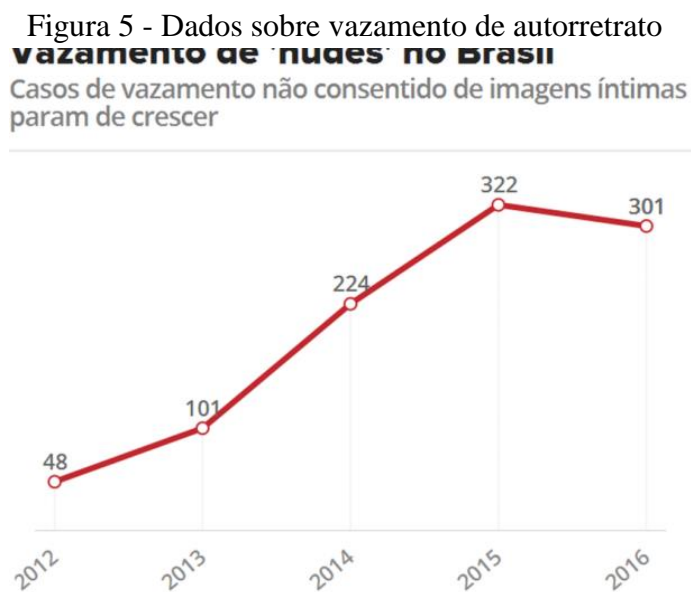
pelas estratégias de poder do discurso machista em relação ao ato. No entanto, as ciborgues publicam os *nudes* mesmo prevendo que serão interceptadas pelos imperativos do discurso moral. O autorretrato nu autoexposto pelas ciborgues é uma prática de resistência à violência machista. O comentário de Moara, feito na rede social *Facebook*, mostra a potência combativa do *nude selfie*:

Quando meu ex namorado que não aceitava o fim do nosso relacionamento, me chantageou dizendo que ia divulgar todos os meus *nudes* caso eu não voltasse pra ele. Fui lá no meu *facebook*, em uma publicação de modo pública e eu mesma publiquei 10 fotos minhas nua em todas posições que vocês imaginarem. Pronto, ficou desarmado! Fim da chantagem” (Moara, 29 anos, comentário no grupo de *Facebook Gostosuras*[11/11/2016]).

Na publicação, Moara promove ditos de combate à violência praticada pelo ex-namorado, que ameaçava publicar fotos dela nua, sem autorização. Desse modo, a ação de Moara foi publicar as suas próprias fotos com a estratégia de tirar do ex-namorado a posse do seu corpo, que ele imaginava que podia controlar. Ela combate a violência que seria praticada por ele, com a publicação dos autorretratos sem seu consentimento. Num mecanismo de insubmissão, a própria Moara publica suas fotos. Esse mecanismo, além de combativo, pode ser compreendido como um mecanismo de resistência, ou seja, o “existir de outro modo” na “singularidade, novidade, possibilidades” (PARAÍSO, 2016, p. 394) dos modos de conduzir ações próprias da existência ciborgue. Nesse viés, as relações de poder nunca saturam o campo das ações possíveis de serem realizadas, logo, a resistência é a recusa à submissão. Foucault (2008a, p. 157) também afirma que a resistência é um movimento que tem como “objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores (...) para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e outros métodos”. Por isso, é possível falar também em re-existência como um movimento de criação de contraconduta a regimes de dominação dos sujeitos. Nesse caso, o currículo da nudez ensina possibilidades de resistência.

Assim, a nudez autoexposta se apresentou, nesse caso, como uma resistência à violência machista. Nesse sentido, o crime de divulgação não consensual de fotos nuas é uma violência de gênero. As pessoas que mais sofrem com esse tipo de crime são as mulheres. De acordo com os dados divulgados pela organização não-governamental (ONG) *Safernet Brasil*, que monitora crimes e violação dos direitos humanos na internet, em 2016 foram registrados 301 pedidos de ajuda de pessoas que foram vítimas

de vazamento de *nudes*. Desses 301 pedidos de ajuda registrados, 203 (67%) foram de mulheres e 98 foram de homens (32,5%). Segue abaixo o gráfico com dados dos anos de 2012 a 2016, registrados pela ONG *Safernet Brasil*¹⁸:



Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/cai-o-n-de-vitimas-de-nudes-vazadas-na-internet-do-brasil-em-2016-diz-ong.ghtml>

Segundo dados da ONG, os casos registrados durante esses anos expressam a diferença considerável de gênero entre os pedidos de ajuda, por exemplo, no ano de 2014, foram 77,4% de mulheres e 22,86% de homens. Pode-se deduzir, por meio dessas informações, que as mulheres são as maiores vítimas desse crime. De acordo com o gráfico, os registros de vazamento de *nude selfie* cresceram intensamente a partir de 2012, ano em que a população brasileira começou a adquirir os *smartphones* (SIBILIA, 2016), até o ano de 2015. No entanto, no ano de 2016, os casos registrados caíram 6,5%. No campo das possibilidades, essa queda de registro pode estar relacionada ao fato de as pessoas terem conhecimento de como assegurar o sigilo das fotos. Outra possibilidade explicativa é de que as pessoas não estão pedindo ajuda, de forma que a ONG não consegue realizar o registro de casos. Ou, ainda, a possibilidade dos

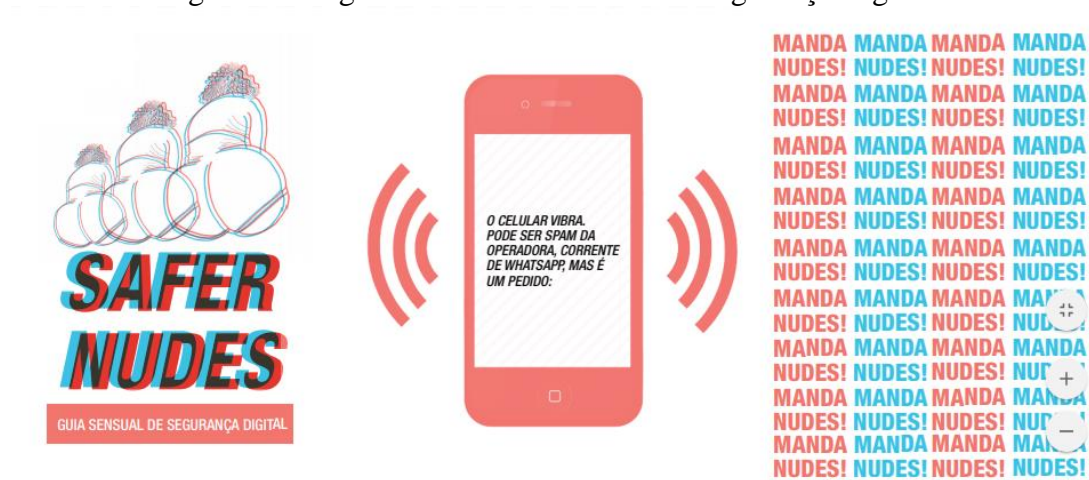
¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/cai-o-n-de-vitimas-de-nudes-vazadas-na-internet-do-brasil-em-2016-diz-ong.ghtml>
 Acesso em: 4 de maio de 2017.

deslocamentos morais e sociais da nudez, isso porque algumas pessoas têm suas fotos divulgadas, no entanto não se importam com o fato de tornar a sua nudez pública.

Assim, o currículo da nudez cria práticas de resistência que denunciam e contestam a ordem do discurso machista. Isso porque esse currículo divulga dados que mostram as desigualdades de gênero, o que constitui as denúncias do crime de divulgação não consensual de imagens contendo nudez. Essas práticas de resistência denunciam mecanismos de poder que visam à perpetuação da violência de gênero. Assim, o currículo confere inteligibilidade às ações violentas do discurso machista, provocando fissuras, questionamentos e mudanças sociais e culturais no campo de forças de poder da nudez de mulheres nas redes sociais.

Na cibercultura, são divulgados saberes específicos sobre como proteger os autorretratos nus enviados em aplicativos e redes sociais. Um exemplo dessa divulgação é o “*SaferNudes: Guia Sensual de Segurança Digital*”¹⁹, guia gratuito produzido pela ONG *Coding Rights*, que promove os direitos humanos no ciberespaço.

Figura 6 - Fragmento do Guia Sensual de Segurança Digital



Fonte: <https://www.codingrights.org/pt/guia-sensual-de-seguranca-digital/>

O Guia Sensual de Segurança Digital tem como endereçamento as mulheres, pessoas trans, não-binárias e sexualidades e gêneros dissidentes da norma. Sendo um guia direcionado para essas pessoas, os ditos são acionados com o intuito de disponibilizar práticas de segurança no ciberespaço. Nesse propósito, o material não parece ser constituído pelo discurso dos imperativos morais que proíbe a exibição da nudez de mulheres e o não envio do autorretrato nu, pelo contrário, apresenta as

¹⁹ Disponível em: <https://www.codingrights.org/pt/manda-nudes/>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

potencialidades dos registros da nudez. Por exemplo, é dito no guia: “fazer e mandar nudes é um direito e também pode ser uma prática de resistência contra o machismo”. Assim, apresenta precauções sem acionar ditos de pudor em relação ao corpo nu. Em vez disso, a cartilha aciona ditos de “autocurtição” e incentiva a prática do *nude selfie*. Ainda diz para cada uma “descobrir o seu caminho” no modo de fotografar-se e oferece o desfrute do *nude selfie* “intensamente”.

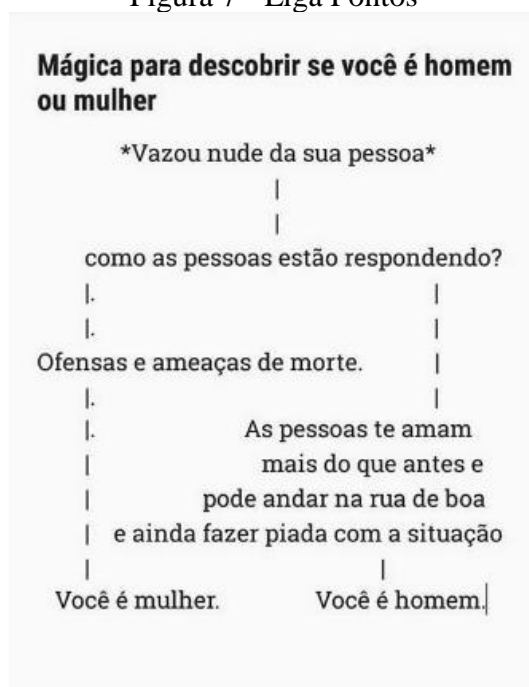
Dentre as técnicas de segurança digitais autorizadas pelo guia, está o anonimato, caso o destinatário seja alguém que a pessoa não conheça ou confie. O material disponibiliza informações de aplicativos que alteram detalhes que a pessoa não queira mostrar na imagem. E também aplicativos que apagam ou modificam informações como dados de localização, data e horário da foto. Sobre como proteger as fotografias, apresenta a técnica de segurança das senhas fortes e criptografia²⁰, além de maneiras de criar pastas ocultas no computador. Esse guia é constituído por técnicas de segurança que conduzem ações autorizadas de resistência à violência da viralização de imagens nuas de mulheres, sem consentimento. O mecanismo de autorizar um modo de ação que se utiliza das técnicas de segurança disponibilizadas pelo guia produz sujeitos que resistem ao discurso machista de viralização não consensual de imagens de nudez.

Esse sujeito que resiste, produzido nesse processo discursivo, é a ciborgue que, além de fotografar-se nua a partir de *smartphones*, também utiliza as técnicas de segurança caso não queira que suas fotos se tornem públicas. De acordo com Foucault, Reis e Paraíso (2014, p. 239) afirmam que “posições de sujeito são, portanto, os significados produzidos discursiva e culturalmente sobre os sujeitos, que atuam como ponto de ancoragem da noção de si mesmo”. A ciborgue, então, é produzida no discurso que constitui o currículo da nudez. Assim, este disponibiliza no discurso as verdades, saberes e modos de subjetivação que, ao invés de punir ou interditar a prática de *nude selfie*, estimula e potencializa as formas seguras de desfrutar do autorretrato nu. Desse modo, esse currículo produz a ciborgue que resiste à violência da divulgação não consensual de fotos nuas de mulheres e também resiste às assimetrias de poder de gênero.

A seguir, outra forma do currículo da nudez resistir e denunciar os efeitos de significação distintos entre gêneros:

²⁰ Conjunto de princípios e técnicas para cifrar a escrita, torná-la ininteligível para os que não tenham acesso aos códigos combinados.

Figura 7 - Liga Pontos



Fonte: Publicação no grupo *Somente Libidinosas* do *Facebook* [14/01/2017]

A figura acima foi capturada da rede social *Facebook* e apresenta, na forma de “liga pontos”, a “mágica” para descobrir o gênero dos sujeitos a partir da maneira como os autorretratos nus acionam sistemas de significados sociais distintos. Ou seja, como a sociedade produz códigos sociais de conduta de gênero em torno da nudez divulgada no ciberespaço. A figura apresenta inicialmente um fato: “vazou nude de uma pessoa”, em seguida, através da pergunta “como as pessoas estão respondendo?”, o gráfico pretende mostrar os efeitos desiguais de significação social que a nudez aciona. Quando o efeito de significação cultural produz condutas de “ofensas e ameaças de morte”, o gráfico denuncia que essa pessoa que teve o *nude selfie* vazado é uma mulher. Em oposição, quando a regulação produz a conduta “as pessoas te amam mais do que antes e pode andar na rua de boa e ainda fazer piada com a situação”, o *nude selfie* vazado é de um homem. O sistema de significação do “liga pontos” foi construído para denunciar o modo como a sociedade lida com a publicação de autorretratos nus não consentidos em meio às relações de gênero.

Para realizar essa denúncia, o “liga pontos” aciona a distinção de gênero como uma estratégia de poder para denunciar e tornar inteligível os efeitos de significação desiguais entre homens e mulheres nos autorretratos nus. O “liga pontos” têm como estratégia de poder mostrar as assimetrias de gênero para provocar a desestabilização e

o questionamento das condutas sociais em relação aos corpos nus exibidos nas redes sociais digitais. Assim, apresenta o nu masculino, que aciona técnicas que privilegiam seu modo de exibição, em contraste à nudez das mulheres, que aciona violências que pretendem diminuir a potência de vida. Para realizar essa denúncia, o gráfico torna visível a assimetria de poder entre gêneros, produzindo uma desestabilização nas normas sociais, afinal, ao tornar visível uma relação assimétrica de poder, menos essa relação será eficiente (LOURO, 2009).

Assim, as práticas das ciborgues têm como estratégia a denúncia de violências de gênero quando fotos nuas são publicadas de maneira não consensual no ciberespaço. E, para isso, usam a técnica de comparar os modos de ação social distintos em relação à nudez entre mulheres e homens. No campo de forças que o “liga pontos” produz, os ditos resistem às normas de gênero, pois denunciam violências em relação às mulheres quando autorretratos nus se tornam públicos de maneira não consensual.

Ao mesmo tempo, no campo de forças produtivo do discurso, o gráfico pode suscitar a reiteração binária do gênero, ao construir a comparação entre homens e mulheres. Para Butler (2013a, p. 199), os “vários atos de gênero” criam a “ideia de gênero”, ou seja, ao estabelecer a comparação de dois polos, homem e mulher, produzem-se significados fixos e posições diferenciadas. O discurso é produtivo nos modos de constituição dos sujeitos. Assim, ao construir apenas duas maneiras de chegar ao ponto final do “liga pontos”, com “você é uma mulher” ou “você é um homem”, produz e disponibiliza apenas esses dois modos de “ser” em relação ao gênero. Portanto, este é fabricado pela reiteração constante da norma pelo discurso e pelos atos que o “cristalizam” (p. 59) nas relações sociais. O “liga pontos” denuncia violências de gênero, problematizando as normas sociais em relação ao corpo nu na cibercultura. E também reitera o discurso binário de gênero, produzindo diferentes campos de força numa mesma estratégia discursiva.

A relação binária de gênero é efeito de um aparato tecnológico e também de circunstâncias “atravessadas por relações de poder”, que se combinam e possibilitam que essa norma seja admitida como verdade (LOURO, 2009, p.86). No conjunto das relações de poder, divulga-se nesse discurso que os sujeitos ajam apenas de duas maneiras em relação aos *nudes* vazados. O discurso binário que opõe homem e mulher é uma fabricação de verdade, é uma fantasia que se cristaliza nos corpos e nas relações sociais. “O emparelhamento do binômio masculino/feminino [...] é, de qualquer modo, uma falácia” (LOURO, 2017, posição kindle 169-170). Sendo assim, “as posições

podem ser embaralhadas e cambiantes, e, antes disso, há que se reconhecer que os polos masculino e feminino estão longe de ser, em si mesmos, homogêneos” (ibidem).

No tópico a seguir, a análise é construída nessa compreensão dos discursos binários de gênero, como também analisam-se as denúncias de maneira centrada nos modos de exibição do corpo que produzem um regime de corporeidade. Esse modo específico de exibir o corpo nu é questionado e desestabilizado a partir de práticas de resistência produzidas pelas ciborgues no currículo da nudez.

3.2 Regimes de corporeidade nas relações de sexualidade e gênero no currículo da nudez

Nesta seção do capítulo, a construção analítica se desenvolve a partir do conceito de “regime de corporeidade” (ROSE, 2001) nas relações de sexualidade e gênero na cibercultura. Nikolas Rose (2001), inspirado por Foucault, postula que as disposições do corpo são constituídas por relações de poder e saber que produzem um determinado tipo de materialidade do corpo. “A corporeidade humana [...] pode fornecer a base para uma teoria [...] da constituição dos desejos, das sexualidades e das diferenças sexuais” (ROSE, 2001, p. 167). Neste capítulo, entende-se o regime de corporeidade em suas conexões com técnicas e mecanismos de poder que o produzem nos modos de exibição do corpo nos autorretratos nus. Para Rose (2001, p. 169), o corpo é um fenômeno histórico, “seus órgãos, processos e fluidos vitais” são resultados de uma história “cultural, científica e técnica”, assim, o modo de exibição da nudez no autorretrato nu não é uma propriedade natural do corpo e, sim, uma “conquista técnica” das relações produtivas do dispositivo da sexualidade e das relações de gênero.

O dispositivo da sexualidade se relaciona, neste trabalho, com o regime de corporeidade, porque é produzido nos modos de exibição do corpo nu. Esse corpo fotografado e exibido nas redes sociais digitais é produzido por técnicas de poder que autorizam determinados modos de se fotografar. Com isso, o discurso produz subjetividades generificadas, porque os modos de fotografar o corpo são prescritos de acordo com as normas de gênero. Essas normas são prescritas de forma meticulosa nos ditos sobre como mulheres e homens devem enviar fotos de nudez na cibercultura.

No regime de corporeidade, os modos de exibição do corpo nos *nudes selfies* são compreendidos como “conquistas técnicas” produzidas por um esquema discursivo e não por uma “propriedade natural” do corpo (ROSE, 2001). Nesta seção do capítulo, argumento que o currículo da nudez questiona e desestabiliza as prescrições normativas

de como o corpo deve ser fotografado. A seguir, um *meme* que foi publicado em um dos grupos do *Facebook*:

Figura 8 - Homens e Mulheres Trocando *Nude Selfie*



Fonte: Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook*[12/11/2016]

O *meme* utiliza a técnica discursiva da comparação entre homens e mulheres para denunciar a diferença entre os regimes de corporeidade em relação aos gêneros, ao ser compartilhado o *nude selfie* na cibercultura. Esse *meme* divulga um modo específico de regime de corporeidade, em que mulheres fotografam três diferentes partes do corpo na prática do *nude selfie* e os homens apenas uma parte, que na imagem está representada por um animal, o “pintinho”.

Esse *meme* divulga diferenciações de gênero na prática do *nude selfie* e torna inteligível como o corpo é apresentado nas fotos de acordo com o gênero. Nesse caso, o *meme* produz as verdades sobre a prática do autorretrato nu. Ao “viralizar”, ou seja, tornar o conteúdo de grande repercussão, o *meme* produz modos de expressar a corporeidade de acordo com as prescrições de gênero. Para além disso, a sexualidade também é produzida, pois as partes corporais focalizadas na imagem indicam as zonas de intensidade de erotização. A erotização do corpo nu incide nas mulheres de maneira expressiva, talvez porque mais partes corporais são divulgadas como eróticas.

Essa diferença no modo de exibição da nudez e a erotização desse ato trazem indícios de assimetrias de poder entre os gêneros. As relações de poder são práticas, “o que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona”

(MACHADO, 2011, p. XIV). E, nesse caso, essas relações funcionam na produção de um determinado tipo ideal de corpo de mulheres, que, como mostra o *meme*, é branco, magro, com peitos grandes e avantajados e bunda empinada, como lócus potencial do erotismo e da sexualização. E parece que o *meme* apresenta essa relação assimétrica do corpo e do erotismo de maneira debochada, para resistir a essa prescrição social normativa de modos de existência.

O ato de resistir está intrínseco à própria rede de poder. No caso desse *meme*, a resistência encontra-se na recusa a esse modo prescritivo e normativo de autofotografar o corpo. O *meme*, ao divulgar essa diferença de autorretrato por gênero, torna inteligível a normatividade de exibição da nudez na cibercultura. Dessa maneira, os sujeitos tornam-se capazes de identificar esse modo de ação e recusar as prescrições normativas do corpo autofotografado. Portanto, a posição de sujeito ciborgue produzida no currículo da nudez é constituída pela recusa ao regime de corporeidade, que limita os modos de exibição do corpo nu.

O sarcasmo sobre o modo como homens fotografam o corpo parece questionar a técnica de fotografar apenas o pênis como uma prática para reafirmar a masculinidade hegemônica (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013). Esta “está relacionada com formas particulares de representação e uso dos corpos dos homens” (ibidem, p. 269). A figura evidencia o modo de uso do corpo por homens na prática do autorretrato nu na cibercultura.

Assim, o modo de exibição da corporeidade masculina é representado de forma debochada por um animal “pinto” ou “pintinho”. O *meme* suscita o questionamento sobre a “produção de um regime de corpo” (ROSE, 2001, p. 170) masculino que fotografa o pênis como uma forma de reafirmação de gênero, a partir da virilidade. Os ditos indicam, a partir da imagem do pintinho, uma ironia à discursividade machista que reafirma a exibição apenas dessa parte do corpo nos autorretratos nus. O fato de a imagem apresentar um animal pequeno e aparentemente ainda indefeso ironiza a virilidade que esses autorretratos pretendem afirmar. Para Rose (2001), o corpo é um fenômeno histórico que engloba diferentes discursos na sua produção. Nesse caso, ciborgues constituem discursividades no currículo da nudez que questionam essa forma de corporeidade masculina expressa a partir de autorretratos nus. Assim, o *meme* pode ser analisado em termos do regime de corpo e das relações de poder em disputa sobre os modos de produção de corporeidade a partir das normas de gênero. Além disso, o

tamanho avantajado do pênis é uma marca da virilidade masculina, por isso representar o pênis com a imagem de um pintinho debocha e parece questionar essa relação.

No grupo *Somente Libidinosas*, o regime de corporeidade masculino é motivo de zoação, assim, foi compartilhada nesse espaço a seguinte publicação:

Figura 9 - Homem Mandando *Nude Selfie*



Fonte: Publicação no grupo *Somente Libidinosas*, do *Facebook* [08/11/2016]

Nessa publicação, o controle remoto é posicionado como o pênis e apresenta os quatro ângulos que os corpos masculinos exploram de seu corpo na captura do autorretrato. A publicação ironiza a corporeidade da masculinidade hegemônica. O controle remoto como objeto fálico que simboliza o pênis parece compor a zoação com a ironia da palavra “controle”. A palavra parece estar relacionada à necessidade de controle em relação ao exercício da masculinidade hegemônica, associado ao pênis ereto e viril expresso no autorretrato nu.

Para Rose (2001), não se trata de pensar as propriedades do corpo e, sim, de pensar o corpo em suas conexões com técnicas e mecanismos de poder que produzem o regime de corporeidade nos sujeitos. O regime de corporeidade da masculinidade está intensamente relacionado às relações de sexualidade e gênero, pois esse regime reitera que, para reafirmar a masculinidade e se alinhar às normas de gênero, os corpos

masculinos precisam expressar virilidade, ação e força, nesse caso, a partir do autorretrato nu.

No currículo da nudez, o regime de corporeidade masculina é questionado, ironizado e zoadado a partir das fotos agrupadas na publicação acima, e o título é direto: “homens mandando nude”. A zoação produz, nesse caso, a desestabilização desse modo de exibição do corpo no autorretrato nu como desejável ou interessante na troca de *nude selfie*. A zoação é característica da cibercultura e do ciberespaço onde essa imagem foi publicada. Na figura, o sujeito másculo, heterossexual, que manda *nude selfie* do pênis sem solicitação é zoadado. Desse modo, parece que, ao se divulgar a produção desse tipo de sujeito na captura do *nude selfie*, produz-se no currículo da nudez o questionamento sobre esse modo de agir em conformidade com as prescrições do regime de corporeidade masculina.

Além disso, o currículo da nudez denuncia as violências em relação ao recebimento de *nude selfie* sem solicitação, pedido ou vontade. O caso a seguir apresenta os efeitos violentos que os autorretratos nus geram a partir do envio de fotos sem solicitação:

[homem abusivo]

Olá meninas, nunca poste nada aqui, mas comento algumas publicações. Mas vim aqui falar desse homem escroto e para vocês me ajudarem a denunciar o *facebook* dele, please manas. Me pediu solicitação de amizade e eu aceitei, veio com o papo que sou bonita e que queria me conhecer, falei que não e ele sem sucesso comigo simplesmente resolveu mandar uma foto do pinto dele. Eu sem reação só fiz bloquear ele. Me ajudem! (Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook*[16/11/2016])

O fragmento acima apresenta um pedido de ajuda no grupo *As Minas*, do *Facebook*, em relação a um recebimento de *nude selfie* sem solicitação. Esse ato foi nomeado como “abusivo” pela usuária da rede social. No regime de masculinidade hegemônica, é necessário expressar a virilidade. Assim, sujeitos são produzidos a partir de atos e discursos que prescrevem condutas próprias para reiterar a masculinidade. Especificamente no currículo da nudez, esse regime hegemônico é questionado a partir de denúncias de envio de autorretrato nu sem solicitação.

A publicação mostra que as ciborgues constroem modos de dizer “não” a essa forma de abordagem. E, assim, resistem às abordagens que as intimidam e violentam na cibercultura. Essas denúncias possibilitam que outros campos de ação do poder constituam os modos de vida na sociedade contemporânea. Modos de vida que

transformam práticas naturalizadas de gênero, além de também serem construídas práticas que denunciam violências sofridas no meio virtual. Essas ações constituem modos de vida que questionam naturalizações e produzem práticas de resistência às normas e regimes sociais. Sendo assim, no currículo da nudez denunciam-se as assimetrias de gênero no que concerne à exibição do corpo nu na cibercultura.

Nesse movimento de insubmissão, as ciborgues produzem ditos de contestação e compartilham nas redes sociais digitais notícias sobre os efeitos desiguais que o autorretrato nu produz de acordo com o gênero. A seguir, a figura sobre essa questão:

Figura 10 - Privilégio



A publicação acima denuncia o que denomina de privilégio masculino de poder divulgar autorretratos nus, enquanto mulheres são violentadas ao terem autorretratos “vazados” nas redes sociais digitais. A palavra “privilégio”, segundo o dicionário *Michaelis online*, significa “direito, vantagem ou imunidades especiais gozadas por uma ou mais pessoas, em detrimento da maioria; regalia”. Nessa perspectiva, a denúncia torna visíveis “oposições discriminadas e assimétricas” (BUTLER, 2013a, p. 25) de gênero no que concerne à exibição da nudez. Desse modo, o currículo em questão faz circular questionamentos sobre os efeitos sociais desiguais de significação da nudez na cibercultura.

O regime de corporeidade mostra que o modo de exibição da nudez na cibercultura não expressa uma “essência interior” dos sujeitos, e sim o efeito das relações discursivas produzindo seus modos de ação. Esses modos de ação conduzem as condutas para determinados fins (FOUCAULT, 2008a). Nesse caso, a finalidade de exibição do autorretrato para mostrar o “tamanho do pau” parece ser a reafirmação de um poder falocêntrico, que pretende atribuir significados de vantagem e valor a partir da divulgação dos autorretratos.

As técnicas de poder divulgadas como exitosas na divulgação dos autorretratos de corpos masculinos têm como objetivo a reafirmação das normas de gênero. Nesse sentido, essas técnicas são acionadas no discurso para fazer funcionar os códigos sociais da masculinidade. Os efeitos dessas técnicas produzem um regime de corpo masculino. Esse regime é composto por uma série de mecanismos de poder históricos que convergiram em “privilégios”, denunciados na publicação.

Um desses privilégios é a possibilidade de não ser julgado no âmbito moral por ter divulgado a foto do pênis nas redes sociais. Nesse campo de “privilégios” sociais, o discurso dos imperativos morais não é acionado, assim, as prescrições sociais e morais do poder (FOUCAULT, 2017) não fazem funcionar técnicas de julgamento da conduta masculina. Constrói-se, dessa forma, relações assimétricas de poder entre os gêneros, pois, se em corpos masculinos a nudez é aprovada e valorizada, em contraposição, a nudez de corpos femininos aciona uma série de coerções, podendo chegar à morte, como nos casos descritos no início do capítulo.

No campo de forças do fenômeno da nudez na cibercultura, parece que as ciborgues desestabilizam o discurso machista através do acionamento das técnicas de nomeação das relações de poder, que provocam inteligibilidade dos efeitos desiguais que a nudez provoca na sociedade. A denúncia produz um campo de ação que potencializa outras práticas de insubmissão e resistência e fazem circular saberes no currículo sobre os efeitos desiguais que o discurso machista produz sobre a nudez nas redes sociais. Assim, as assimetrias de gênero tornam-se inteligíveis nos discursos que constituem o currículo da nudez, a partir das denúncias.

As denúncias mostram que o falocentrismo, o discurso machista e seus efeitos produzem significações vantajosas para corpos masculinos quando estão inseridos no padrão estabelecido. Mas Connel e Messerschmidt (2013, p. 271) apontam a complexidade dessa questão ao afirmarem que “devemos reconhecer que a masculinidade hegemônica não necessariamente se traduz em uma experiência de vida satisfatória” (p.271). Mas, no currículo analisado, especificamente na questão da nudez, existem vantagens em tornar a nudez pública, já que esta agrega mecanismos de “privilégio” social e visibilidade na sociedade do “show do eu” (SIBILIA, 2016). O privilégio consiste em se tornar referencial exemplar do regime da masculinidade hegemônica. E os efeitos de privilégio podem ser percebidos por elogios e gratificações nas redes sociais, quando a nudez apresenta um corpo masculino cisgênero padrão.

No entanto, os corpos femininos vivenciam relações de poder diferentes. As mulheres vivenciam regimes de corporeidade distintos dos corpos masculinos, explicitando relações assimétricas de poder entre os gêneros. Num movimento de resistência, o currículo da nudez denuncia o regime de corporeidade e essas assimetrias de poder. No caso a seguir, a denúncia pública postada na rede social *Facebook* concerne à maneira como os seios são sexualizados e erotizados, acarretando o impedimento da amamentação em espaços públicos.

Figura 11 - Denúncia sobre Amamentação em Espaços Públicos

Ontem passei por uma situação que jamais imaginei que fosse acontecer comigo. Estava no Shopping Vitória, em frente ao Outback, quando Maria, com apenas 7 meses, precisou mamar. Um ato tão natural para mim e para a rotina da minha filha. Prontamente atendi a necessidade dela, mas fui surpreendida por um segurança do shopping que disse que não poderia amamentar em público, que era uma norma do shopping. Fiquei tão espantada com aquela abordagem absurda que não tive reação. Não consegui gritar, não consegui argumentar. É assustador quando nos sentimos sufocados e não conseguimos lutar pelos nossos direitos.

Fonte: Publicação compartilhada no grupo *As Minas*, do *Facebook*[13/12/2016]

A antropóloga Gilza Sandre-Pereira (2003, p. 475), que estuda a relação da amamentação com a sexualidade, explica que “na cultura ocidental o seio foi inscrito durante muito tempo em uma percepção funcional alimentar, sendo muito recente a erotização dessa parte do corpo feminino”. Para a autora, a erotização do seio coincide com o “nascimento da forma moderna de sentimento conjugal”, a partir do século XVIII. Dessa maneira, surgem os “vestidos com decotes sensuais que valorizam os seios”, e, portanto, ao seio foi atribuída a função estética de sedução. Este, a partir da idade moderna, é percebido como um “órgão sexual” de “apelo erótico”. Assim, na sociedade contemporânea, a função da amamentação está relacionada à “experiência sensual”, que cerceia os modos de vida das mulheres que amamentam, produzindo o acontecimento que foi relatado na figura 11.

Nas relações sociais, existem representações que “definem e regulam o ser mãe no interior da cultura” (MEYER, 2000, p. 120). Nesse sentido, a denúncia da figura 11 mostra uma ação de violência em relação ao ato de amamentar no espaço público. “As práticas de significação e os processos simbólicos, através dos quais os sentidos da maternidade são construídos envolvem, portanto, relações de poder” (MEYER, 2000, p. 121). Nas relações assimétricas do poder de gênero, as mulheres sofrem violência e

cerceamento ao amamentar no espaço público. No entanto, ciborgues publicam nas redes sociais sobre os casos vividos e resistem às relações de poder que tentam cercar suas ações.

No ciberespaço, ciborgues lactantes que fotografam o momento de amamentação e publicam fotos nas redes sociais também são censuradas e, às vezes, punidas. No ano de 2013, como lembra Sibilía (2015a), uma mulher e mãe publicou fotos amamentando seu filho em uma posição de ioga e nua de corpo inteiro. A foto não tinha intenções de sedução ou erotismo, e mesmo assim o *Facebook* cancelou a conta da usuária. No ano de 2014, após manifestações que mostravam o descontentamento com a política de censura, o *Facebook* alterou as regras de publicação e, agora, permite, com ressalvas, a divulgação de fotos de amamentação. Segundo essa rede social digital: “Sim. Concordamos que a amamentação no peito é algo natural e bonito”²¹, no entanto, ao final do posicionamento político da empresa, explicita-se: “Observe que as fotos que analisamos são enviadas exclusivamente por outros membros do Facebook que se incomodam com o que é compartilhado”. Dessa maneira, as fotos de amamentação ainda podem ser censuradas caso usuárias/os denunciem.

Num movimento de resistência ao regime de visibilidade do corpo, ciborgues publicam nas redes sociais com os ditos “amamentação livre” e também organizam “mamaços”, ou seja, manifestações no espaço público em que mulheres amamentam coletivamente para produzir visibilidade às reivindicações políticas de que “amamentar é um direito”. Existe um projeto de lei do Senado Federal Brasileiro, número 514/2015²², que garante o direito à amamentação no espaço público, transformando em crime sua violação, além de poder acarretar indenização por danos morais à vítima. Nos grupos de *nude selfie* que foram pesquisados, as ciborgues comemoram, tiram fotos do momento da amamentação em que estão nos espaços públicos e acionam ditos de “liberdade”, “direito” e “amamentação livre”.

Nesse sentido, o argumento desenvolvido ao longo deste capítulo demonstra que o currículo da nudez denuncia práticas assimétricas de sexualidade e gênero e, assim, resiste às normas sociais e ao regime de corporeidade. Através de símbolos próprios da cibercultura como *memes*, “liga pontos” e textos, foi possível identificar ditos que objetivam questionar os efeitos sociais distintos que corpos nus provocam de acordo

²¹Disponível em: https://www.facebook.com/help/340974655932193?helpref=uf_permalink Acesso: 18 de maio de 2017.

²² Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/122565>. Acesso em: 21 de novembro de 2017.

com o gênero. Desse modo, violências em torno da publicação não consentida de nudez de mulheres são denunciadas. É contestado também o recebimento de *nude selfie* sem solicitação, assim, o conceito de masculinidade hegemônica é questionado através de denúncias e também por meio do compartilhamento de fotos e *memes* em tom de ironia sobre o modo com que homens cisgêneros enviam *nude selfie*. Nesse viés, o conceito de regime de corporeidade foi importante para analisar as prescrições sobre como fotografar o corpo de acordo com o gênero. Nesse processo, compreender a erotização dos corpos femininos e o funcionamento da masculinidade hegemônica foi central no capítulo. Portanto, diante das denúncias das assimetrias de gênero, compreendo que as ciborgues produzem resistências que se contrapõem às normatizações e violências de gênero, e esse fenômeno constitui o currículo da nudez.

No capítulo a seguir, discuto outra dimensão produtiva do currículo da nudez, que concerne à produção de autoestima e prazer através do autorretrato nu. Sendo assim, apresento uma dimensão específica que deriva da posição de sujeito ciborgue, mas que apresenta as particularidades da produção discursiva e estético-política das *frutas-de-sermos-nós-mesmas*.

4 “AQUELE TESÃO REPENTINO POR SI MESMA”: O CURRÍCULO DA NUDEZ NA PRODUÇÃO DE RELAÇÕES DE SEXUALIDADE E GÊNERO NA CIBERCULTURA

*Um nude
É tua alma crua
E pegando fogo para si mesma*

*É querer ver e ser
O tesão estilhaçado
De todos os beijos que ainda
não foram roubados*

*É brincar com as cores
Sem filtro ou com filtro
Nas formas da tua pele*

*É fazer pose
Pra ajudar a autoestima
É deixar para lá essa história de “barriguiha”*

*E, meu bem, não é nunca
Uma questão de ser aceita pelos outros
Mas a constatação do amor*

Que se criou pela fruta
De sermos nós mesmas

Adna Rahmeier²³

[Publicação no grupo *Somente libidinosas*, do Facebook]

O poema acima explicita os afetos, os sentidos e o prazer de fotografar-se nua, em uma publicação que exhibe também um autorretrato nu, na rede social *Facebook*. Nesse sentido, os ditos do poema expressam alguns modos de vivência da sexualidade, gênero e corporeidade na cibercultura. As sensações mostradas se voltam para expressar as maneiras e os motivos de realizar-se o autorretrato nu. A partir dessa poesia-nude, neste capítulo, discuto como o currículo da nudez produz a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, que transforma a si mesma, umas às outras e o mundo a partir de práticas de contestação e criação estético-política. As marcas características dessa posição de sujeito são a autoestima, a vaidade, o amor por si e o prazer de tirar fotografias do próprio corpo nu. No currículo da nudez, *frutas-de-sermos-nós-mesmas* contestam as normas de gênero e de sexualidade e produzem ditos de beleza e amor em relação ao corpo para além do padrão estético normativo. Elas afirmam a própria existência a partir da luta contra mecanismos que tentam subtrair, dividir e enfraquecer a vida e divulgam modos de viver na potência da força criativa do corpo, sexualidade e gênero.

Para a construção da análise, no primeiro tópico o currículo da nudez é analisado a partir das marcas produtivas das *frutas-de-sermos-nós-mesmas* na transgressão dos imperativos morais, os quais prescrevem a nudez corporal das mulheres como um erro. Essa transgressão consiste na interdição da associação à feiura e ao erro em relação à exibição do corpo nu. Assim, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* divulgam autorretratos nus cotidianamente, incitando um conjunto de discursos, saberes e modos de existir que constituem o currículo da nudez.

No segundo momento, mostro como no currículo da nudez produzem-se as *frutas-de-sermos-nós-mesmas*, que têm como característica a contestação de relações sexuais não consensuais, relações conjugais violentas e relações assimétricas de poder entre os gêneros. Essas contestações produzem reivindicações “estético-políticas” que questionam assimetrias de poder, promovem ditos do discurso feminista e exibem o corpo nu com palavras de luta para a transformação social.

²³Esse é o único nome verdadeiro utilizado nesta dissertação, divulgado neste capítulo a pedido da autora da poesia.

Na terceira seção, o currículo da nudez é analisado a partir da relação produtiva das *frutas-de-sermos-nós-mesmas*. Essa relação se dá a partir do exercício de práticas de cuidado de si que fabricam os sentimentos de amor por si, relação de namoro consigo mesma, diversão e autoestima ao tirar *nude selfie*. As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* celebram esse “trabalho de si sobre si” que produz amor, autoestima e autoprazer com os autorretratos nus publicados nos grupos. Nessa seção, analiso como a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, além de ser uma produção discursiva do sujeito, é também uma estética de si, um estilo próprio de vida que constitui singularidades. A positividade do poder, no currículo da nudez, é constituída também por práticas de cuidado de si na relação produtiva de sexualidade e gênero. Sendo assim, neste capítulo, argumento que o currículo da nudez constitui as *frutas-de-sermos-nós-mesmas*, que transgridem os imperativos morais normativos e produzem prazer, autoestima, amor por si e ação política, a partir do autorretrato nu.

4.1 As Frutas-de-sermos-nós-mesmas e a transgressão dos imperativos morais no currículo da nudez

O poema-*nude* do início do capítulo apresenta a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, acionada no currículo da nudez a partir da prática de fotografar-se nua. Posições de sujeito são “posições discursivas” que produzem o sujeito “na mesma operação que lhes atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 2004, p. 66). Para Foucault, são um “lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2008b, p. 107). Desse modo, a posição de sujeito não é permanente e, sim, disponibilizada discursivamente, mas os sujeitos podem ou não ocupá-la, dependendo das correlações de forças estabelecidas nos discursos (LEAL, 2017). Neste capítulo, mostro que a posição *fruta-de-sermos-nós-mesmas* tem como características a vaidade e a admiração pela beleza do corpo nu, a partir do autorretrato capturado e compartilhado na rede. Os ditos abaixo corroboram a compreensão das marcas constitutivas dessa posição de sujeito:

Aquele tesão repentino por si mesma. Aquele dia que você acorda se sentindo uma deusa, mulher, poderosa. Nada melhor que um nude para comemorar [Entrevista de Maya²⁴, 19 anos – 06/02/2017].

²⁴ Os nomes das participantes dos grupos são fictícios.

A gente se fotografar dá uma massageada na autoestima, ne!? To tão apaixonada comigo nessa foto. Namorado na festa da empresa, filhote dormindo. Resolvi me namorar um pouco. To aqui me redescobrimdo mulher, me aceitando como sou, e sentindo o sangue ferver nas veias, agora sem CULPA [Publicação no grupo *Somente libidinosas*²⁵, do Facebook – 05/11/2016].

Os ditos afirmam o “tesão repentino por si mesma”, “nada melhor do que um *nude* para comemorar” e “to tão apaixonada comigo nessa foto”. A partir disso, é possível observar que os ditos que circulam no currículo da nudez produzem a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Esse lugar discursivo aponta para a produção de sentimentos de “paixão” e “tesão” por si mesma. No currículo da nudez, os sujeitos elaboram exercícios sobre si que significam seus corpos como frutas que podem ser apreciadas, celebradas, contempladas, admiradas a partir do autorretrato nu. Nesse currículo, a verdade de si produzida é a do amor pelo próprio corpo e da delícia de “ser” uma “fruta saborosa”.

A paixão, a excitação e o ato de namorar a si mesma constituem relações produtivas de sexualidade no currículo da nudez, pois essas são práticas nas quais os indivíduos são “levados a voltar a atenção para si mesmos, a decifrar-se, a reconhecer-se e a assumir-se como sujeitos de desejo”, atribuindo uma “experiência de si próprio como sujeito de uma ‘sexualidade’” (FOUCAULT, 2017, p. 189). Percebe-se, nesse currículo, a produção de modos de sentir prazer e modos de produzir relações de sexualidade que incluem admirar o corpo nu fotografado pelo *smartphone* e publicado no ciberespaço. No currículo da nudez, a ação de namorar a si a partir do *nude selfie* é uma prática produtiva da sexualidade.

Para isso, a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas* tem como marcas a autoestima, a vaidade e o prazer de tirar fotografias do próprio corpo nu. A publicação fala ainda de “redescobrir-se mulher” e a entrevistada Maya aciona os ditos “deusa, mulher, poderosa”, divulgando discursos generificados, ou seja, formas de ser e estar no mundo na contingência histórica das relações de gênero. A contingência histórica mostra a “materialidade fictícia” (BUTLER, 1998) do gênero, em que não existe um “sujeito essencial ou pré-dado situado por detrás de suas ações” (ROSE, 2001, p. 173). Gênero é o efeito discursivo que incide no corpo e nos modos de existência dos sujeitos de maneira constante. Para Butler (2013a, p.59), “mulher é um termo em processo”, uma construção “que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim”.

²⁵ Como dito anteriormente, os nomes dos grupos são fictícios.

Nesse sentido, o currículo da nudez aciona a noção processual do gênero, o sentir-se mulher é alterado com a prática do *nude selfie*. Isso porque o “redescobrir-se mulher” encontra-se produzido com as marcas constitutivas da *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Assim, outros modos de ser mulher são divulgados. São mulheres vaidosas e cheias de estima por si mesmas que saboreiam seus corpos a partir da produção do autorretrato nu via *smartphone*.

Além desses aspectos, na publicação no grupo do *Facebook*, a palavra “CULPA” vem em destaque. Para Foucault (2017, p. 62), a noção de culpa está relacionada com o acionamento de técnicas de poder que incidem na “consciência” para produzir uma verdade sobre os sujeitos e os seus atos. A culpa está relacionada à “verdade obtida pelo exame de consciência” no controle da “tentação”. A culpa pode ser acionada como uma técnica de poder quando as prescrições da moral não são seguidas pelo sujeito. A moral, para o autor, é “um conjunto de valores e de regras de conduta que são propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de diversos aparelhos prescritivos” (FOUCAULT, 2017, p. 205).

Foucault (1984, p. 34) chamou a relação dos sujeitos com a conduta moral de “moralidade dos comportamentos”. Nessa relação, é necessário que o sujeito se produza diante das prescrições morais, assimilando essas regras como referência. Ou seja, a “moralidade dos comportamentos” é a “maneira pela qual o indivíduo estabelece sua relação com [a] regra” (FOUCAULT, 1984, p. 34) e se “reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática” (ibidem p. 35).

Nesse mecanismo, a culpa é uma técnica de poder que tem como estratégia a produção da verdade do sujeito sobre si próprio, atrelando à sua consciência dicotomias morais entre condutas normais e condutas desviantes. Assim, na publicação, diz-se: “me aceitando como sou” “agora sem CULPA”. Nela, rompem-se os imperativos morais que significam o autorretrato nu como uma conduta desviante. Dessa maneira, o currículo da nudez produz as relações de sexualidade de outro modo, possibilitando o prazer sem culpa, isto é, sem dicotomias entre o normal e o desviante, de forma a acionar outro campo de ação possível das relações de poder: a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*.

O campo discursivo do currículo da nudez que produz a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas* precisa interditar os imperativos morais da culpa para que essa posição de sujeito seja acionada.

Acho que a gente aprende desde cedo que temos que nos cobrir, ser mulher recatada, que a pepeca é feia, e que a nudez é feia e errada.

Depois que eu comecei a tirar nudes eu acho que comecei a ver o nu como algo natural, nada de aberração como minha mãe me ensinou. Pelo menos pra mim [a prática do *nude selfie*] me ensinou a me amar mais (Entrevista de Letícia, 22 anos [02/02/2017]).

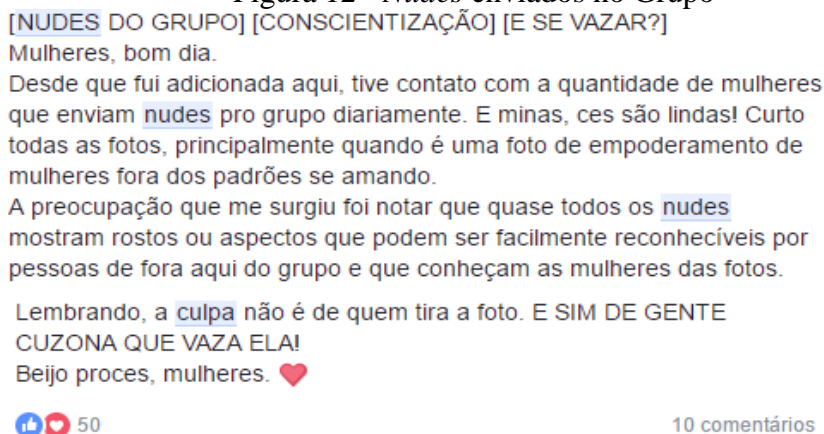
Assim como fala Letícia, geralmente as prescrições da instituição familiar em relação às mulheres são: cobrir o corpo, associar a nudez à feiura, ao erro, e “ser” uma “mulher recatada”. O corpo, para Butler (2013a, p. 198), “não é um ‘ser’, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada”. Isso indica que o corpo é uma materialidade constituída por discursos sobre o modo como os sujeitos devem proceder e que ações devem realizar com seu próprio corpo. A entrevistada explicita que cobrir o corpo é algo que se aprende, de maneira que é uma verdade acionada, no caso de Letícia, pela instituição família, que disponibiliza modos de ser e agir da “mulher recatada”. Ela fala que esse modo de ser também aciona ditos de “que a pepeca é feia, e que a nudez é feia e errada” e com “pepeca” está se referindo ao órgão de intensidade de prazer (PRECIADO, 2014) que é reconhecido como sexual. Parece que os imperativos morais, acoplados a outros dispositivos de poder contemporâneos, ainda disponibilizam modos de existência da “mulher recatada” como conduta moral correta e permitida, além de trazerem ditos de feiura e aberração para o corpo e para a nudez.

No entanto, há outro campo discursivo que incita a prática do *nude selfie* e possibilita modos de vida que transgridem o imperativo moral. No currículo analisado, interdita-se a nomeação da feiura e do erro em relação à exibição do corpo nu e isso produz a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essa posição demarca a possibilidade da nudez como algo diferente da aberração. Nas palavras de Letícia, como “algo natural” e que produz amor pelo seu corpo. Esses ditos, no que tange à naturalização da prática da nudez, estão em consonância ao que Sibilia (2015b, p. 172) afirma: “parece que se mostrar sem roupa está na moda”. Transgride-se o imperativo moral que prescreve o corpo nu da mulher como um erro, por meio da posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas* e da divulgação da nudez autoexposta como algo belo e cotidiano. Sendo assim, o currículo da nudez aciona mecanismos de poder que incitam maneiras de viver a sexualidade marcadas pelo amor ao corpo, sedução e vivência das sensações e prazeres corporais a partir do autorretrato nu.

Isso indica que, no currículo da nudez, ocorre um entrecruzamento de ditos de vaidade, de normalidade da prática do *nude selfie* e de prazer por si com ditos dos imperativos morais que acionam a vergonha do corpo, a insegurança e a não exibição da

nudez. Por consequência, o currículo da nudez pode apresentar modos de produção de sujeito que abarcam esses dois campos discursivos, produzindo modos múltiplos e não lineares de vivenciar a corporeidade e a sexualidade. Dessa maneira, nas relações produtivas de poder desse currículo, os discursos dos imperativos morais são interditados pela posição *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, ainda que continuem sendo produtivos. A seguir, um exemplo desse entrecruzamento discursivo.

Figura 12 - *Nudes* enviados no Grupo



Fonte: Publicação da Rhana no grupo *Somente libidinosas*, do Facebook [20/10/2016]

Não me importo de vazar o nude. Nunca fiz de meu corpo uma instituição sagrada. Posto é na timeline mesmo (Comentário da Giulia sobre o post acima – grupo *Somente libidinosas* no Facebook [21/10/2016])²⁶

A publicação, na figura 12, mostra a preocupação da Rhana com os casos que estavam ocorrendo de vazamento de autorretratos nus publicados no grupo. Nas palavras centrais da publicação está “conscientização”, possibilitando a compreensão de que a Rhana está acionando técnicas de segurança que englobam não mostrar o “rosto” e “aspectos que podem ser facilmente reconhecíveis” no *nude selfie*. Ela pressupõe que o vazamento de autorretratos nus seja uma preocupação das demais participantes do grupo e, assim, a publicação vem no sentido de lembrar as técnicas de segurança que circulam na cibercultura²⁷. No entanto, nem todas as participantes do grupo se preocupam em tornar a nudez pública, é o caso da Giulia, que comenta a publicação. Ela

²⁶ O comentário foi transcrito, porque estava com marcas gráficas pouco legíveis.

²⁷ Algumas dessas técnicas divulgadas são: não mostrar rosto, tatuagem e características identificáveis; tirar as informações de localização e data da foto, horário e tipo de dispositivo; usar aplicativos confiáveis para envio; colocar senhas para acessar as fotos no computador e *smartphone*. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/coding-rights/manda-nudes-guia-sensual-de-seguranca-digital_a_21685152/ Acesso em: 04 de julho de 2017.

escreve que não se preocupa com o vazamento de *nude selfie*, que não faz de seu corpo uma “instituição sagrada” e que publica a sua nudez na “timeline²⁸ mesmo”.

Rhana parece acionar ditos que explicitam a analítica do entrecruzamento discursivo. Desse modo, ela aciona os elogios às mulheres do grupo, “curto todas as fotos”; e também ditos de autoestima e vaidade com “mulheres fora do padrão se amando”. Os ditos produtivos da *fruta-de-sermos-nós-mesmas* parecem estar nos elogios à beleza das mulheres do grupo e também nos ditos de autoestima e vaidade. Na mesma publicação, opera-se de modo diverso. Acionam-se também as técnicas de segurança e “preocupação” com a possibilidade de vazamento das fotos nuas. Os vazamentos de fotos são atos de violência e crime²⁹, em que pessoas divulgam *nude selfies* alheios, de maneira não autorizada, fazendo com que a foto viralize³⁰ no ciberespaço. Diante dos vazamentos que ocorreram no grupo, Rhana se propõe a “conscientizar” as participantes do grupo sobre as técnicas de segurança. Desse modo, fabrica-se a “conscientização” sobre o modo correto e seguro de produzir o autorretrato nu para que as demais participantes do grupo construam um entendimento de si, do seu corpo, da nudez e dos efeitos que esses elementos produzem na sociedade. As técnicas de segurança da publicação divulgam os autorretatos nus em que aparecem o “rosto” e “aspectos que podem ser facilmente reconhecíveis” como uma conduta perigosa, que pode ocasionar atos de violência.

Ao final da publicação, Rhana ressalta que “a culpa não é de quem tira a foto”. No entanto, o alerta dos perigos de fotografar-se nua sem seguir as prescrições das técnicas de segurança pode produzir culpa e medo diante do eventual vazamento. Nesse caso, uma das prescrições é de que os autorretatos nus não devem sair do grupo do *Facebook*. Na direção oposta, Giulia interdita as técnicas de segurança e aciona a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Isso porque ela não se importa de tornar a sua nudez pública, rompendo com a prescrição moral que diz que a nudez das mulheres não pode ser exibida. Ela faz esse comentário na publicação da Rhana para mostrar que o vazamento de autorretatos nus não é uma preocupação para todas as mulheres do grupo. E ainda diz: “nunca fiz de meu corpo uma instituição sagrada”. Assim, Giulia rompe com as prescrições morais que, através de diversas técnicas,

²⁸ Na tradução, é a linha do tempo do *Facebook*.

²⁹ Foi aprovado na Câmara dos Deputados, no Brasil, no dia 21 de fevereiro de 2017, o projeto “Lei Maria da Penha Virtual”, lei 5555/13, que cria mecanismos punitivos para condutas violentas contra mulheres na internet. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2017/02/20/camara-vota-lei-de-protecao-as-mulheres-em-ambientes-digitais_a_21717946/ Acesso em: 18 de maio de 2017.

³⁰ Termo próprio da cibercultura, em que tornar viral significa espalhar e divulgar ampla e rapidamente.

tentaram sacralizar o seu corpo. E, para reafirmar o posicionamento, diz que publica o autorretrato nu na própria linha do tempo do *Facebook*. Essa rede social tem uma política que não permite imagens de nudez na linha do tempo de forma pública. Assim, é provável que o *nude selfie* postado seja rapidamente apagado pelas/os administradoras/es. Ao publicar suas fotos nuas, Giulia transgride as regras do *Facebook*.

Esse ato de ruptura com as prescrições morais é uma marca constitutiva da posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, fabricada nos ditos sobre corpo, sexualidade e gênero no currículo da nudez. Nesse sentido, no próximo tópico discuto que as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* utilizam o potencial de escandalizar que a nudez suscita para atribuir visibilidade e atenção social para as reivindicações “estético-políticas”. Elas contestam as normas de sexualidade e gênero e produzem ditos de amor e beleza em relação ao corpo nu para além do padrão estético normativo.

4.2 A *Fruta-de-sermos-nós-mesmas* e o corpo político no currículo da nudez

Figura 13 - Respeita as mina!



Fonte: Autorretrato compartilhado no grupo *As Minas*, do *Facebook* [02/01/2017]

Como mostra a figura 13 acima, uma participante do grupo *As Minas* utiliza o corpo para escrever palavras de contestação. Ela se autofotografou com os dizeres: “somos + que buceta” e “respeita as mina porra”. A participante do grupo escreve no seu próprio corpo “somos”, mostrando que os ditos englobam a coletividade das

“minas”, ou seja, os ditos “somos” e “minas” se referem às reivindicações “estético-políticas” constituídas em grupo, numa coletividade que constrói pautas políticas em conjunto. Por se referir às “minas”, é possível que ela esteja contestando as implicações sociais vivenciadas pelas normas de gênero que afetam os modos de vida delas.

Essa contestação das normas sociais é uma das especificidades do currículo da nudez, que ensina modos de existência que denunciam e questionam as relações assimétricas de poder. Os ditos de contestação escritos pela “mina” em seu corpo estão em consonância com o discurso feminista do final dos anos de 1960 e começo de 1970, que tem início na Europa e nos Estados Unidos (SCAVONE, 2010). O discurso feminista daquele contexto histórico, geográfico e social formulava críticas aos “mecanismos de controle do corpo e da sexualidade” e, desse modo, “busca(va) subverter as relações de gênero que perpassa(va)m o conjunto das relações sociais” (SCANOVE, 2010, p. 48). Assim, em semelhança com esse discurso, no currículo da nudez questionam-se os mecanismos de controle do corpo.

Na figura 13, a participante do grupo expressa a possibilidade de mostrar o corpo da forma que quiser e com os ditos que desejar. Assim, no currículo da nudez contesta-se o olhar “pornificador” (SIBILIA, 2015b, p. 181), ou seja, a perspectiva que torna pornográfica a exibição de nudez ou seminudez dos corpos femininos. Nesse caso, a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* torna a sua nudez uma bandeira “estético-política” (SIBILIA, 2015b, p. 183) que contesta assimetrias de poder e promove ditos do discurso feminista. Para Sibilia (2015b, p. 271), na sociedade contemporânea, “vem ocorrendo uma certa politização da própria nudez, com reivindicações democratizantes do direito de se exhibir sem roupas”. No currículo analisado, divulgam-se outras formas de ver e viver a nudez corporal, nesse caso tornando-a uma bandeira política.

Nesse sentido, a figura 13 apresenta ditos que buscam subverter as relações assimétricas de gênero com “somos + que buceta”. Ao dizer que as “mina” são mais do que os “órgãos de intensidade do prazer” (PRECIADO, 2014, p. 38) reconhecidos socialmente como sexuais, desestabiliza-se o discurso machista. Esse discurso utiliza técnicas de dominação, ou seja, mecanismos táticos do poder na “condução de condutas” (FOUCAULT, 2008a) que objetivam os sujeitos para determinados fins. Nesse caso, no currículo da nudez denuncia-se a técnica de dominação do discurso machista, que objetiva os corpos das mulheres apenas para a prática sexual. Ao tornar inteligível essa técnica de dominação do discurso machista, o currículo da nudez desestabiliza as relações de poder que subjagam e oprimem as mulheres. Para Louro

(2009, p. 86), “quanto menos for notada ou quanto mais for invisível uma relação de poder mais ela será eficiente”. Contrariamente, o currículo da nudez torna visível a técnica de dominação que objetifica os corpos das mulheres apenas para a prática sexual. E, ao promover essa visibilização, contesta e fragiliza a dominação vigente.

Analisando-se nessa perspectiva, na figura 13 há o imperativo “respeita as mina porra” escrito na parte abdominal do corpo. Esse imperativo parece fazer referência à música “Respeita”³¹, da cantora Ana Cañas, cujos versos apresentam essa mesma exigência de respeito às mulheres. A ordem de “respeita” vem no sentido de chamar atenção para a necessidade de legitimar a existência das “mina”. Esse imperativo também diz sobre as violências que os corpos femininos vivenciam na sociedade contemporânea. Butler (2015) explica que, de acordo com a norma de inteligibilidade social, existem corpos que importam, ou seja, corpos que obtêm legitimidade e, em contraste, existem corpos que são considerados como menos importantes pela sociedade. A autora mostra que os corpos compreendidos como menos importantes vivenciam um conjunto de práticas violentas. No caso da figura 13, contesta-se que as vidas menos importantes sejam as das “minas”. Se a sociedade machista considera o corpo das “minas” como menos importantes, apenas “bucetas”, o currículo da nudez nega isso. O currículo analisado contesta relações assimétricas de poder entre os gêneros, exigindo, de modo imperativo, o respeito.

A seguir, um relato de uma artista que pinta mulheres a partir do autorretrato nu que elas publicam de si mesmas:

Figura 14- Autorretrato e Corpo Subversivo

Acho muito importante eu, enquanto mulher, pintar outras mulheres que subverteram o nu, transformaram o ato de se autofotografarem ou serem fotografadas não apenas para mostrar um belo corpo, mas para mostrar seu corpo do jeito que ele é e se aceitar, se amar com ele - um ato político.

Fonte: Publicação no grupo *Somente libidinosas*, do Facebook [08/11/2016]

A publicação acima mostra os ditos da artista, que fala da sua experiência, como pintora, de retratar mulheres a partir do autorretrato que elas mesmas tiraram. Para ela, a questão importante é a “subversão” da nudez, ou seja, o corpo como “um ato político”. Para Foucault (2014b, p. 117), o corpo é um componente de “valorização como objeto

³¹ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ana-canas/respeita.html>. Acesso em: 6 de junho de 2017.

de saber e como elemento nas relações de poder”. Assim, o discurso produz o corpo em seus contextos possíveis de inteligibilidade social, dessa maneira “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” (FOUCAULT, 2011, p. 146). Portanto, tal produção discursiva ocorre em meio às disputas das relações de poder estabelecidas no currículo.

Nos ditos analisados, divulga-se a transformação do autorretrato nu “não apenas para mostrar um belo corpo”, mas, sim, para “mostrar seu corpo do jeito que ele é”. Nesse sentido, no currículo da nudez produz-se o corpo como um ato político que rompe com os padrões normativos da beleza. O discurso do padrão de beleza prescreve, através de diferentes mecanismos de poder, que o corpo belo precisa ser magro, sarado, branco, depilado. Essa publicação mostra uma das marcas do currículo da nudez, que é a contestação das normas culturais estabelecidas. Nesse caso, especificamente as normas sobre o corpo e a beleza, mostrando, assim, que o currículo é um “território contestado” (SILVA, 1998). Desse modo, o currículo da nudez produz um campo de lutas discursivas que redefinem e questionam as normas sociais vigentes.

Nesse currículo, ao acionar o dito que afirma que o autorretrato nu não serve “apenas para mostrar um belo corpo”, questionam-se as normas sociais. Isso porque a publicação fala da exibição do corpo nu fora dos padrões de beleza como “um ato político” e aciona a palavra “subversão”. A ação do currículo da nudez a partir da discursividade do corpo subversivo e político está em consonância com a “reivindicação pela autocracia do corpo” dos movimentos feministas de 1970 (NOVAES, 2011, p. 483). Assim, o currículo da nudez, ao acionar o discurso do corpo subversivo e político, está questionando “mecanismos de controle dos corpos” (SCAVONE, 2010, p. 48) e contestando as normas de corporeidade da sociedade contemporânea.

Os questionamentos das normas sociais são suscitados pelo currículo da nudez a partir das relações de poder e saber estabelecidas. Esse currículo produz o saber que afirma que o corpo, ao ser fotografado, pode transgredir prescrições sociais e culturais, assim, a cada autorretrato nu, a norma social pode ser contestada. Desse modo, esse currículo divulga saberes que compreendem a existência de um conjunto de práticas normativas em ação na maneira como os corpos são exibidos. Quando o *nude* divulga o corpo como um ato político, é a indicação de que a norma social da fotografia apenas para “mostrar um belo corpo” foi rejeitada, explicitando a possibilidade de transgredir os padrões vigentes.

O corpo e a nudez como um ato político e subversivo nos autorretratos também podem desestabilizar normas sociais de gênero, porque “a construção da feminilidade, nos discursos hegemônicos, está intimamente ligada a rituais de preocupação estética” (COACCI; SANTOS, 2017, p. 434). O currículo da nudez suscita a exibição do corpo nu para “se aceitar, se amar com ele”, por isso está provocando uma fissura no conjunto de práticas normativas dos padrões estéticos que incide no modo de vida das mulheres, de forma a reiterar determinados tipos de corpo como belos. Para Butler (2013a), a subversão está intrinsecamente relacionada ao contexto histórico e cultural em que emerge. Nesse viés teórico, a subversão “precisa, então, sempre ser reinventada, reatualizada de acordo com os novos contornos da norma, que também se atualiza a cada instante” (COACCI; SANTOS, 2017, p. 438). Sendo assim, no currículo da nudez a produção dos corpos subversivos e políticos está de acordo com a micropolítica das relações em que o autorretrato nu incide. Isso indica que, para produzir o corpo como um ato político e subversivo, é necessário acionar a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas* e “aceitar” e “amar” o corpo da forma como ele se apresenta nos autorretratos, sem a necessidade de corresponder aos padrões sociais do corpo belo.

Tal fenômeno contribui na compreensão de que o currículo da nudez fabrica a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, pois aciona ditos de “se amar” com o corpo “do jeito que ele é”. E os sujeitos são interpelados pelo discurso a ocuparem a posição de um tipo particular (ROSE, 2001a). No caso, a rede discursiva do currículo da nudez fabrica sujeitos que amam seus corpos e que comemoram a fruta saborosa que eles podem ser a partir do autorretrato nu. A *fruta-de-sermos-nós-mesmas* sente prazer e amor com o corpo fotografado, que não necessariamente segue as prescrições sociais e culturais do “belo corpo”.

Na figura 14, a autora da publicação se identifica, “eu, enquanto mulher”, e mostra, assim, um modo de ser e de agir demandado pelo currículo da nudez, que precisa identificar-se a partir do gênero. Para Butler (2013a), gênero é um sistema de convenções sociais que se produz performativamente, ou seja, através da repetição incessante de “atos, gestos e atuações” que são “*performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que [...] pretendem expressar são fabricações” (BUTLER, 2013a, p. 195). Desse modo, para a autora, não há uma verdade “essencial” sobre os gêneros dos sujeitos e, sim, fabricações que se passam por naturais através do discurso e outros aparatos sociais. Isso indica que a verdade sobre si que a publicação parece expressar pelo gênero não é exatamente verdadeira nem falsa, “mas somente produzida como

efeito da verdade de um discurso” (BUTLER, 2013a, p. 195). Assim, a reafirmação de gênero através do “eu, enquanto mulher” é uma fabricação do modo de ser e de agir divulgado pelo currículo da nudez.

Por conseguinte, segue abaixo um cartaz do movimento feminista da Argentina, de nome *Insurrectas*, com os ditos “Este Corpo é meu”, publicado no grupo *Somente Libidinosas* no Facebook:

Figura 15 - Este corpo é meu!



Fonte: Imagem compartilhada no grupo *Somente libidinosas*, do Facebook [10/11/2016]

O cartaz apresenta um corpo nu desenhado, com os ditos “Este corpo é meu: não se toca, não se viola, não se mata”. O corpo nu em desenho parece indicar um dos modos de ação política contemporâneos: corpos nus que apresentam palavras escritas sobre política e bandeiras de luta social. Esse cartaz indica que a exibição do corpo nu para reivindicações políticas é uma estratégia utilizada por alguns movimentos feministas. Sobre essa estratégia, Sibilia (2015b, p.176) explica que “a nudez é tão chamativa que atrai todas as atenções”. A autora propõe que a atração dos olhares para a nudez está na potencialidade que esta tem para “escandalizar”. Se a nudez ainda “escandaliza” é porque existe uma “moralidade cristã” que aciona técnicas de pudor em relação a essa imagem.

No entanto, apesar de a nudez ainda “escandalizar”, a autora aponta para uma mudança na exibição do corpo e da nudez na sociedade contemporânea. “Nas últimas

décadas, têm-se ampliado enormemente os limites do que se considera válido mostrar no espaço público, particularmente no que se refere à sexualidade e, em especial, à nudez dos corpos femininos” (SIBILIA, 2015b, p. 172). No caso da figura 15, o cartaz mostra um modo de ação contemporâneo que utiliza o corpo nu para potencializar e visibilizar as reivindicações políticas. Dessa maneira, o currículo analisado é produzido também por estratégias políticas de exibição do nu com palavras de luta.

Nessa compreensão, a exibição dos corpos nus produz visibilidade às bandeiras políticas que, no caso da figura 15, têm como objetivo reivindicar questões sobre gênero, sexualidade, corpo e normas sociais. Esse fenômeno de publicação da nudez mostra que as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* se exibem nuas como um mecanismo de poder que objetiva transformações políticas. Assim, elas usam a estratégia de poder de visibilização do corpo nu e utilizam o potencial de escândalo que a nudez ainda provoca na sociedade para conquistar a atenção para as lutas políticas. Assim, o currículo da nudez cria modos de ser que contestam as normas sociais vigentes e inscrevem as contestações e reivindicações políticas no próprio corpo nu.

4.3 As práticas das *Frutas-de-sermos-nós-mesmas* sobre si na produção de uma arte de existir: autoestima, prazer e amor por si mesma

As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* produzem sobre si sentimentos de amor, constroem o que chamam de namoro consigo mesmas e celebram essas sensações com autorretrato nu nas redes sociais. Essa produtividade é analisada pela efetividade do poder no currículo da nudez. Tal efetividade engloba a produção do sujeito sobre si mesmo de forma a fabricar uma “arte de existir” (FOUCAULT, 2017), um modo de viver as relações de sexualidade em um estilo próprio, que constitui o currículo da nudez. A positividade do poder é constituída por práticas de si com o propósito da intensificação dos prazeres, da estimulação do corpo de forma a proporcionar prazer para si mesma e da incitação ao discurso da autoestima e vaidade na “diversão” do autorretrato nu.

Para construir esse sentimento de amor por si e para ocupar provisoriamente a posição *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, é necessário interditar o discurso que tenta regular os corpos de acordo com um padrão rígido. A interdição desse discurso se constitui na produção de ditos que estão na contramão dos saberes que tentam “padronizar, normalizar, disciplinar as pessoas” (BRANCO, 2008, p. 138). Por exemplo, o dito:

Figura 16 - Amar o corpo

Amar seu corpo independente do que ditas os
padrões
Amar suas curvas sem restrição
Amar cada centímetro de você é uma revolução no
meio dessa sociedade.

Publicação da Irina no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [20/01/2017]

Figura 17 - "Nosso corpo como ele é"

tão bom o processo de aceitar nosso corpo como
ele é

Publicação da Iara no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [01/01/2017]

O primeiro fragmento diz sobre “amar” o “corpo”, “curvas” e cada “centímetro de você”, porque nutrir esse sentimento sobre si mesma “é uma revolução no meio dessa sociedade”. O segundo dito afirma a sensação boa de “aceitar nosso corpo como ele é”. As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* compartilham essas sensações no grupo junto com um autorretrato nu. A partir dessas publicações, é possível apreender a produtividade do poder no currículo da nudez. Isso porque esse currículo é constituído por ditos que afirmam o “amor” e a “aceitação” do corpo na mesma operação em que rejeitam os “padrões” socialmente estabelecidos como “corpos belos”.

Isso indica que o sentimento de “amar” o “corpo” e a sensação boa de “aceitar o corpo como é” diz de uma maneira de produzir a si próprio, nesse currículo, que também cria modos de existir, sentir e viver. Analisando sob essa perspectiva, parece que esse sentimento é uma “maneira com a qual o sujeito se constitui de maneira ativa, através de práticas de si” (FOUCAULT, 2017, p. 269). Ainda, esse modo ativo de se constituir como sujeito se dá a partir de esquemas que se encontram na cultura e no grupo social (FOUCAULT, 2017). Nesse sentido, o sujeito a ser constituído nessa operação é a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, produzida no currículo da nudez a partir das especificidades dos grupos pesquisados na cibercultura.


Nessa operação produtiva do poder, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas*, ao mesmo tempo em que compartilham autorretratos nus com ditos sobre amor pelo corpo, também rejeitam padrões estéticos, tão exigentes que são quase inalcançáveis. Assim, o amor pelo corpo é uma sensação que elas construíram sobre si mesmas a partir também da rejeição dos padrões sociais do corpo belo. Caso contrário, ou seja, se elas construísem o entendimento de si e dos seus corpos a partir das prescrições da norma

social de beleza, possivelmente não iriam nutrir o sentimento de amor por si. Isso fica explícito com o dito “amar cada centímetro de você é uma revolução no meio dessa sociedade”, porque a palavra “revolução” atribui esse sentido de transformação social. Segundo o dicionário *online Michaelis*, essa palavra diz de “ato ou efeito de revolucionar, de realizar mudanças profundas e radicais”³². Sendo assim, a mudança reside no ato de amar o seu corpo mesmo que os padrões de beleza tentem governar de modo contrário.

Nesse viés, o currículo da nudez incita a produção de modos de existência que nutrem sentimentos de amor pelo próprio corpo. Nessa estratégia do poder, técnicas de si são acionadas, de modo a produzir reflexão e autoconhecimento sobre si mesma. Essa produtividade pode ser relacionada com o que Foucault (2017, p. 246) fala sobre o trabalho “ético-estético consigo mesmo”, porque as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* exercem um “trabalho de si sobre si”, de modo a produzirem amor pelo próprio corpo. Assim, o currículo da nudez produz sujeitos que têm como característica a criação de modos de vida que interdita os padrões normativos do corpo belo – na mesma operação de poder em que nutrem sentimentos de amor por si próprias e pelo seu corpo.


Produzir essas sensações de amor por si às vezes se justifica como um motivo para publicar autorretratos nus. Por exemplo:

Figura 18 - Acordar Feliz

Acordei feliz, me amando e me achando linda.
Quero compartilhar com vocês 

Publicação da Paula no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [13/02/2017]

Figura 19 - Se amar e render boas fotos

Quando a gente acorda se amando e rendem boas
fotos 

Publicação da Júlia no grupo *Somente Libidinosas*, do *Facebook* [20/11/2017]

Figura 20- “Amor com nós mesmas”

hoje resolvi mandar pra celebrar o maior amor e o
maior namoro que a gente tem que levar pra vida
inteira: o amor com nós mesmas

Publicação da Dandara no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [01/02/2017]

³²Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/revolu%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 2 de outubro de 2017.

Como mostra o dito da primeira publicação, o fato de ter acordado “feliz”, amando-se e se achando “linda” é motivação para publicar um autorretrato nu no grupo. Na segunda, o motivo da divulgação do autorretrato nu também é acordar se amando e quando se tira “boas fotos”. Na última, a justificativa para a publicação do *nude selfie* é “celebrar o maior amor e o maior namoro que a gente tem que levar para a vida inteira: o amor com nós mesmas”. Além de amor por si, como nas duas publicações anteriores, ela afirma viver um “namoro” com ela mesma. Esses ditos mostram que a ação de compartilhar *nude selfie* no grupo acontece com a justificativa para dias em que as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* acordam se amando. O ato de “acordar” surge nas duas primeiras publicações e parece indicar o caráter efêmero de acordar se amando, assim, não é todo dia que elas se sentem dessa forma e o *nude selfie* é compartilhado para celebrar essa sensação prazerosa. Na última publicação, parece que o “amor” por si não é tão efêmero assim, porque ela celebra uma relação de “namoro” consigo mesma que pretende “levar para a vida inteira”.

Nesse sentido, o currículo da nudez produz a posição de sujeito *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, assim como também os modos de existência característicos desse currículo, que no caso analisado é o sentimento de amor por si. Nas redes de relações de poder, produz-se também modos de vivenciar a sexualidade, pois nutrir amor, acordar se amando e namorar a si mesma são modos de se produzir como “sujeito de desejo”(FOUCAULT, 2017, p. 189). O fato de acordar se amando e isso ainda “render boas fotos” mostra que a experiência da sexualidade é constituída nas relações sociais da cibercultura. Divulga-se que é importante autofotografar esse momento de amor e namoro e compartilhar com as participantes do grupo. O fato de portar um *smartphone* com câmera frontal possibilita a autonomia de fotografar a si própria, ou seja, realizar o *nude selfies* em a presença de outra pessoa. Isso explicita a relação produtiva da sexualidade na cibercultura.

Sendo assim, a sexualidade é um dispositivo histórico que “estimula os corpos”, intensifica “prazeres”, incita discurso e forma saberes (FOUCAULT, 2014a, p. 15). Seu poder produtivo, no currículo da nudez, induz e facilita a intensificação dos prazeres, assim como estimula o corpo de modo a fotografá-lo nu quando se sente amor por si mesma. Essa operação do poder da sexualidade acontece com a interdição de discursos que prescrevem os padrões estabelecidos do corpo bonito. Produz-se, desse modo,

saberes sobre o que elas sentem por seus corpos e sobre o que são fotos bonitas de seu próprio corpo.

No currículo da nudez, a captura do autorretrato nu é um momento de produtividade do poder, por explicitar o que o sujeito sente quando se autofotografa. Essa relação produtiva pode ser apreendida no dito:

Figura 21- “Gosto do meu corpo negro”

Gosto de mim, gosto do meu corpo negro. Adoro
brincar de me fotografar, total diversão e valorização
do meu corpo pra mim mesma!

Publicação da Luiza no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [21/02/2017]

A publicação mostra sensações de gostar do corpo e de si mesma, evidenciando as relações raciais ao dizer “gosto do meu corpo negro”. Mostra-se, assim, que esse corpo que gosta de si é um “corpo negro”. Ela gosta de “brincar” de se “fotografar” e todo esse processo envolve “diversão” e “valorização” do seu corpo para si mesma. Construir essa produção de si como negra de maneira positiva e orgulhosa “é um desafio”, pois a sociedade “historicamente ensina ao negro desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo” (GOMES, 2003, p. 171). No currículo da nudez, essa valorização do corpo para si mesma abarca um trabalho de si sobre si que é constituído pelas “sanções e afetividades” (ibidem) das relações raciais. Desse modo, a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* exerce uma prática de si que cria um estilo próprio de existência, de modo a amar seu corpo negro, divertir-se e se valorizar ao se autofotografar.

Nesse viés, Foucault (2017) esteve atento às relações produtivas do poder, não apenas nas produções em que o sujeito governa a si próprio, mas também nas operações em que os sujeitos criam para si uma estética da existência, um estilo de vida, uma ética do sujeito em relação a si. Nessa perspectiva, a ética é construída por “um exercício de si sobre si mesmo através do qual procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser” (FOUCAULT, 2017, p. 259). Dessa forma, o dito da publicação explicita um modo de ser que gosta do seu corpo negro e que exercita sobre si a valorização do corpo. As *frutas-de-sermos-nós-mesmas* são produzidas nas relações de poder que incitam esse trabalho “ético-estético” e político sobre si mesma, de forma a tornar-se

“um sujeito soberanamente vivo” (SOUSA, 2008, p 26). Isso porque “o cuidado ético-estético consigo mesmo serve para potencializar a vida” (SOUSA, 2008, p 26).

É desse modo que, no currículo da nudez, a potência de vida está em se amar e se valorizar, produzindo, assim, uma interdição dos modos de sujeição que tentam diminuir a força de vida de mulheres negras. Essa produção se diz como uma re-existência que brinca e se diverte com autorretratos da própria nudez e que gosta de si mesma. Nesse sentido, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* se constituem como um ponto de ancoragem do sujeito no currículo da nudez e também possibilitam um “cuidado ético-estético” consigo. Isso porque a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* é uma produção discursiva e se constitui dos “ensaios, das experiências, dos inventos, tentados pelos próprios sujeitos” (SOUSA, 2008, p. 16) sobre si. A “diversão” de se autofotografar nua é uma experiência realizada em si, de modo a produzir as sensações ditas como de “total” “valorização”, “diversão” por gostar do seu corpo negro.

Toda essa rede produtiva constitui as relações de sexualidade no currículo da nudez. Assim, o sentimento de amor por si mesma, de valorizar e gostar de si produz a “intensificação de prazeres” também para si, criando o dito de “anatomia do autoprazer”:

Figura 22 - Anatomia do Autoprazer

Anatomia do autoprazer.

Publicação da Inaê no grupo *Somente Libidinosas*, do Facebook [03/13/2016]

Esse dito foi publicado junto com um autorretrato nu de uma mulher cisgênera que mostrava a anatomia, a forma e a disposição do corpo para a produção do “autoprazer”. Para Preciado (2014, p. 13), o corpo pode ser um espaço que expõe “tecnologias da sexualidade”, as quais mostram o corpo como “espaço político” para a produção de prazer. A “anatomia do autoprazer” apresenta as “tecnologias da sexualidade” para a produção de prazeres consigo mesma. Portanto, o “autoprazer” é produzido pela tecnologia da sexualidade no currículo da nudez. Essa relação produtiva mostra que os prazeres são constituídos no dispositivo da sexualidade e não por uma pulsão inata dos sujeitos. Tanto não é inato que os modos de sentir prazer podem se constituir de infinitas formas. No currículo da nudez, as tecnologias da sexualidade estão associadas ao “autoprazer”, ou seja, à “intensidade de prazer” produzida para si mesma.

Nesse caso, o currículo da nudez diz de um “autoprazer” que está associado a um prazer no corpo inteiro, interligado ao sentimento de amor por si e à relação de namoro consigo mesma. Assim, a “anatomia do autoprazer” não diz de um modo de sentir prazer centrado nos órgãos reconhecidos como sexuais. Para Preciado (2014, p. 31), “os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos naturalmente como sexuais já são produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação”. Os órgãos sexuais, portanto, são produções discursivas que os fabricam como um centro de prazer.

Por esse viés, a sexualidade, enquanto um dispositivo histórico, é composta por tecnologias que produzem feitos sociais sobre como sentimos prazer e desejo. No currículo da nudez, a tecnologia produzida é a do “autoprazer” de se amar por inteiro e de forma autônoma. Para Foucault (2016), as tecnologias são constituídas por técnicas. As técnicas de poder são maneiras de fazer destinadas a produzir transformações nos modos de existir. “A técnica não é do código do permitido e do proibido, é um determinado conjunto sistemático de ações” (FOUCAULT, 2016, p. 225). No currículo da nudez, as técnicas atuam no âmbito da produção de prazeres e desejos, constituindo as tecnologias da sexualidade. Por exemplo, a “anatomia do autoprazer” é uma tecnologia da sexualidade constituída por técnicas de como dispor o corpo na produção de prazeres para si.

Os ditos de amor por si, autoestima, namoro consigo, autoprazer foram os que mais apareceram durante a investigação netnográfica. Isso parece indicar que as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* são constituídas no currículo da nudez produzindo um “estilo de grupo” (SOUSA, 2008, p. 13). Esse modo de existir produz uma micropolítica própria. Nesse sentido, o sentimento de amor por si é autorizado nas relações de poder desse coletivo, constituindo modos de ser e existir como *frutas-de-sermos-nós-mesmas*. Essa posição de sujeito divulga que o autorretrato nu é uma forma de celebrar o amor por si mesma, em um modo de vida constitutivo da cibercultura. Também é um sentimento que pode emergir durante a captura do *nude selfie*, como afirmam os ditos do currículo da nudez.

A partir das análises deste capítulo, argumentei que o currículo da nudez constitui as *frutas-de-sermos-nós-mesmas*, que transgridem os imperativos morais normativos e produzem prazer, autoestima, amor por si e ação política, a partir do autorretrato nu. Essa relação produtiva do currículo mostrou dimensões políticas acionadas na criação de práticas de si, constituindo não apenas uma posição de sujeito,

como também uma criação estético-política do modo de existir *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Em continuidade, o próximo capítulo terá como foco as afetividades do currículo, no que concernem às práticas sexuais e afetivas contemporâneas.

5 CRUSH, AFETOS E CHUVA DE NUDES: O CURRÍCULO DA NUDEZ NA PRODUÇÃO DAS SEXUALIDADES NA CIBERCULTURA

Crush: amor platônico moderno. quem eu vi no ônibus lendo meu livro preferido. interesse imediato. Intensidade de um ato. finge que não me vê, finjo que não a vejo. é olhar suas fotos antigas e cuidar para não dar like. nome que se dá para “ois” difíceis de se falar.

João Doederlein

O texto acima explica o que a palavra em inglês “crush” significa nas relações culturais e sociais da sociedade contemporânea. *Crush* se insere no campo das afetividades construídas principalmente na cibercultura. É uma palavra para expressar o modo como as pessoas se afetam e conduzem relações de sexualidade. Neste capítulo, pretendo mostrar como a cibercultura apresenta intensa presença nos sistemas de significações culturais e nos modos de vida das ciborgues. Assim, ter “crush” apreende a produtividade do poder nas relações de sexualidade e nos modos de existir e sentir.

“O que são crushes?”: “quem a gente ta de olho”, “é o antigo paquerar”, “é a famosa ‘queda’ por alguém”, “vem da expressão em inglês ‘*i have a crush on you*’”, “versão pós-moderna de amor platônico”, “é a paixonite aguda”, “é pra quem mando meus *nudes*”. Essas foram algumas das respostas das ciborgues quando questionadas, em um dos grupos do *Facebook*, sobre o que seriam *crushes*. Essa onomatopeia para corações quebrados expressa as maneiras contemporâneas de sentir e produzir relações de sexualidade com intensa presença das tecnologias digitais. Em inglês, a gíria *crush* expressa um sentimento de “queda” por alguém. Ao acontecer a queda, o barulho que o coração faz é o *crush*. Nesse sentido, *crush* é uma palavra que expressa os modos de sentir produzidos na sociedade contemporânea interconectada.

Nesse viés, as afetividades serão analisadas, neste capítulo, em consonância com as relações de sexualidade. Afetividades são constitutivas das relações de sexualidade.

Assim, afeto e sexo estão intimamente relacionados, mas não são iguais. Para a socióloga Eva Illouz (2016), é importante estabelecer essa separação, porque, na sociedade interconectada pela rede mundial de computadores e outros artefatos digitais, existem buscas apenas para a prática sexual, assim como buscas por *crushes*, namoros e afetividades que não visam apenas ao sexo. Nesse contexto, sexo se refere à prática sexual, enquanto os afetos são as sensações e sentimentos produzidos nas relações sociais. Mas é importante compreender também que existe a procura pelos dois: sexo e afetividade. Para Vencato (2009, p. 3), sexualidade é um campo que mescla “paixão, tesão, amor, afeto”. Nas relações que serão analisadas neste capítulo, existe a mistura desses componentes, de tal modo que às vezes não é possível saber onde começa o amor, termina o afeto, inicia o sexo, estabelece-se *crush*. Por isso, no currículo da nudez, as ciborgues constroem relações de sexualidade em que sexo e afeto se correlacionam.

As relações de sexualidade, na sociedade brasileira, são constituídas pela heteronormatividade. Para Louro (2009), a heteronormatividade é a “produção e reiteração compulsória da norma heterossexual”. O funcionamento dessa norma produz modos de ser, de se relacionar, de sentir. Junqueira (2015, p. 30) afirma que modos de existência são construídos de forma a autorizar apenas a heterossexualidade como “possibilidade natural e legítima de expressão sexual e de gênero”. Assim, a heterossexualidade é vista como a “verdade natural” dos sujeitos “normais”. E, para que seja autorizada como única forma “natural” de “expressão da sexualidade”, é preciso que “um conjunto de circunstâncias” se combine e possibilite que “algo seja admitido como verdade”. Esse “conjunto de circunstâncias está atravessado e ordenado por relações de poder” (LOURO, 2009, p. 86).

No currículo da nudez, as ciborgues constroem práticas que embaralham os códigos sociais, articulam de formas não lineares sexo, gênero e sexualidade e, em alguns momentos, dissidem da norma heterossexual. Para romper com a heteronormatividade, não basta ter relações homossexuais. É preciso subverter os saberes, as verdades autorizadas, os valores sociais sobre o corpo, prazeres e afetividade. Uma das estratégias de poder que reitera essa norma é o processo de “ocultação da posição de dissidência em relação à matriz heterossexual” (JUNQUEIRA, 2015, p. 40). Ou seja, nos estudos acadêmicos, a ocultação quer dizer de um processo de invisibilidade de práticas que fogem à norma heterossexual. Ao invisibilizar as práticas dissidentes, reitera-se a heteronormatividade, porque divulgam-se apenas modos de vida

que estão alinhados a essa norma. Compreendo que divulgar práticas que estão desalinhadas com a norma heterossexual possibilita outras formas de reinvenção e criação dos modos de viver a sexualidade. Neste capítulo, as dissidências à norma heterossexual serão evidenciadas principalmente no segundo tópico.

Assim, o primeiro tópico do capítulo aborda os modos autorizados de ação ao fotografar e enviar o autorretrato nu a partir da relação com *crushes* e da relação consigo mesma. No segundo momento, serão analisadas as relações produtivas da sexualidade e do gênero, no currículo da nudez, a partir dos jogos e brincadeiras propostos nos grupos pesquisados. Esses jogos surgiram nos grupos com o intuito de criar uma rede de proteção de envio de *nude selfie* e também para estabelecer encontros sexuais e afetivos entre mulheres, sujeitos não-binários e pessoas trans que também apresentam sexualidades “não hegemônicas” (RIOS; OLIVEIRA, 2015). No terceiro tópico, a análise é sobre como os aplicativos móveis atuam na construção de redes de segurança e relações afetivas e sexuais no currículo da nudez. A análise da constituição de ciborgues no currículo da nudez perpassará todo o capítulo, evidenciando as especificidades da cibercultura nas brincadeiras, compartilhamentos, técnicas de segurança de autorretrato e vivências nos aplicativos. Toda essa construção foi guiada pelo objetivo de analisar as produtividades das relações de sexualidade e gênero do currículo da nudez na sociedade contemporânea.

Desse modo, o currículo analisado produz modos de sentir, de produzir afetos e de viver práticas sexuais, sendo constituídos por redes de poder. As relações de poder desse currículo produzem sujeitos de determinado tipo: as ciborgues. Neste capítulo, a centralidade da análise será na fusão das relações produtivas da sexualidade com as tecnologias digitais. Nesse viés, ciborgues têm como características a construção de redes de afetos a partir da noção de *crush*, a criação de brincadeiras que envolvem erotismo e técnicas de segurança e a prescrição também dessas técnicas para o compartilhamento de autorretrato nu na cibercultura. Segundo Haraway (2016, p. 36), ciborgue é um “híbrido de máquina e organismo”. Nessa linha, no currículo da nudez, a produção de sexualidades, afetos, práticas sexuais, brincadeiras, zoação, técnicas de segurança e linguagens constituem as ciborgues, como resultado da íntima relação entre pessoas e tecnologias digitais.

Diante disso, o argumento desenvolvido é de que o currículo da nudez produz a posição de sujeito ciborgue, caracterizada pela prática de fotografar-se nua e compartilhar seus *nudes* com *crushes*, por meio de aplicativos digitais. Nesse currículo,

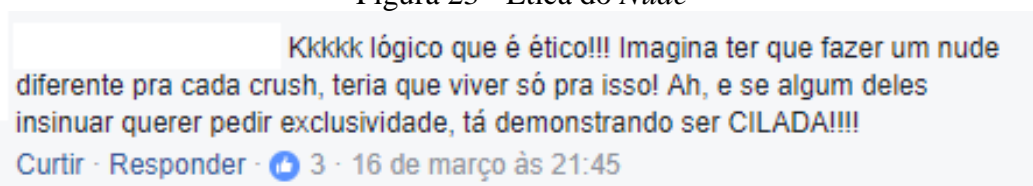
acionam-se brincadeiras que dissidem da heterossexualidade compulsória nas redes sociais e constroem redes seguras de compartilhamento de *nude selfie*.

5.1 “Crush é para quem eu mando *nudes*”: sexualidades e afetividades no currículo da nudez

O currículo da nudez faz insurgir a seguinte questão: “é ético mandar os mesmos *nudes* bonitos para mais de um *crush*?” Essa pergunta foi feita em um dos grupos pesquisados e apreende um campo produtivo das relações de sexualidade na cibercultura. A prática do envio do autorretrato é constituída por modos desejáveis de exibição do corpo nu, por discursos autorizados sobre como o corpo deve ser fotografado e também por saberes específicos sobre como enviar a foto. Essa questão indica que existem ações autorizadas como “éticas” no envio do autorretrato e também modos reconhecidos como “não éticos” nessa ação.

Como uma das respostas para a pergunta apresentada, está o comentário a seguir:

Figura 23 - Ética do *Nude*



Publicação realizada no grupo *Somente Libidinosas*, do Facebook [17/03/2017]

A resposta à pergunta sobre ética do *nude* possibilita a compreensão de que, no currículo da nudez, produz-se o sentimento que as ciborgues denominam de *crush*. A partir desse comentário, é possível perceber que o sentimento de *crush* é endereçado a alguém. De acordo com o dito, existem muitos *crushes* para enviar *nude selfie*. O fato de a ciborgue dizer “imagina ter que fazer um nude diferente para cada crush, teria que viver só pra isso” indica que são várias as *crushes* e tirar *nudes* diferentes para cada uma demandaria muito tempo e dedicação. Assim, o currículo da nudez divulga que é ético mandar um mesmo *nude selfie* para *crushes* diferentes, sem exclusividade.

Nesse campo produtivo, *crush* parecem indicar os modos contemporâneos das relações de sexualidade. Considero que a expressão *crush* representa um tipo de sentimento em relação a algumas pessoas. Sentimento esse que pode ser endereçado a mais de um indivíduo e que não garante a exclusividade na troca de autorretrato nu.

Sendo assim, a partir desse comentário podemos argumentar que o currículo da nudez produz relações de sexualidade que constituem um campo de afetos. *Crush* é um tipo de sentimento em intensa relação com os códigos sociais produzidos na cibercultura. Assim, existem diferentes maneiras como as vivências afetivas e sexuais “passam a se expressar no contexto contemporâneo” (PELÚCIO, 2016, p. 317). Esses modos de sentir propiciam “dinâmicas de trocas emocionais” e “intensificação de (des)afetos” como características da relação produtiva das sexualidades no currículo da nudez (PELÚCIO, 2016, p. 317).

O comentário diz que se *crush* pedir “exclusividade” na troca de autorretrato nu é uma “cilada”. Os ditos desse comentário estão no campo produtivo do discurso que demanda determinados tipos de sujeito. Desse modo, a posição de sujeito ciborgue é disponibilizada nesse discurso. Ciborgue é caracterizada pela prática cotidiana de produção e compartilhamento de *nudes selfies* nos aplicativos digitais. Isso constitui a vivência da sexualidade, em que há a troca de *nudes* com vários *crushes*, sem “exclusividade”. As ciborgues, portanto, produzem a “ética” do *nude selfie* como modos de agir autorizados na micropolítica das vivências da sexualidade na cibercultura.

As produções das relações de sexualidade no currículo da nudez apresentam “possibilidades emocionais ofertadas pelas novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos” (PELÚCIO, 2016, p. 311). A partir da intensa presença das tecnologias digitais, “as relações entre afeto, sexo e amor passam a se dar em uma nova configuração” (PELÚCIO, 2016, p. 317). Desse modo, o currículo da nudez produz aquilo que “impele a sonhar, pensar, a fazer, a ser” (PARAÍSO, 2007, p. 23), divulgando as ciborgues como um ponto de ancoragem do sujeito. Esse currículo produz e faz circular relações de sexualidade nas quais a troca de autorretrato nu é central.

Ainda, tal currículo, ao hibridizar os sentimentos com as tecnologias digitais, produz as ciborgues. Essa produção se dá à medida que ocorre a fusão entre as tecnologias digitais e os sentimentos, afetos e práticas. Para a mesma pergunta sobre a questão ética no envio do mesmo *nude selfie* para diferentes *crushes*, divulga-se ainda outra possibilidade:

Figura 24 - Ética do *Nude*– segundo comentário

é ser esperta, não é todo dia que a luz ta boa, que vc ta se sentindo maravilhosa e a nude fica boa. Tem nude que eu queria sair mandando pra todos os contatos pra espalhar minha beleza naquele dia. hahahahaha
 Curtir · Responder · 5 · 16 de março às 21:03

Comentário da Lusa no grupo *Somente Libidinosas*, do Facebook [17/03/2017]

No comentário, a ciborgue diz que é preciso ser “esperta” e mandar os mesmos *nudes* para vários contatos, porque não é todo dia que ela se sente “maravilhosa” e que o *nude selfie* fica bom. Para ela, quando o autorretrato fica muito bom, sente vontade de mandá-lo para todos os “contatos para espalhar” sua “beleza naquele dia”. Esses ditos constituem o vocabulário das vivências da sexualidade, que engloba as trocas de afeto na cibercultura. Verdades são autorizadas, nesse currículo, sobre o modo de ação das ciborgues em relação ao corpo, à beleza e à divulgação das fotos para os contatos.

Esses contatos podem estar nas redes sociais ou na agenda do *smartphone* e a vontade da ciborgue é de espalhar seus *nudes* bonitos. Assim, “contatos” e “crush” expressam o “vocabulário afetivo/romântico” (PELÚCIO, 2016) do currículo da nudez. Novos ditos surgem, no currículo, para dar conta das configurações específicas das relações de sexualidade em fusão com as tecnologias digitais. Para Pelúcio (2016, p. 317), as “pessoas têm [...] assimilado novas palavras para pensar em si e nas relações à sua volta” no contexto histórico em que as tecnologias digitais têm intensificado transformações nas relações de sexualidade, que incluem as relações afetivas.

Nesse sentido, a ciborgue afirma que é preciso ser “esperta” nas maneiras de enviar *nude selfie*. Ser “esperta” é aproveitar os dias em que ela se sente bonita para se autofotografar. E, ainda, ser “esperta” pode explicitar uma produção de si própria através “de uma prática de si que tem como objetivo construir a si mesmo” (SOUSA, 2008, p. 23). Ou seja, voltar atenção para si na intenção de produzir como é necessário ser na troca de autorretrato nu. Esse processo de produzir a si mesma é possível através de práticas que visam à fabricação do sujeito por ele mesmo. Esse processo produtivo “permite aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre o corpo e sobre a alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser” (FOUCAULT, 2014b, p. 266).

O dito “se sentir maravilhosa” também apreende um modo de “voltar a atenção para si” (FOUCAULT, 2010c, p. 43), de forma a dizer sobre como se sente ao tirar bons autorretratos nus. Para concluir que é preciso ser “esperta” e “maravilhosa”, é necessário acionar uma série de exercícios reflexivos sobre si que possibilitam se avaliar a partir desses modos de ser disponibilizados no currículo da nudez. Assim sendo, as técnicas de si operam de modo a produzir uma série de exercícios do poder. Esses exercícios se efetivam no autogoverno. Na acepção de Michel Foucault (2008a), o autogoverno é o governo de si mesmo, ou seja, o estabelecimento da relação consigo no sentido de se conduzir de certo modo.

Sentir-se “esperta” e “maravilhosa” é um modo de levar a atenção a si mesma e de dizer uma verdade, ainda que provisória, sobre quem se é no envio de autorretratos nus. Sentir-se “maravilhosa” é característica da posição *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Por isso, no caso analisado da “ética do nude”, as técnicas de si efetivam o autogoverno e produzem a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* no currículo da nudez. Nessa operação do poder, ciborgues são ensinadas a serem “espertas” e “maravilhosas” na troca de *nude selfie*. Assim, elas são ensinadas a serem também *frutas-de-sermos-nós-mesmas* nessa operação discursiva da produção do sujeito. Para Foucault (2014a), a posição de sujeito é fabricada a partir de uma racionalidade do poder no nível das estratégias, técnicas, tecnologias e discursos. Por esse viés, uma especificidade do currículo da nudez é que, além de produzir ciborgues, também ensina modos de ser *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Nesse caso, a produção de si como “esperta” e “maravilhosa” na troca de *nude selfie* é característica desses modos de ser.

Nesse sentido, as posições de sujeito são provisórias e podem ser ocupadas ou não de acordo com a correlação de forças estabelecida no currículo. No caso dos ditos da figura 24, as *frutas-de-sermos-nós-mesmas* são espertas, mas também são vaidosas e gostam de mandar os autorretratos nus para todos os “contatos” quando estão se sentindo “maravilhosas”. Esse dito produz a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, pois apresenta a vaidade, a autoestima e a esperteza como forças atuantes na publicação do *nude selfie* nas redes sociais. Assim, o currículo da nudez prescreve essa posição de sujeito e divulga essas práticas de vida.

Esses modos de existência são efeitos também das resistências analisadas no capítulo anterior. Essas resistências produzem instabilidade nos modos de ser que têm pudor do corpo nu. A *fruta-de-sermos-nós-mesmas* gosta de divulgar a nudez quando está se sentindo “maravilhosa”, provocando instabilidade no discurso que prescreve que

as mulheres não podem se exibir nuas. Essas resistências são efeitos da produção e divulgação do discurso que objetiva romper com as assimetrias de sexualidade e gênero. Os discursos que resistem aos imperativos morais possibilitam o deslocamento do poder, de maneira a convocar a produção de modos de ser que publicam autorretratos nus. Essas transformações nos modos de existência produzem “nossos desejos e expectativas sexuais e amorosas” (PELÚCIO, 2016, p. 330), além de possibilitarem outras maneiras de ser e de exercer trocas afetivas e sexuais, que implicam na produção de relações de sexualidade no currículo da nudez.

Nos ditos da conversa a seguir, são prescritas formas adequadas de dispor o corpo para a realização do autorretrato nu, em resposta à pergunta sobre como elas capturam e mandam as fotos:

Figura 25 - Diferença de *Nude Selfie*

Acho que aí depende do objetivo do nude. Tipo, geralmente pra publicar ou mandar em grupos é uma foto mais comportada, digamos assim, que mostre mas de uma maneira mais natural. Pra enviar prss crushs pode inovar, brincar, ousar mais...pelo menos comigo.

Juçara, entrevista, 19 anos

Juçara mostra que a realização do autorretrato nu “depende do objetivo”. Ela explica dois objetivos para o *nude selfie*: “mandar para grupos” ou “enviar prss crushs”. O autorretrato nu para enviar em grupos “é uma foto mais comportada, digamos assim, que mostre mas de uma maneira natural”. E o *nude selfie* para enviar para *crushes* “pode inovar, brincar, ousar mais”. Desse modo, a ciborgue mostra como se autofotografa de acordo com os modos indicados na cibercultura para cada situação.


No discurso, relações de poder e saber se articulam para a produção do sujeito. “Nesse caso ‘técnicas de si’ são acionadas e operam na autoinspeção”, “autoproblematização”, “automonitoramento” (ROSE, 1999, p. 43) das ciborgues para a realização do autorretrato nu. Então, esses sujeitos fabricam o modo como irão se exibir para a foto de acordo com seus “objetivos”. Posar para a fotografia é um dos pontos principais para saber realizar o autorretrato nu de acordo com cada objetivo. Para Butler (2013a), o corpo é produzido no discurso e, assim, é feito e efeito dos mecanismos de poder que regulam o que nomeiam. No comentário, Juçara aponta como escolhe o modo

de autofotografar, segundo ela ou é de modo comportado e “natural” ou de modo criativo e inovador.

No currículo da nudez, são divulgadas práticas que conectam modos de ser, agir e pensar próprios da rede de poder desse currículo. Nessa relação produtiva do poder, modos de existência são divulgados, oriundos “daquilo que o discurso produz e objetiva” (PARAÍSO, 2007, p. 23). Esses modos de existência produzidos pelo discurso efetivam sujeitos de determinado tipo (PARAÍSO, 2007). Nesse caso, o sujeito produzido é a ciborgue, que fabrica o corpo de forma a dispô-lo de determinados modos para o *nude selfie*, dependendo dos objetivos do envio. Tal produtividade do poder mostra que a disposição do corpo das ciborgues para o autorretrato não é algo natural, mas, sim, uma produção corporal em conjunto com técnicas de poder em intensa relação com as tecnologias digitais. As ciborgues posam de modo “criativo” ou “comportado” para a foto digital que será divulgada nas redes sociais. Assim, produzem-se e são produzidas nesse processo de construção da disposição do corpo para o *nude selfie* a ser publicado no ciberespaço.

Mas nem sempre são as próprias ciborgues que capturam suas imagens. No trecho da publicação a seguir, uma delas explicita que gosta quando a/o *crush* a “registra” de forma “massa”, ou seja, de modo consensual e do jeito que ela gostou:

Figura 26 - Autorretrato e *Crush*
 [nudes] [fotografia] [amor próprio]
 a gente gosta mesmo é de autorretrato, mas quando os *crush* registra a gente assim é massa, né?!



Publicação no grupo *As minas*, do *Facebook* [17/03/2017]

No caso acima, o *crush* foi autorizado a realizar a fotografia na qual captura a nudez da ciborgue. Ela divulgou essa imagem no grupo *As minas*, dizendo que “a gente gosta mesmo é de autorretrato”, mas que quando o *crush* acerta na foto possibilita que ela sinta “amor próprio”. “Amor próprio” é umas das palavras-chave da sua publicação, mostrando que foi o sentimento produzido a partir da fotografia realizada.

Para Pelúcio (2016, p. 311), “possibilidades emocionais [são] ofertadas pelas novas tecnologias, pactuando uma estreita relação entre estas e os sentimentos”. Desse modo, a fotografia realizada pelo *crush* e sua publicação no grupo do *Facebook* produziu o sentimento de “amor próprio”. Esses ditos expressam a “maneira como as

vidas sexuais e amorosas e o próprio desejo das pessoas passam a se expressar no contexto contemporâneo” (PELÚCIO, 2016, p. 317).

Nesse sentido, reside a potencialidade do conceito de ciborgue para falar dos sujeitos desta pesquisa. Isso porque as emoções e afetos desses sujeitos estão hibridizados com as tecnologias digitais. Além disso, ciborgues são ensinadas a assumirem a posição *fruta-de-sermos-nós-mesmas* devido à carga emocional “amor próprio”, que é suscitada a partir das fotos capturadas pelo *crush* e da sua divulgação no grupo de mulheres *As minas*. Sendo assim, as relações produtivas da sexualidade estão intimamente relacionadas com as tecnologias digitais no currículo da nudez e também “trazem sua carga emocional e significam tanto quanto as mensagens que se trocará por meio delas” (PELÚCIO, 2016, p. 329).

Os modos de sentir continuarão a ser analisados no tópico a seguir, a partir das brincadeiras, jogos e interações que acontecem nos grupos. Essas brincadeiras têm três características centrais: estabelecer redes seguras de compartilhamento de foto, encontrar *crushes*, paqueras, namoradas e obter encontros sexuais.

5.2 *Nude selfie* para diversão e segurança: dissidência à heteronormatividade nas redes seguras de envio de autorretrato nu

Neste tópico, serão analisadas as relações produtivas de sexualidade e gênero, no currículo da nudez, a partir dos jogos e brincadeiras propostos nos grupos pesquisados. De maneira geral, esses jogos surgiram com o intuito de criar uma rede de proteção de envio de *nude selfie*. Essa rede se constituía pelo incentivo à publicação de autorretratos nus, mas com diferentes estratégias de segurança, que serão apresentadas neste tópico. Outro objetivo, tão importante quanto o anterior, é a interação nas brincadeiras para estabelecer encontros sexuais, amorosos e afetivos entre as participantes do jogo.

As brincadeiras acontecem entre mulheres, pessoas não-binárias e pessoas trans que participam do grupo. São indivíduos também de “sexualidades não-hegemônicas (entendida como identidade, preferências, expressões e práticas diversas do padrão heterossexual tradicional)” (RIOS; OLIVEIRA, 2012, p. 261). Isso porque as brincadeiras parecem ser uma tecnologia de poder que possibilita a divulgação do *nude selfie* de forma segura, além de funcionarem também para estabelecer *crushes*, paqueras e “contatos”. Considero que as relações produtivas de sexualidade, nessas brincadeiras, visam romper com o regime heteronormativo. A “heteronormatividade é um conjunto de disposições (discurso, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é

instituída e vivenciada como única possibilidade natural” (JUNQUEIRA, 2012, p. 281). Nas brincadeiras dos grupos, as ciborgues rompem a heteronormatividade, porque criam possibilidade de afeto e sexo entre mulheres, de modo a criar “arsenais” de prazer. Esses sujeitos produzem saberes, práticas e modos de ser que são dissidentes da norma heterossexual. As brincadeiras que serão explicadas neste tópico são exemplos de práticas que rompem com as normas de sexualidade.

As brincadeiras nas redes sociais serão analisadas também de acordo com a noção de produção de significados da ação social. Assim, para Hall (1997), “a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam”. Nesse sentido, essa ação na forma de brincadeiras e trocas de experiência é formada por um sistema de códigos de significados que “dão sentido” aos atos. “Todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 1). Sendo assim, essas formas específicas de ação social produzem um “universo distinto de significados, práticas” e discursos próprios da microrrelação dos grupos pesquisados, mesmo para aquelas que não participam do jogo, mas que acompanham as postagens do grupo. Portanto, no currículo da nudez, a tecnologia da brincadeira é constitutiva da cibercultura e é composta por diferentes técnicas de segurança, linguagem, zoação, erotização, afeto.

Assim sendo, no currículo da nudez os ditos sobre *nude selfie* constituem um campo produtivo sobre quem se é nas vivências das relações de sexualidade, a partir de brincadeiras. Assim, o modo de autofotografar diz “bem lá no fundo” sobre quem é demandado. Como mostra a figura a seguir:

Figura 27 - Bem lá no fundo, quem sou eu?



Publicação no grupo *Gostosuras*, do Facebook [08/03/2017]

Essa figura advém de capturas de tela de imagens animadas conhecidas como *gifs*. Essas imagens passam rapidamente e, ao clicar na animação, uma das personagens de filmes da Disney é selecionada. Cada imagem contém um adjetivo, que no caso são “santinha”, “safada” e “maligna”. Abaixo do adjetivo, vem escrito “espelho, espelho meu, bem lá no fundo, quem sou eu?”, que faz referência ao conto da Branca de Neve³³. Uma das integrantes do grupo *Gostosuras* publicou esse *gif* com a seguinte pergunta: “quem é você ao enviar nude selfie para crush?”. A proposta era de que as outras integrantes comentassem sobre qual das imagens haviam selecionado.

A proposta da publicação era brincar sobre quem se é no momento de enviar o autorretrato nu para *crushes*. As personagens de desenho animado estão de frente para o espelho, que diz quem elas são “bem lá no fundo”. Nessa operação do poder, as ciborgues fabricam quem elas são na troca de *nude selfie* por meio da brincadeira. Esse modo de brincar constitui as vivências da sexualidade, porque, a partir dele, elas voltam para si mesmas e “confessam” como agem para capturar a própria foto nua. Técnicas de si são acionadas no mecanismo de poder de voltar a atenção sobre si próprias no intuito de se decifrar. Assim, essas técnicas funcionam de maneira que as ciborgues se autoinspecionem e reflitam sobre como elas agem para a captura do autorretrato nu que enviam para *crushes*.

Para se classificar como “santinha”, “maligna” ou “safada”, elas efetivam exercícios de poder sobre si mesmas no sentido de se produzir. A efetividade do autogoverno, nesse caso, possibilita que os diferentes modos como as ciborgues tiram *nude selfie* levem à produção do conhecimento sobre quem elas são. No grupo do ciberespaço, a operação do autogoverno é constituída na brincadeira que o *gif* convoca. Nesta, as ciborgues estabelecem uma relação consigo mesmas de se autodecifram. Ao clicarem no *gif*, cada princesa da Disney aparece com um adjetivo dizendo quem elas são “bem lá no fundo” e, a partir disso, é possível que elas reflitam se se encaixam ou não nessa definição. O ato das ciborgues refletirem sobre suas condutas para se encaixarem nos adjetivos pré-estabelecidos as faz voltar a atenção para si e, assim, o autogoverno se efetiva como produtivo nas relações de sexualidade.

O dito “espelho, espelho meu... bem lá no fundo, quem sou eu?” parece querer ver refletida no espelho a essência de quem se é profundamente. Ao contrário dessa

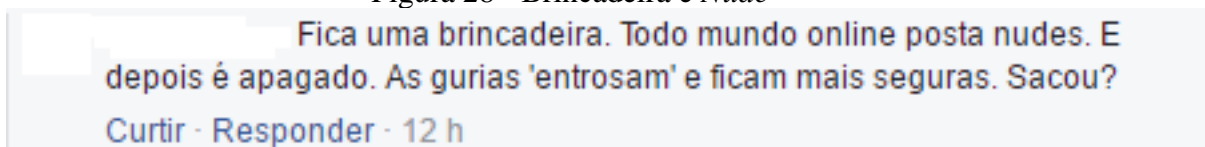
³³ Conto de fadas originário da tradição alemã. Na história da Branca de Neve, o espelho é um objeto mágico no qual habita um espírito aprisionado, representado por uma máscara teatral. O espírito que habita o espelho sempre diz a verdade para quem o pergunta.

proposta, para Foucault o sujeito é uma produção incessante das tecnologias de poder e não se dá no nível da natureza ou da essência. Nessa perspectiva, para Machado (2011, p. XIX), o “indivíduo é uma produção do poder”. E o poder é algo que se “exerce, que se efetua, que funciona” como uma “maquinaria” que se “dissemina por toda a estrutura social” (MACHADO, 2011, p. VIV). Esse é um processo de produção de si que, segundo Sales (2010, p. 73), inspirada em Foucault, consiste em um modo “para falar de si e produzir um eu”. Portanto, o questionamento sobre quem se é demandado a ser na hora de tirar o autorretrato nu coloca em funcionamento uma maquinaria discursiva constituída por técnicas, tecnologias e estratégias de poder, em que se está em jogo a produção de tipos específicos de sujeitos.

Nos ditos em circulação no currículo da nudez, demanda-se que as ciborgues se questionem sobre quem são e como agem na hora de tirar o autorretrato. Sendo assim, ciborgues são produzidas de acordo com as relações de poder estabelecidas no currículo. Isso indica que, para ocupar essa posição de sujeito é necessário refletir sobre os modos de exibição e captura do autorretrato nu.

A seguir, um comentário com proposta de outra brincadeira para o grupo:

Figura 28 - Brincadeira e *Nude*



Comentário no grupo *Somente Libidinosas*, do Facebook [02/11/2016]

A proposta é de que todas do grupo brinquem da seguinte forma: “todo mundo posta *nudes*”. Mas as fotos têm hora marcada para serem apagadas. Participam aquelas que estão *online* durante o período estabelecido da brincadeira, que normalmente acontecia das 18 horas às 23 horas. Isso com o objetivo principal de manter uma rede segura para a troca de *nude selfie*, porque a possibilidade de ter acesso às fotos se dá a partir de um tempo pré-estabelecido, assim, os *nudes* não ficam arquivados no grupo para acesso posterior. E, além da segurança, as “gurias ‘entrosam’”, ou seja, as ciborgues podem se conhecer, estabelecer contatos e trocas afetivas e sexuais.

Nesse sentido, o currículo da nudez produz a ação social na forma de brincadeira que coloca em funcionamento a segurança e o entrosamento entre as ciborgues do grupo. Esse currículo prescreve formas de garantir segurança do não vazamento de autorretratos nus através de brincadeiras, que também rompem a norma da

heterossexualidade compulsória. O regime político heteronormativo é a ordem sexual que exige que todas/os organizem suas vidas conforme o único modelo legítimo de vivência da sexualidade, a heterossexualidade (JUNQUEIRA, 2012). Sendo assim, a heteronormatividade se estabelece por um conjunto de disposições que autorizam apenas a heterossexualidade como possibilidade de experiência afetiva e sexual.

Nessa “brincadeira”, o currículo da nudez é produzido pelo discurso da segurança no compartilhamento dos autorretratos, o que propicia a criação de uma rede de proteção que também é uma troca de vivências afetivas e sexuais por meio dos autorretratos nus. A troca de *nude selfie*, a partir dessa brincadeira, constitui uma relação produtiva do poder, porque o autorretrato é potência motivadora dessa ação social. Para Hall (1997, p.1), “toda ação social é ‘cultural’”. A troca de *nude selfie* é, portanto, uma prática de significação que expressa códigos sociais que produzem as relações de poder.

A relação de poder “facilita, do mesmo modo que dificulta, limita, torna mais ou menos difícil uma ação ou um discurso” (PARAÍSO, 2007, p. 54) e, assim, faz circular determinadas maneiras de ser (PARAÍSO, 2007). A “brincadeira” possibilita técnicas de poder que aumentam a segurança e oportunizam as trocas afetivas e sexuais. Nesse sentido, pode ser compreendida como uma tecnologia de poder divulgada no currículo da nudez para fazer circular técnicas de segurança para o compartilhamento de autorretratos nus. A técnica de segurança atua tanto na regulação no tempo limitado de publicação das fotos quanto no compartilhamento da fotografia apenas com as usuárias *online* do *Facebook*, durante o período estabelecido.

A “brincadeira” como tecnologia de poder também faz circular ditos de resistência à heteronormatividade. Para Aspis (2017, p. 73), com base em Deleuze, resistir “é criação, movimento insistente de re-existir” e “é a afirmação da vida”. No currículo da nudez, as ciborgues também resistem à “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2013a, p. 57). Assim, afirmam a vida de modo a produzir sexualidades que não seguem a norma heterossexual. A partir da postagem do *nude selfie* na publicação da brincadeira, as ciborgues participantes podem iniciar uma conversa privada e, assim, estabelecer trocas afetivas e sexuais. Mulheres que vivenciam prazeres sexuais entre si estão rompendo com a prescrição normativa de que apenas podem vivenciar práticas heterossexuais. Para Butler (2013a, p. 195), a heterossexualidade compulsória é a “ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade”.

Para entender a resistência à heteronormatividade no currículo da nudez a partir da tecnologia de poder da “brincadeira”, segue outra forma de brincar no ciberespaço, que produz relações de sexualidade contemporâneas:

Figura 29 - Brincadeira do Pontinho

Tá rolando nuns grupos bem legais que eu faço parte o jogo do "pontinho".
Simples, você comenta um pontinho ". ", Quem curtir quer te beijar. Curtiu
de volta, aí vocês se adicionam conversam e oficializam o crush hahah

Publicação no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [11/11/2016]

A figura 29 mostra a brincadeira do “pontinho”. Segundo a ciborgue que a propõe, a brincadeira é “simples”. Quem quer participar comenta com um ponto “.”. “Quem curtir quer te beijar”. Assim, se alguém curtir o comentário, significa que tem interesse em conversar com a pessoa que o publicou. Mas, para que iniciem a conversa, é necessário que a outra pessoa curta o comentário da primeira que curtuiu. Apenas se as duas curtirem o comentário uma da outra é que elas iniciam uma conversa privada e “oficializam o *crush*”.

A “brincadeira do pontinho” constitui uma tecnologia que coloca em funcionamento modos específicos de vivenciar as relações de sexualidade. Esses modos dizem respeito à potencialidade das relações afetivas entre mulheres, sujeitos não-binários e trans que produzem sexualidades “não hegemônicas” (RIOS; OLIVEIRA, 2012). A hegemonia no campo das sexualidades é a heterossexualidade, que é classificada como o modelo saudável da prática sexual através de “diversos regimes e arsenais normativos” de “ajustamento, marginalização e exclusão” de práticas não heterossexuais (JUNQUEIRA, 2015, p. 39). A ruptura à norma heterossexual se constitui, no currículo da nudez, no modo como as ciborgues interditam o arsenal normativo da heterossexualidade e criam laços de afeto, segurança e “oficializam o *crush*”. Ao criar as possibilidades de afeto que envolvem prazer e autoestima entre mulheres, elas rompem com a heteronormatividade e ressignificam os códigos sociais.

As ciborgues também criam a possibilidade de questionar as classificações de identidade sexual lésbica, bissexual, heterossexual. Isso porque algumas afirmam que nunca tinham vivenciado esse tipo de jogo nas redes sociais e pensado na possibilidade de se relacionar sexualmente com uma mulher. Ou também dizem que não são homossexuais, mas que sentem desejo por mulheres:

Figura 30 - Não sou homo mas quero!



Publicação no grupo *Somente libidinosas*, do Facebook [11/11/2016]

Em um dos comentários com o “.”, uma ciborgue comentou em resposta ao ponto de outra participante do jogo: “Amiga! Não sou homo mas quero”. Para Junqueira (2012), a heteronormatividade diz respeito a “dispositivos de controle e vigilância” que têm como estratégia de funcionamento a classificação e a delimitação sobre quem se é na prática sexual, ou seja, heterossexual, homossexual, bissexual. Isso porque a norma “circunscribe o domínio do sujeito ‘normal’” (JUNQUEIRA, 2012, p. 285) e autorizado. No caso da sociedade brasileira, ser “normal” é ser “heterossexual”. Junqueira (2012, p. 286) afirma que, nessa sociedade, “reforçam-se as instituições e os valores heteronormativos e privilegia-se quem se mostra devidamente em conformidade à ordem heterossexista”. Posicionar-se heterossexual em uma sociedade heteronormativa possibilita privilégios para quem se apresenta devidamente em conformidade com esse “dispositivo do poder” (JUNQUEIRA, 2012). Em contrapartida, diante das relações assimétricas e produtivas das relações de poder, nomear-se como homossexual é um desafio. A ciborgue que escreveu o comentário diz que não é “homo”, mas que deseja a “amiga”, assim ela afirma seu desejo por uma mulher, mas nega a homossexualidade. Desse modo, o fato de desejar sexualmente a “amiga” não faz com que ela construa sua subjetividade como homossexual.

O currículo da nudez é constituído por discursos e esses “são instâncias que nos permitem nomear e dar sentido ao mundo e às coisas do mundo” (PARAÍSO, 2007, p.53). Nesse caso, sentir desejo pela “amiga” não parece suficiente para que a ciborgue se classifique como homossexual. Assim, é possível apreender que o discurso nomeia e dá sentido ao mundo na mesma operação que produz modos específicos de ser sujeito em meio a relações de poder. Nesse caso, o sujeito produzido no currículo da nudez não pressupõe linearidade entre desejo e identidade sexual. Essa produção transgride a norma heterossexual, na qual o desejo e a identidade sexual estão em linearidade. Assim, a ciborgue rompe com essa prescrição e se diz “não homo” que deseja a “amiga”.

Nesse campo produtivo, as brincadeiras aparecem nos grupos em diferentes formatos. A seguir, um exemplo da brincadeira “chuva de nudes”:

Figura 31 - Chuva de *Nudes*

[NUDE] [MANDEM SEUS NUDES TAMBÉM]
[CHUVA DE NUDES]
Ps.: futuramente apago esse post então da pra
fazer chuva de nude sem medo. VEM GENTE

Brincadeira no grupo *As minas*, do *Facebook* [01/02/2017]

A brincadeira da “chuva de nudes” tem como objetivo a publicação de muitos *nudes* pelas participantes. A palavra “chuva” explicita essa intenção de muitos autorretratos na forma de comentário. A brincadeira também utiliza a técnica de segurança ao apagar a publicação algumas horas depois. Com essa técnica, elas podem “fazer chuva de nude sem medo”. A chuva de *nudes* é similar às outras brincadeiras, porque também preza pela segurança e pela interação entre as participantes. As ciborgues publicam os autorretratos nus e outras fazem comentários sobre as fotos, que vão desde elogios até declarações sobre *crushes*, paqueras e conversas *inbox* para marcar encontros.

Nesse campo de forças produtivo do poder, a constituição de campos de afetos é intensificada na relação com as tecnologias digitais. Esse processo traz as especificidades das relações de significação da cibercultura. Isso porque os comentários com autorretratos nus acontecem nas redes sociais e apresentam a linguagem própria das relações sociais estabelecidas no ciberespaço, como por exemplo: “chuva de nudes” “post”, “crushes”, “contatos”. Para Sales (2010, p. 92), a linguagem produzida na cibercultura é “híbrida” e “possui gramáticas próprias”. No caso, a “chuva de nudes” traz uma linguagem que é “visualmente interessante e chamativa” por conter as palavras em caixa alta e entre colchetes, de modo a chamar atenção para a proposta da brincadeira. Para a maior adesão das participantes, a publicação traz características atrativas. Um dos argumentos atrativos envolve a técnica de segurança de limitar o tempo de permanência da publicação nos grupos.

Parece que as ciborgues só podem fotografar “sem medo” a partir da ação da técnica de segurança, que consiste em apagar a publicação depois de algumas horas. O compartilhamento de *nudes* é controlado pela ameaça permanente de vazamento. Essa ameaça é produtiva nas redes de poder do currículo da nudez, porque incita a fabricação

de técnicas de segurança. Esse fato indica que as vivências das ciborgues são constituídas também pela ameaça constante do possível vazamento do autorretrato, chantagens e violências. Nesse sentido, o currículo da nudez é constituído tanto pelas potencialidades de reinvenção que o autorretrato nu propicia quanto pelas assimetrias de poder vivenciadas pelas ciborgues ao divulgarem sua nudez nas redes sociais. Mesmo em um grupo secreto, os autorretratos sofrem vazamentos constantes. Portanto, para atrair mais participantes para a brincadeira, é preciso acionar a técnica de segurança de tornar a publicação temporária.

No currículo da nudez, as brincadeiras se dão de diferentes formas. Uma delas é a brincadeira proposta por uma aniversariante para que ciborgues mandem *nude selfie* para celebrar seu aniversário:

Figura 32 - *Nudes de Niver*



Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook* [16/12/2016]

Figura 33 - *Nudes* de Gratidão

(Agradecimentos) (meu dia de niver foi melhor graça a vcs) (nude de gratidão)

Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook* [18/12/2016]

A figura 32 apresenta uma imagem com palavras em inglês que, em tradução para o português, dizem “seus *nudes* estão seguros comigo” e também ditos de “quero *nudes* de niver. Manda para mim”. O *Facebook* tem uma ferramenta na qual é possível declarar como a/o usuária/o está se sentindo ao escrever a publicação. No caso acima, a ciborgue está sentindo-se “fantástica”. Dois dias depois, na figura 33, a mesma aniversariante retribui os *nudes* recebidos com um “agradecimento” na forma de “nude de gratidão”, já que seu aniversário foi “melhor” graças às participantes do grupo que enviaram *nude selfie* para ela.

Os ditos dessas publicações divulgam a centralidade que o autorretrato nu apresenta para a produção dos modos de vida e das sexualidades em intensa relação com as tecnologias digitais. Isso porque, no currículo da nudez, receber muitos autorretratos nus de outras mulheres no dia do seu aniversário traz possibilidades de sensações. São possibilidades emocionais, intensificadas pelas tecnologias digitais, que pactuam uma intensa associação entre estas e os modos de vida na sociedade contemporânea (PELÚCIO, 2016). Para Pelúcio (2016, p. 317), as tecnologias digitais trazem uma nova configuração para “as relações entre afeto, sexo e amor”. A ciborgue solicita o envio de autorretratos nus com a justificativa de ser seu aniversário, nesse sentido o *nude selfie* é significado como um presente.

Ao receber os presentes de aniversário, é preciso agradecer, sendo assim a retribuição também é um autorretrato nu enviado para todas as participantes do grupo. Na publicação de agradecimento, declara-se que o aniversário foi “melhor graças a vcs” e “nude de gratidão”. Esses ditos mostram sentimentos que foram produzidos a partir do envio de autorretrato nu. Desse modo, o currículo da nudez é constituído por uma produção de sentimentos, sensações e afetos que são possíveis a partir do recebimento e envio de *nude selfie*. Isso mostra modos de sentir que são expressos no currículo da nudez. Mas, para receber muitos *nudes*, é necessário garantir segurança no sigilo das fotos.

Para isso, na imagem contida na figura 32, acionam-se as técnicas de segurança ao se afirmar que “seus nudes estão seguros comigo”. Parece que, ao se comprometer com a segurança das fotos, mais ciborgues se sentirão confiantes para enviar autorretratos, tanto como comentário na publicação quanto como em conversa privada. No currículo da nudez, demandam-se técnicas de segurança para a proteção das ciborgues contra as constantes ameaças de violência, chantagem e assédio, como mostra o terceiro capítulo deste trabalho.

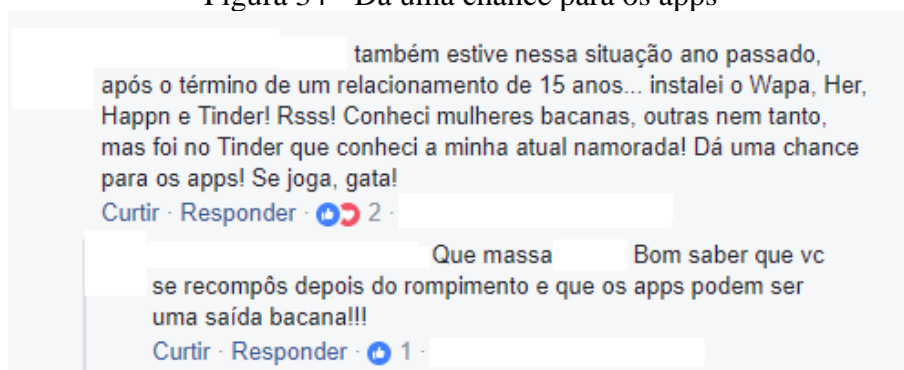
Nesse sentido, o tópico a seguir deste capítulo analisa a troca de informação sobre segurança e também sobre as relações amorosas e sexuais que as ciborgues constroem em aplicativos digitais.

5.3 Afetividade e Segurança: os aplicativos móveis na produção de relações de sexualidade no currículo da nudez

Wapa, Tinder, Grindr, Her e Happn são alguns dos nomes dos aplicativos citados pelas ciborgues durante a netnografia dos grupos pesquisados. Neste tópico, as sexualidades produzidas pela simbiose entre sujeitos e tecnologias digitais têm como especificidade a conexão com os aplicativos móveis, na relação com o desejo, prazer e sentimentos, assim como também na construção de saberes de como proteger os autorretratos nus de vazamentos e assédios.

Na sociedade contemporânea, outras formas de viver as relações afetivas e sexuais são produzidas e os aplicativos móveis fazem parte dessa transformação. Sendo assim, vejamos os comentários de uma publicação sobre relacionamento e aplicativos:

Figura 34 - Dá uma chance para os apps



Comentário no grupo *Gostosuras*, do *Facebook* [16/11/2016]

Os ditos mostram como se constituiu a experiência com os aplicativos móveis de paquera. A ciborgue afirma que, após terminar um relacionamento de quinze anos, instalou “Wapa, Her, Happn e Tinder” e disse que foi no *Tinder* que conheceu sua “atual namorada”. Mesmo tendo-a conhecido em um aplicativo, diz também que conheceu outras “mulheres bacanas”, mas “outras nem tanto”. Ao final do comentário, ela incentiva o uso de aplicativos: “dá uma chance para os app! Se joga, gata”. Em resposta a esse comentário, outra ciborgue comemora a experiência relatada com “que bom que os apps podem ser uma saída bacana” na vivência da sexualidade na cibercultura.

Esses ditos explicitam como as relações de sexualidade podem ser construídas na sociedade contemporânea pelo uso de aplicativos móveis. Para Fábio Rosa (2017), estes mudam a forma de relacionamento afetivo e sexual, mas podem funcionar de modo a reiterar as normas de sexualidade e gênero. Ele explica que esses aplicativos funcionam a partir de uma relação produtiva do poder que privilegia atributos corporais e estéticos que estão em conformidade com a noção culturalmente estabelecida do erótico e do desejável. Nesse viés, o primeiro comentário mostra que, apesar de ter conhecido pessoas não tão bacanas no *Tinder*, foi por esse aplicativo que ela conheceu a namorada atual. Assim, as ciborgues reconhecem as possibilidades consideradas ruins que os aplicativos podem trazer, mas mesmo assim incentivam outras mulheres a usá-los.

A socióloga Eva Illouz (2016, p. 306), que estuda o amor na esfera das mídias digitais, diz que os aplicativos em equipamentos móveis aumentam a possibilidade “de que você possa conhecer pessoas que são como você”. Corroborando essa perspectiva, no currículo da nudez divulgam-se modos de existência marcados pela presença dos aplicativos. No segundo comentário, estes são vistos como uma “saída” para encontrar uma nova parceira. Isso mostra como as relações amorosas se configuram na sociedade, de forma que uma “saída” para encontrar parceiras afetivas e sexuais é o uso de “apps”. Assim, o currículo da nudez ensina saídas para vivenciar práticas sexuais e afetividades na sociedade contemporânea.

Os aplicativos são produtos tecnológicos de um contexto histórico que corrobora os modos de produção das relações eróticas, afetivas e sexuais no currículo da nudez. A figura a seguir mostra essa relação produtiva da sexualidade nos aplicativos:

Figura 35 - Como agir no *Tinder*?

Sobre aplicativos:

Não sei quem viu, mas um dia eu poste aqui que não sabia como agir com tinder!

6 anos namorando, não sei flertar! Faço as perguntas que, provavelmente, são um tédio. PQ EU NAO SEI FLERTAR!

Hj tentei ser direta

E falar "VELHO, eu não sei flertar, só quero sexo"

E ai ele falou "eu tbm"

E marcamos!

Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook* [02/01/2017]

Segundo os ditos acima, a ciborgue relembra ao grupo uma publicação anterior em que ela dizia que não sabia flertar por aplicativos. Flertar é acionado como modo específico de se relacionar com as pessoas, por isso é preciso saber estabelecer essa relação, que envolve desejo sexual. Mas o dito mostra que, em tempos de aplicativos de paquera, não é necessário saber flertar para marcar um encontro sexual. Bastou ela ser direta com o possível pretendente para conseguir o que desejava. Esse dito explicita que, no currículo da nudez, a sexualidade é produzida em intensa conexão com os aplicativos. Estes são “saídas” e artifícios para marcar encontros sexuais mesmo que não se saiba “flertar”, como afirma a ciborgue. O fato de não saber “flertar” não é impedimento para marcar encontros apenas para o sexo. Isso mostra, portanto, que o “flerte” não é uma etapa imprescindível para marcar encontros sexuais em tempos de aplicativos.

Os aplicativos atuam na produção de modos de vivência da sexualidade, no currículo da nudez, que não seguem um roteiro em que a troca afetiva seja preliminar à prática sexual. No caso acima, a ciborgue ficou satisfeita por conseguir um encontro sexual de forma rápida e sem “flerte”. No currículo da nudez, o uso de aplicativos constitui modos de vida produzidos de maneiras múltiplas e não lineares. Isso porque, ao mesmo tempo em que ciborgues incentivam o uso dos aplicativos e gostam da maneira direta de marcar encontros sexuais, para outras esse uso pode ter como efeitos agressões e traumas. A seguir, um exemplo das forças não lineares que atuam na constituição do currículo da nudez em relação ao uso de aplicativos:

Figura 36 - Eu como mulher negra

Antes do meu relacionamento atual eu usava e 80% das vezes os caras mandavam o combo "oi + nudes" ou usavam o combo "oi td bem? + quer transar". Isso me incomodava bastante e acredito que seja uma questão da maioria. Eu me sentia objetificada, como mulher negra, no nível master mas também foi num aplicativo que conheci meu companheiro atual.

Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook* [02/03/2017]

A ciborgue explica como as trocas afetivas se estabeleciam antes de ter o “relacionamento atual”. Segundo ela, “80% das vezes os caras mandavam o combo “oi+nudes” ou usavam o combo “oi tudo bem?+quer transar”. Assim, ela mostra como as relações de sexualidade são estabelecidas a partir das suas vivências nas redes sociais. Para isso, explica o modo como é abordada por “caras”. A ciborgue escreve a publicação na forma de denúncia e afirma que não gosta de ser tratada desse modo, porque se sente “objetificada”. No entanto, foi em um “aplicativo” que conheceu seu companheiro atual.

É possível perceber que ela não aciona a expressão “*crush*” para relatar esse tipo de abordagem. Isso porque *crush* expressa um modo específico das relações de sexualidade, em que os sujeitos estão consentindo e produzindo uma rede de afetos potente. O dito “caras”, nessa publicação, é acionado como um modo de ser que produz uma relação de violência na abordagem e que faz com que ela se sinta como um objeto. A palavra “cara” parece se referir a sujeitos que estão alinhados performativamente com a “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 2013). Isso porque são sujeitos do “modelo homem másculo”, que reiteram “padrões de masculinidade” (ROSA, 2017) com aproximações como “oi+nudes”. A ciborgue afirma que esse tipo de abordagem a “incomoda” e acredita que seja a “maioria” que se sinta dessa forma.

Na publicação, também é possível apreender que o *nude selfie* assume centralidade nesse tipo de aproximação por “caras”. No “combo oi+nude”, a ciborgue relata como esse tipo de aproximação via redes sociais é constituída por apenas o “oi” e logo depois os “caras” mandam “nude”. Parece que denunciam comportamentos não consensuais de envio de autorretrato nu. Nesse sentido, é possível perceber que o *nude selfie* também constitui modos de ação não consensuais na cibercultura. Como analisado no terceiro capítulo, “caras” mandam autorretrato nu sem solicitação por parte de quem recebe a fotografia. As ciborgues denunciam que não gostam desse tipo de abordagem,

constituindo o currículo da nudez como uma produção discursiva que resiste ao envio do autorretrato nu sem a solicitação delas.

A ciborgue se reconhece como “mulher negra” que se sente “objetificada” nas abordagens que vivenciou nas redes sociais e aplicativos. O reconhecimento enquanto “mulher negra” é um modo de se situar nas relações históricas e sociais. É uma forma de explicar que sua vivência é constituída pelas relações raciais, que são desiguais e assimétricas. Na perspectiva histórica, as mulheres negras foram sujeitos fabricados nas relações produtivas de sexualidade de forma diferente das mulheres brancas. Essas diferenças nos modos de vivenciar a relação de sexualidade e de gênero se estabelecem de maneira articulada às relações raciais. No Brasil, estas foram constituídas por um processo histórico escravocrata e os seus efeitos são constitutivos das desigualdades da sociedade contemporânea.

Desse modo, essa publicação exige uma análise que englobe a produção discursiva das relações de raça. O dito de se sentir “objetificada” é um modo de compreender como os “caras” praticam violências em relação a ela. Para a perspectiva dos estudos do feminismo negro (DAVIS, 2016; WERNECK, 2010; HOOKS, 2013), a noção de objeto associado à sexualidade das mulheres negras é proveniente do estigma da mulher promíscua, exótica e sexualmente ferosa³⁴. Isso é evidente em um contexto em que “as mulheres negras são as maiores vítimas de exploração sexual no Brasil” (ARRAES, 2013). A exploração sexual das mulheres negras está relacionada “à definição tautológica de pessoas negras como serviçais”, inclusive em serviços sexuais, o que sustenta-se por “artifícios racistas” (DAVIS, 2016, p. 102). Desse modo, as relações produtivas da sexualidade apresentam especificidades quanto à vivência das mulheres negras no currículo da nudez.

Ainda, ao final da denúncia da publicação, a ciborgue afirma que foi pelos “aplicativos” que ela conheceu o seu namorado atual. Isso porque, apesar de vivenciar práticas assimétricas de poder no ciberespaço, foi ali que ela conheceu o companheiro. Então, as práticas ciberculturais não seguem uma linearidade, ou seja, não se dão sempre de uma única forma, ou produzindo relações não consensuais ou proporcionando redes de afetos consensuais. A cibercultura produz sentimentos múltiplos e híbridos, uma vez que fazem parte de vivências singulares.

³⁴Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org/2013/04/29/a-sexualidade-da-mulher-negra/>. Acesso em: 25 de agosto de 2017.

Nesse campo de forças híbrido e múltiplo do currículo da nudez, as ciborgues trocam experiências em relação aos aplicativos e às técnicas de segurança que utilizam. Como na figura abaixo:

Figura 37 - Segurança

[nude] [segurança]

Meninas, segue ai algumas dicas para quem é neurótica como eu com segurança e quer manter controle dos seus nudes. Recomendo o aplicativo wickr - vc escolhe tempo de autodestruição da foto, dificulta prints, avisa se alguém printou, não precisa de nenhum dado pessoal para cadastro.

Publicação no grupo *As Minas*, do *Facebook* [11/11/2016]

A publicação consiste em “dicas” de como proteger os autorretratos nus. A ciborgue diz que essas dicas são para as “neuróticas com segurança” como ela e para quem “quer manter controle dos seus nudes”. Assim, ela indica o aplicativo “Wickr”, porque “você escolhe o tempo de destruição da foto, dificulta prints, avisa se alguém printou, não precisa de nenhum dado pessoal para cadastro”. Essa publicação explicita as técnicas de segurança que as ciborgues constroem no currículo da nudez. Sendo assim, os aplicativos, para serem considerados seguros, precisam levar em consideração as técnicas de segurança de destruição de foto, o aviso de quem tentou copiar a imagem, a dificuldade em copiar a imagem e o uso de dados pessoais pelo aplicativo.

Nesse sentido, o currículo da nudez prescreve técnicas de segurança para o compartilhamento de autorretrato nu na cibercultura. Além disso, produz ciborgues que se classificam como “neuróticas”, pois querem ter o maior controle possível sobre os *nudes* que enviam. Para elas, essa proteção é uma questão de “segurança”. Assim, técnicas de segurança são constitutivas do currículo da nudez.

Crush, *nude*, chuva de *nudes*, afetos, brincadeiras, *nude* de gratidão, redes de compartilhamento de *nude selfie*, flerte, santinha, safada, maligna, aplicativos de paquera, dicas de compartilhamento seguro de autorretrato nu. Todos esses fenômenos foram analisados a partir do desenvolvimento da argumentação de que o currículo da nudez produz a posição de sujeito ciborgue, caracterizada pela prática de fotografar-se nua e compartilhar seus *nudes* com *crushes* por meio de aplicativos digitais. No currículo da nudez, acionam-se brincadeiras que dissidem da heterossexualidade compulsória nas redes sociais e constroem redes seguras de compartilhamento de *nude selfie*. Foi possível perceber que as multiplicidades curriculares mostram a

imprevisibilidade das relações produtivas do poder na sociedade contemporânea interconectada. Novas palavras tornam-se populares na cibercultura para expressar sentimentos, ações e práticas produzidos nas singularidades históricas, espaciais e sociais estudadas. Singularidades essas de um contexto histórico da íntima conexão dos sujeitos com as tecnologias digitais, com as características espaciais do ciberespaço e da cibercultura e segundo a ótica das prescrições e reinvenções produzidas no currículo da nudez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA SEXUAL CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

O mundo que os conservadores querem destruir, o mundo gay e lésbico, o mundo trans, o mundo feminista, já é muito poderoso. Eles não têm nenhuma chance de destruí-lo. E eles realmente sabem que não apenas é muito poderoso, como está se tornando mais poderoso, está se tornando mais aceito, e quanto mais aceito é, com mais raiva eles ficam. Mas o que vemos agora, nesse conservadorismo sexual contemporâneo, ou o que podemos entender como política sexual reacionária é um esforço para nos levar de volta a um mundo que nunca mais voltará

Judith Butler³⁵

Essa é a resposta de Judith Butler, em entrevista no Brasil para a TV Boitempo, à pergunta sobre por que falar de gênero incomoda. A filósofa esteve no Brasil em novembro de 2017 para participar de um seminário que tinha o objetivo de refletir sobre as reações contemporâneas quanto ao enfraquecimento de campo de consenso nas democracias liberais³⁶. Antes da vinda de Butler, grupos conservadores criaram uma petição *online* contra a sua vinda para o país³⁷. No dia do evento, 7 de novembro de 2017, em São Paulo, aconteceu um protesto em frente ao local de realização do seminário, que reuniu tanto grupos de pessoas a favor como também grupos de pessoas contra a vinda da filósofa ao Brasil. O grupo contra a participação de Butler no seminário exibiu cartazes com dizeres: “Não à ideologia de Gênero”; “Mais príncipes e princesas, menos bruxas”. Durante o protesto, esse grupo queimou a representação do que seria Butler como uma bruxa³⁸. O grupo a favor defendia o direito à fala da professora no seminário e também os estudos de sexualidade e gênero.

Ainda, na descrição da petição *online* contra a vinda da filósofa, está escrito: “Judith Butler não é bem-vinda ao Brasil! Nossa nação negou a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação e nos Planos Municipais de Educação de quase todos os municípios”. O primeiro argumento usado, nessa petição, pelo discurso da política sexual reacionária no Brasil é a disputa do debate de gênero nos documentos oficiais da educação. Nessas disputas em torno da inserção desse debate nos Planos Municipais e

³⁵ Fala de Judith Butler em resposta à pergunta: porque falar de gênero incomoda? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cozmjJpMakM&t=9s>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

³⁶ Programação do Seminário disponível em: <http://filosofia.fflch.usp.br/node/1028>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

³⁷ Petição disponível em: <http://peticaopopular.com.br/view.aspx?pi=BR83432>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

³⁸ Esse episódio político lembra o acontecimento histórico da perseguição religiosa e social cristã que ocorreu no século XV e se estendeu até o XVIII na Europa, em que mulheres foram mortas queimadas, acusadas de serem bruxas pecaminosas e de adotarem práticas religiosas fora da moral do cristianismo.

Nacional de Educação³⁹, o termo ideologia de gênero foi utilizado para desqualificar as menções ao gênero nos documentos. Nesse processo, o *slogan* ficou mais difundido e utilizado como uma forma de ir contra os direitos humanos, principalmente sobre as questões de sexualidade e gênero. Junqueira (2016) afirma que ideologia de gênero é a invenção de uma categoria política para uma ofensiva contra a liberdade e os direitos humanos. Paraíso (2016), por sua vez, afirma que se trata de uma estratégia de poder que distorce a noção de gênero ao dizer que discutir esse campo de relações nas escolas é contrário aos interesses da família. No Brasil, esse *slogan* está atrelado a grupos religiosos e políticos conservadores.

O *slogan* “ideologia de gênero” também está atrelado à associação Escola sem Partido (ESP), que tem influenciado projetos de lei em âmbito nacional. A ESP se diz “contra o abuso da liberdade de ensinar”⁴⁰. Segundo reportagem divulgada no site da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisas em Educação (Anped)⁴¹, a Escola sem Partido afirma que é necessário combater o que chama de “doutrinação ideológica” nas escolas. A Associação defende uma suposta neutralidade política na sala de aula, onde a função do professor é apenas transmitir conteúdo didático. Para a ESP, os professores não podem influenciar a visão política dos estudantes. E, ainda, estabeleceu-se a associação errônea de que estudos de gênero, sexualidade e orientação sexual são o mesmo que ideologia de gênero.

Os efeitos políticos dessa associação, que compõe a política sexual reacionária brasileira, podem ser percebidos na retirada de qualquer menção às palavras “gênero” e “orientação sexual” da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴², assim como também na suspensão da regra de atribuir nota zero na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para quem desrespeitar os direitos humanos⁴³. Pode-se dizer que esses efeitos fazem parte da ação política da associação Escola sem Partido no âmbito específico da educação. Mas os efeitos dessa perspectiva conservadora da política sexual não se encontra apenas nesse campo.

³⁹ Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.programaescolasempartido.org/>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

⁴¹ Disponível em: <http://www.anped.org.br/news/censura-na-educacao-entenda-o-que-e-o-pl-escola-sem-partido>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

⁴² A BNCC é um documento que estabelece diretrizes para as escolas brasileiras na elaboração do currículo escolar.

⁴³ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/redacao-do-enem-que-ferir-direitos-humanos-nao-pode-tirar-nem-nota-zero-nem-nota-mil-entenda.ghtml>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

O conservadorismo sexual contemporâneo também teve efeito no campo da arte, com o episódio de censura à exposição *A Queer Museu – Cartografia da Diferença na América Latina*, do curador Gaudêncio Fidelis, em Porto Alegre. A exposição foi suspensa no dia 9 de setembro de 2017 pela empresa financiadora, que cancelou o evento diante da ofensiva conservadora do Movimento Brasil Livre (MBL). No dia 19 de novembro de 2017, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre Moraes, negou o pedido de Gaudêncio para barrar uma possível condução coercitiva para a CPI dos Maus Tratos em Crianças e Adolescentes⁴⁴. Outro caso da estratégia política conservadora foi a denúncia, protestos e movimentações contra a interação de crianças com um performer nu na exposição do Museu de Arte de São Paulo (MASP), de título *História da sexualidade*. Após os protestos, o MASP, pela primeira vez desde sua fundação em 1947, delimitou idade mínima de 18 anos para entrar na exposição⁴⁵.

Essas ofensivas conservadoras também tentam desqualificar estudos de sexualidade e gênero que afirmam a fabricação deste e negam que o sexo é uma essência que pressupõe um gênero de determinado tipo. Nesse contexto político, algumas pesquisadoras e professoras desse campo de estudos estão sendo ameaçadas de morte pelo trabalho e pesquisas que desenvolvem. O Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM – UFBA) divulgou uma nota pública⁴⁶ em que apoia e se solidariza com pesquisadoras/es ameaçadas/os por desenvolver pesquisas sobre sexualidade e gênero. Ao final, afirma que não se pode aceitar o cerceamento à liberdade de pensamento. No dia 22 de novembro, diferentes setores da universidade realizaram um protesto na Universidade Federal da Bahia (UFBA) contra as ameaças sofridas por pesquisadoras/es e professoras/es da universidade e pelo respeito a esse tipo de pesquisa⁴⁷.

Diante dessas disputas em torno das questões de gênero e sexualidade, escrevo a conclusão desta dissertação, que discutiu o currículo da nudez na constituição de relações de sexualidade e gênero. Currículo é um conceito do campo de estudos educacionais por excelência e está associado comumente a uma estrutura de conteúdos estrita do espaço escolar. Fico imaginando o quanto as pessoas devem ficar intrigadas

⁴⁴ Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1936620-ministro-do-stf-libera-conducao-coercitiva-de-curador-de-queermuseu.shtml>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2017/10/18/noticias-artes-e-livros,215328/exposicao-historias-da-sexualidade-abriga-400-obras-no-masp.shtml>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

⁴⁶ Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/nota-publica/>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

⁴⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/alunos-e-professores-fazem-protesto-apos-professora-da-ufba-ser-ameacada-de-morte-em-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 30 de novembro de 2017.

ao lerem o termo “currículo da nudez”. Nas diversas vezes em que precisei explicar a pesquisa que desenvolvia no mestrado, percebi que as pessoas recebiam essa noção com espanto. Isso parece muito interessante, pois as reações indicavam que “currículo da nudez” confundia, embaralhava a noção comum do que são pesquisas em educação e também do que são os estudos de currículo.

Currículo da nudez, gênero, sexualidade, corpo, desejo. Todos esses conceitos em um caldeirão que está comprometido politicamente com a vontade de que as forças inventivas da vida sejam potencializadas. Para isso, o aporte teórico pós-crítico em educação foi imprescindível para possibilitar a nomeação do currículo da nudez. São corpos nus que se autofotografam, são produções de prazer, amor e tesão das *frutas-de-sermos-nós-mesmas*, é a força de resistência das ciborgues em romper com assimetrias de gênero. Tudo isso analisado, criado e construído segundo uma perspectiva que pretende multiplicar as forças do currículo. Essa multiplicidade curricular surge da força de investigação das invenções e não das origens. A multiplicidade do currículo pós-crítico também se encontra na compreensão histórica dos fenômenos, das condições de possibilidade de que algo seja dito de uma forma e não de outra.

Assim, o currículo da nudez emerge nas condições de possibilidade da sociedade contemporânea em intensa conexão com artefatos digitais. Momento histórico que incita a construção de si, da individualidade e das relações sociais em íntima conexão com as tecnologias digitais. O currículo da nudez é configurado nos pontos de contato das relações de poder que constroem as relações de sexualidade e gênero. Quanto mais se discute como estas relações são fabricadas, mais é possível reinventá-las. Ao se conhecer as minúcias dos mecanismos, técnicas, tecnologias e estratégias de poder, mais é possível compreender como ele funciona naquela relação. Esta dissertação pretendeu mostrar tanto os exercícios de poder que objetivam prescrever condutas no currículo da nudez, quanto identificar práticas que não seguem o padrão da heterossexualidade compulsória e que transgridem os imperativos morais.

O desenvolvimento analítico da dissertação teve como argumentação central que o currículo da nudez é constituído por relações de poder-saber em torno do gênero e da sexualidade, que atuam prescrevendo formas adequadas, seguras e prazerosas de existência. Tais prescrições curriculares operam tanto na reiteração das normas sociais quanto na sua denúncia e transgressão. Nesse sentido, como já dito, pelo menos duas posições de sujeito são produzidas nessas relações travadas no currículo: ciborgue e a *fruta-de-sermos-nós-mesmas*. Essas posições são marcadas pela íntima conexão com as

tecnologias digitais e pela transgressão dos imperativos morais. Ciborgues são ensinadas a serem também *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, que frutificam o prazer, a autoestima e a ação política a partir do autorretrato nu e, assim, produzem práticas dissidentes das normas de gênero e de sexualidade.

Essa argumentação está embasada nas características produtivas do currículo da nudez com as relações de sexualidade e gênero. A positividade desse currículo encontra-se na produção de diferentes modos de ser e de existir. Assim, são fabricados modos de ver, compreender e significar o mundo. Na mesma medida, produzem-se discursos, relações de poder, saber e verdade. Todos esses componentes do currículo estão relacionados, de modo que o discurso produz aquilo que nomeia. E todo discurso produz sujeitos próprios desse discurso. No caso do currículo da nudez, as produções discursivas das posições ciborgue e *fruta-de-sermos-nós-mesmas* foram relacionadas com os componentes constitutivos desse território curricular. Nesse sentido, ciborgues estabelecem íntima conexão com as tecnologias digitais, *smartphones*, autorretratos e aplicativos digitais. Também resistem às assimetrias de gênero através de diferentes mecanismos. Um deles é a denúncia de casos de violência de gênero em relação a vazamento de autorretratos nus. Ciborgues divulgam as desigualdades entre os efeitos sociais distintos da nudez em relação ao gênero. Mostram como essas assimetrias criam estratégias de poder que, por vezes, despotencializam, oprimem e matam as mulheres.

Ciborgues apresentam a dimensão produtiva da relação dos sujeitos com dispositivos digitais ao se autofotografarem e fazerem disso uma prática frequente no jogo de sedução com *crush*. No currículo da nudez, divulgam-se os modos de se relacionar com *crush* nas redes sociais. Ciborgues produzem formas autorizadas sobre como se autofotografar, quando mandar a foto, para quantas pessoas e em quais momentos surge a vontade de enviar autorretrato nu. Nesse campo discursivo, surgem brincadeiras que incitam a relação de práticas afetivas sexuais que dissidem da heterossexualidade compulsória. Surgem cantadas, romances, *crushes*, contatinhos, sexo casual, sexo pelas redes sociais, a partir dessas brincadeiras. Ainda criam redes de segurança para envio de autorretrato nu, a partir de trocas de experiência sobre uso de aplicativos digitais.

Além das ciborgues, o currículo da nudez ensina modos de ser *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, a qual transgride os imperativos morais e produz prazer, autoestima e política a partir do autorretrato nu. As marcas características dessa posição de sujeito são a autoestima, a vaidade e o prazer de tirar fotografias do próprio corpo nu. Os

modos de existência da *fruta-de-sermos-nós-mesmas* estão em intensa ligação com a produção de relações de sexualidade e de gênero. Assim, no currículo da nudez, a produção de relações de sexualidade inclui admirar o corpo e namorar a si mesma a partir do autorretrato nu. As relações produtivas de gênero encontram-se nas marcas constitutivas da *fruta-de-sermos-nós-mesmas*, e outros modos de ser mulher são divulgados: mulheres vaidosas e cheias de estima por si mesmas, que saboreiam seus corpos a partir do autorretrato publicado no ciberespaço.

Outra característica é a transgressão do imperativo moral que prescreve a nudez corporal das mulheres como um erro. Essa transgressão consiste na interdição da associação da feiura e do erro com a exibição do corpo nu. Sendo assim, a *fruta-de-sermos-nós-mesmas* tem como marca a nudez autoexposta como algo cotidiano, o amor pelo corpo, a sedução e a forma de externalizar sensações e prazeres corporais a partir do autorretrato nu. Essas *frutas-de-sermos-nós-mesmas* contestam as normas de gênero e de sexualidade e produzem ditos de amor e beleza em relação ao corpo nu para além do padrão estético normativo. Essa posição de sujeito também tem a marca de contestar relações sexuais não consensuais, relações conjugais violentas e relações assimétricas de poder entre os gêneros. Ela afirma a própria existência a partir da luta contra mecanismos que tentam subtrair, dividir e enfraquecer a vida e divulga modos de existência na potência da força criativa do corpo, da sexualidade e do gênero.

Concluo que o currículo da nudez é fruto de um processo que pretende provocar deslocamentos, questionamentos e criações singulares. É um currículo que foge da armadilha do campo das essências deterministas e faz parte de uma perspectiva epistêmica que questiona as normatividades que apresentam o universal homem branco e heterossexual como modelo padrão dos modos de existência, de modo que tudo esteja voltado para esse centro. Dessa maneira, nesse currículo, a construção das posições de sujeito tem como foco o corpo, a sexualidade e o gênero. O currículo da nudez parte da força transformadora dos micropoderes, de uma relação microfísica específica dos grupos estudados. A microfísica, assim como diz Deleuze (1991), não é o “micro” como menor, mas sim como outro domínio, outra dimensão do pensamento. Portanto, o currículo da nudez parece ter o que Mia Couto nomeou de “épico sabor da afronta e da clandestinidade” (2011, p. 65). Assim, finalizo esta dissertação sob inspiração das possibilidades frutíferas aqui discutidas e das palavras do escritor moçambicano: “compete-nos desarmadilhar o mundo para que ele seja mais nosso e mais solidário.

Todos[as] queremos um mundo novo, um mundo que tenha tudo de novo e muito pouco de mundo” (COUTO, 2011, p. 95).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Farmecos/PUCRS*. Porto Alegre, dezembro, nº 20, p. 34-40, 2008.

ARRAES, Jarid. *A Sexualidade da Mulher Negra*. Blogueiras Negras, 29 abril, 2013. Disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org/2013/04/29/a-sexualidade-da-mulher-negra/>.

ASPIS, Renata. Minorias e Territórios: Ocupações. *ETD – Educação Temática Digital*. Campinas, v. 19, p. 63 – 74, jan-mar, 2017.

BRANCO, Guilherme Castelo. Atitude-limite e Relações de Poder: Uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: JÚNIOR, Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 137 – 149. 2008.

BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, UNICAMP, n.11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. 5º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

BUTLER, Judith. Inversões Sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche (Org.). *Poder, Normalização e Violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2013b.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.42, jan-jun, p. 249-274, 2014.

BUTLER, Judith. *Corpos que Importam*. Belo Horizonte, Sapere Aude, v. 6, n. 11, p. 12-16, jan-jun, 2015.

COACCI, Thiago; SANTOS, Leonel Cardoso dos. “Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre gênero, beleza e feiura. *Revista Periódicus*, v.1, n.7, p. 423 – 439, 2017.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21 (1), jan-abr, p. 241 – 282, 2013.

CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse Africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça, Classe*. São Paulo, Boitempo, 2016.

EVANGELISTA, Gislene Rangel. *#CurrículoDoFacebook: denúncia da crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola*. 2016. 188f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-graduação em Educação: conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197 – 223, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A Paixão de Trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 39- 61, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. FOUCAULT. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org). *Estudos do Discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, p. 123 – 153, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. 8ªed. Rio de Janeiro: Graal. 1984

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense. 7ª ed. 2008b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 38º ed. Petrópolis: Vozes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 20ª ed, 2010b.

FOUCAULT, Michel. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes. 2010c.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2011

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1º ed. – São Paulo, Edição Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*, IX. Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 118 – 141, 2014b.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. O Uso dos Prazeres e as Técnicas de Si. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*, V. Ética, Sexualidade, Política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 187 – 212, 2017.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos*, V. Ética, Sexualidade, Política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 55 – 776, 2017.

GILLES, Deleuze. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GOMES, Nilma Nilo. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n.1, jan-jun, p. 167 – 182, 2003.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos em educação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p 208 – 248.

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos – erotismo, gênero e limites da sexualidade*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia). 222f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2010.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, v.22, n.2, p. 15 – 46, 1997.

HARAWAY. Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2º ed, p. 35-118, 2016.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ILLOUZ, Eva. No coração Pulsante da Cultura – entrevista com Eva Illouz. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 2, p. 299 - 308. Entrevista concedida a Richard Miskolci. Junho, 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/423>. Acesso em: 24 de setembro de 2017.

JUNQUEIRA, Rogério. Pedagogia do Armário e Currículo em Ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. *Discursos Fora da Ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume. 2012

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do Armário. *Revista Cult*. Ano 18, nº 202. Junho 2015, p. 38 - 43.

JUNQUEIRA, Rogério. “Ideologia de gênero”: uma ofensiva reacionária aos direitos humanos e à educação”. Palestra proferida na Faculdade de Educação da UFMG, no dia 25 de agosto de 2016.

KOZINETS, Robert. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEAL, Rafaela. *Dispositivo de Inovação no Ensino Superior: produção do docentisinovatus e do discipulusiacto*. 2017. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

LEMOS, André. *Cibercultura*. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

LEMOS, André. Ciber-Cultura-Remix. In: TAVARES, Monica; VENTURELLI, Suzette. (Orgs.). *Cinético Digital*. São Paulo: Itáu Cultural, p. 71-78, 2005.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, v. 32. p. 85-93, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Flor de açafreão: Takes, cuts, close-ups*. Autêntica Editora. Edição do Kindle, 2017.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, p. VII – XXIII, 2011

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2ª ed. Petrópolis. Editora: Vozes. 2014.

MEIRELES, Gabriela Silveira. *Tecnologia da Formação Docente no Currículo dos Blogs sobre Alfabetização criados por Professoras-alfabetizadoras: saberes divulgados, relações de poder acionada e sujeitos demandados*. 2017. 256f. Tese (Doutorado Educação) – Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. As Mamas como Constituintes da Maternidade: uma história do passado? *Educação e Realidade*, v. 25, n. 2, p. 117 – 133, 2000.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). *Metodologia de Pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MILTON, Santos. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 11º ed, 2004.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e Feiura: corpo feminino e regulação social. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia. *A História do Corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVELI. Do Off-line para o Online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que tentamos levar a etnografia para internet? *Organização em textos*. Ano 6, n. 12, Jul/Dez, 2010.

PARAÍSO, Marlucy. *Currículo e Mídia Educativa Brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.) *Pesquisas sobre currículo e culturas: temas embates e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisa em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). *Metodologia de Pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy. ACirando do Currículo com Gênero, Poder e Resistência. *Currículo sem Fronteiras*. V. 16, n.3, p.388 – 415, set-dez, 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org). *Pistas para o Método Cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, Mercados e Masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. *Revista Contemporânea*. São Carlos, p. 209 – 333, v. 6, n 2, jul-dez, 2016. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/526>. Acesso em: 24 de setembro 2017.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy. Normas de Gênero em um Currículo Escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. *Estudos Feministas*, v. 22(1), jan-abr, p. 237 – 256, 2014.

RIBAS, Thiago Fortes. *Saber, Verdade e Política no Pensamento de Michel Foucault*. 2016. 165f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pós-Graduação em Filosofia do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná – Curitiba. 2016.

RIOS, Roger; OLIVEIRA, Rosa. Direitos Sexuais e Heterossexismo: identidades sexuais e discursos judiciais no Brasil. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. *Discursos Fora da Ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume. 2012

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Revista Latino America Sexualidad, Salud y Socied*, n10, p.140 – 164, abril, 2012.

ROSA, Fábio. *Não existe amor em app?* Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. Dissertação de Mestrado. 155 f. Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista. Asis, 2017.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p.137 – 205, 2001a.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? *Revista Educação e Realidade*, n 26 (1), p. 33 – 57, jan-julh, 2001b.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a forma do eu privado. In: *Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivistas e outras formas de governo do eu*. Org. Tomaz Tadeu da Silva. 2º Edição. Editora Vozes. 1999

ROST, Mariana; VIEIRA, Miriam Steffen. Convenções de Gênero e Violência Sexual: A cultura do estupro no ciberespaço. *Revista Contemporânea – Comunicação e Cultura*, v. 13, n.02 – maio-ago, p. 261 – 276, 2015.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). *Metodologia de Pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p.111-133, 2012.

SALES, Shirlei Rezende. *Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil*. 2010. 230f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2010.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2012

SANDRE-PEREIRA, Gilza. Amamentação e Sexualidade. *Estudos Feministas*, v. 11(2), jul-dez, p. 467 – 491, 2003.

SCAVONE, Lucila. Nosso Corpo nos Pertence? Discursos Feministas do Corpo. *Revista Gênero*, Niterói, UFF, v.10, n. 2, p. 47-62, set 2010.

SIBILIA, Paula. A “pornificação” do olhar: uma genealogia do peito desnudado. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (orgs). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodo*1ª ed. São Paulo, Editora Annablume, 2015a.

SIBILIA, Paula. A Nudez Autoexposta na Rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza? *Cadernos Pagu* (44), jan-jun, p. 171-198, 2015b.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Luíza Cristina Silva. *Tecnologias Política do Gênero e da Sexualidade no Espaço Escolar: Grafias atuantes no espaço da Escola Estadual Alice Loureiro em Viçosa – MG*. Monografia – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Território Contestado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 3ªed, 2015.

SOUSA, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: In: JÚNIOR, Durval; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUSA, Alípio (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 13 - 27. 2008.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TEIXEIRA, Inês A. C.; PADUA, Karla C. *Virtualidades e alcance das entrevistas*. Anais. Salvador: [s.n], CD-ROM, 2006.

VENCATO, Anna Paula. “*Existimos pela Prazer de ser Mulher*”: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. 2009. 293f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimento de Mulheres Negras e Estratégias Políticas Contra Sexismo e Racismo. In: WERNECK, Jurema (Org.). *Mulheres Negras: Um olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil*, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/886/81.pdf?sequence=1>

ZAGO, Felipe Luiz. Convites e tocaias – Considerações ético-metodológicas sobre pesquisas em sites de relacionamento. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (orgs). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e método* 1ª ed. São Paulo, Editora Annablume, 2015.

APÊNDICES

Eixos Investigativos para a Pesquisa de Campo

Dados Pessoais: nome; idade; raça; classe; profissão; onde mora; quanto tempo durante o dia passa em redes sociais e aplicativos.

- Motivações na prática do *nude selfie*

Quais são os motivos pelos quais você pratica o *nude selfie*? Existem motivações específicas?

Me explica como se sente quando tira autorretratos nus.

O que pretende quando envia autorretrato nu?

- Cibertecnologia da Sexualidade

Como você vê a questão da qualidade da foto? Se preocupa com essa questão?

Quais as formas de garantir o melhor *nude selfie*?

Quais são as características que você identifica para qualificar um autorretrato nu como bonito?

Quais as estratégias que você usa para seus objetivos na prática do *nude selfie*?

Dar o exemplo de técnica de *nude selfie* que a pesquisadora viu no ciberespaço e conversar sobre com a participante.

- Saberes do Corpo na prática do *nude selfie*

Quando olha para o *nude selfie*, seu ou de outra pessoa, você avalia? Classifica? Quais as classificações que atribui?

Você modifica o olhar sobre o seu corpo vendo *nude selfie* de outras pessoas? Como é esse processo?

- Riscos, receios e violações

Como você percebe a questão dos riscos em torno da prática do *nude selfie*?

Quais os riscos que você percebe na prática do *nude selfie*?

Você se preocupa em reduzir os riscos? Quais?

Quais os aplicativos que você mais utiliza pra relações afetivas/sexuais?

- Gênero

Você vê diferença de *nude selfie* entre os gêneros? Como são essas diferenças? Como essas diferenças te afetam?